

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

DISSERTAÇÃO

**O ENSINO DO TEXTO ARGUMENTATIVO SOB A ÓTICA
METACOGNITIVISTA EM TURMA DE OITAVO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

LYGIA MARIA ANDRADE FIGUEIRA DOS SANTOS

2015



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

**O ENSINO DO TEXTO ARGUMENTATIVO SOB A ÓTICA
METACOGNITIVISTA EM TURMA DE OITAVO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

LYGIA MARIA ANDRADE FIGUEIRA DOS SANTOS

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roza Maria Palomanes Ribeiro

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Letras**, no Programa de Mestrado Profissional em Letras, área de concentração em Linguagens e Letramento.

Seropédica

Julho de 2015

370.152

S237e

T

Santos, Lygia Maria Andrade Figueira dos,
1981-

O ensino do texto argumentativo sob a
ótica metacognitivista em turma de oitavo ano
do ensino fundamental / Lygia Maria Andrade
Figueira dos Santos. - 2015.

144 f.: il.

Orientador: Roza Maria Palomanes Ribeiro.

Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de
Mestrado Profissional em Letras.

Bibliografia: f. 88

1. Aprendizagem cognitiva - Teses. 2.
Língua portuguesa - Estudo e ensino - Teses.
3. Língua portuguesa (Ensino fundamental) -
Teses. 4. Psicologia da aprendizagem - Teses.
I. Ribeiro, Roza Maria Palomanes. II.
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Curso de Mestrado Profissional em Letras.
III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

LYGIA MARIA ANDRADE FIGUEIRA DOS SANTOS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, no Programa de Mestrado Profissional em Letras, área de concentração em Linguagens e Letramento.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 10/07/2015.

BANCA EXAMINADORA

Profª Dr. Roza Maria Palomanes Ribeiro (UFRRJ)
Orientadora

Profª Dr. Adriana Leitão Martins (UFRJ)
Avaliador externo

Prof. Dr. Maria do Rosário Roxo (UFRRJ)
Avaliador interno

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, César Provenzano Jou, pela parceria e pelo incentivo de que tanto precisei durante o curso.

Aos meus pais, Jorge Antonio dos Santos e Rosemari Andrade Figueira dos Santos, pela orientação que sempre me deram sobre a importância do trabalho e do estudo para conquista da independência.

A minha terapeuta, por ter feito com que eu me ouvisse e me entendesse nos momentos em que era difícil desacelerar.

A minha orientadora, Roza Palomanes, pela disponibilidade, generosidade e compreensão que me dispensou durante o período de trabalho.

Aos amigos Viviane de Araújo Nascimento e Fabio Alves Gomes de Oliveira, pela presença carinhosa em minha vida nos últimos anos.

À Capes, instituição que apoiou o meu percurso durante os dois anos de curso.

SINOPSE

Pesquisa sobre o ensino do texto argumentativo, em uma turma do oitavo ano do Ensino Fundamental, tendo como base estudos na área da metacognição. Apresentação da proposta de trabalho aplicada e análise de resultados.

SANTOS, Lygia Maria Andrade Figueira dos. **O ensino do texto argumentativo sob a ótica metacognitiva em turma de oitavo ano do ensino fundamental.** 144 FLS. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras), Seropédica, RJ: UFRRJ, 2015

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar o desenvolvimento de um trabalho voltado para o ensino do texto argumentativo em uma turma do Ensino Fundamental. Embasando-se em teorias metacognitivas, em especial nos estudos do pesquisador John Flavell, elaborou-se uma sequência didática que se propôs a estimular nos estudantes a consciência acerca dos seus processos de aprendizagem na produção escrita argumentativa. Os textos produzidos pelos alunos durante as atividades constituem os dados a partir dos quais se avaliou a eficácia do trabalho desenvolvido. Por meio de três eixos de observação, as produções textuais realizadas durante a aplicação da sequência didática foram comparadas às que os estudantes realizaram em etapa anterior, de análise diagnóstica e, assim, pôde-se verificar se houve ou não desenvolvimento da amostra no que diz respeito a habilidades para a escrita argumentativa. Os resultados obtidos demonstram que as estratégias selecionadas para trabalho foram bem aproveitadas pelos estudantes, que, em maioria, conseguiram utilizá-las em suas produções textuais.

Palavras-chave: TEXTO ARGUMENTATIVO, METACOGNIÇÃO, ENSINO.

SANTOS, Lygia Maria Andrade Figueira dos. **The teaching of argumentative text through the prism of metacognition in 8th grade class of elementary school.** 144 FLS. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras), Seropédica, RJ: UFRRJ, 2015

ABSTRACT

This research has a purpose to present the development of a work for teaching the argumentative text in a class of elementary school. Based on metacognitive theories, especially in studies from researcher John Flavell, a didactic sequence was created to stimulate in students an awareness about their learning processes in the production of argumentative writing. The texts produced by the students during activities constitute the data to evaluate the effectiveness of work. Through three axes of observation, textual productions made for the didactic sequence were compared to the students performance in the previous step, diagnostic analysis, and then it can be verified whether or not there was development in terms of the abilities for argumentative writing. The results demonstrate that the strategies selected for work were well used by students, which in majority, were able to use them in their textual productions.

Keywords: ARGUMENTATIVE TEXT, METACOGNITION, TEACHING.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1.PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	15
2.REVISÃO DA LITERATURA	19
3.O LIVRO DIDÁTICO ADOTADO PELA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.....	26
4.METODOLOGIA.....	29
4.1.Contextualização	29
4.2.Análise diagnóstica	31
4.3.O plano de ação	36
5.ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS	43
5.1.Das produções dos alunos: da análise diagnóstica ao texto final.....	43
5.2.Os textos de intervenção: um olhar sobre o texto do outro.....	73
5.3.Considerações finais acerca dos dados analisados.....	82
6.CONCLUSÃO	85
REFERÊNCIAS.....	88
ANEXOS.....	89
Anexo A	89
Anexo B.....	92
Anexo C	93
Anexo D.....	95
Anexo E.....	96
Anexo F.....	98
Anexo G.....	133

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Uso de exemplos por texto	70
QUADRO 2 – Explicações por texto	71
QUADRO 3 – Uso de contra-argumentação por texto	72

INTRODUÇÃO

Considerando-se a dificuldade de alunos na prática escrita, especialmente na produção de textos cujo objetivo seja defender posicionamentos, e os obstáculos enfrentados pelos professores de Língua Portuguesa no ensino da produção textual, o objetivo geral desta dissertação é apresentar reflexões e propostas acerca da prática escrita na Escola, mais especificamente com relação à habilidade argumentativa. Por meio de trabalho prático realizado com alunos de uma unidade escolar pública do Rio de Janeiro, pretende-se identificar de que maneira pode-se chegar a um ensino que, de fato, capacite os estudantes a manejar a língua de forma autônoma nas diversas situações comunicativas que lhes exijam explicitar e sustentar pontos de vista.

Decidiu-se pelo trabalho com o texto argumentativo pela importância que essa tipologia textual assume no cotidiano. Seja na modalidade escrita ou oral, seja em contextos formais ou informais, opinar e fundamentar opiniões são atividades inerentes à vida em sociedade, e a Escola, como principal instituição formadora, precisa participar desse processo de maneira eficaz, conforme destacam os PCNs (1998, p.21):

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

As bases que sustentam esta pesquisa são teorias do campo das Ciências Cognitivas, especialmente os estudos na área da metacognição. Trata-se, portanto, de uma análise que tem como premissa a ideia de que o trabalho com a escrita e com a argumentação deve ser pautado na consciência do indivíduo acerca do seu processo de aprendizagem. Flavell e Wellman (1997), citados por Ribeiro (2003, p.109), apresentam a consciência metacognitiva como determinante no processo de aprendizagem:

[...] observou-se que os sujeitos eficientes na execução de tarefas acadêmicas possuíam também competências metacognitivas bem desenvolvidas, pois demonstraram compreender a finalidade da tarefa, planejar a sua realização, aplicar e alterar conscientemente estratégias.

Por meio de estratégias metacognitivas, busca-se levar o aluno a conhecer suas características em situações de aprendizado, para que ele possa, assim, lançar mão de mecanismos para melhorar seu desempenho. O professor, nesse contexto, precisa fornecer

ferramentas para que esse processo de conhecimento cognitivo aconteça e deve orientar os aprendizes em relação às estratégias que podem ser usadas para que tenham êxito na produção escrita considerando as suas singularidades.

Nos estudos cognitivos, um conceito importante é o de Identidades Situadas, abordado por Gerhardt (2010) e considerado para essa pesquisa. Com base nessa proposta, entende-se que as experiências sociais que constituem o aluno como pessoa precisam ser consideradas no processo de ensino-aprendizagem. Com um trabalho produzido sob essa perspectiva, pretende-se que o aluno não veja na sala de aula um ambiente artificial no qual se vivenciam situações não identificáveis em sua realidade fora da escola. Ao se considerar o aluno como pessoa situada, as suas experiências pessoais e sociais são parte do processo de aprendizagem, já que são utilizadas pela escola como ponte para aquisição de novos saberes. Ou seja, é importante considerar, também, os assuntos relacionados à realidade e às experiências do aluno como parte do trabalho em sala de aula. A citação de Gerhardt (2013, p.1) corrobora essa linha de análise:

[...] o aluno é uma pessoa constituída cotidianamente por experiências que lhe definem lugares de existência, discurso e ação: lugares raciais, sexuais, de classe etc.; por isso, tais lugares precisam ser reconhecidos na escola como variáveis da construção do conhecimento.

No trabalho com produção textual, a escola tradicionalmente desconsidera o aluno como pessoa situada e trabalha com a escrita de forma padrão, sem levar em conta as características do aluno em termos de interesses e de conhecimentos prévios. Os alunos são orientados a produzir textos sobre temas quaisquer e que são analisados, muitas vezes, com o objetivo precípua de orientação em relação ao uso da norma-padrão. Um trabalho eficiente de análise, compreensão e formação de opinião é, portanto, negligenciado, pois *o que* o aluno escreve e *sobre o que* o aluno escreve são tidos como menos importantes do que *como* ele escreve. Tal formato de ensino é um dos fatores que podem explicar a dificuldade dos alunos na produção de textos argumentativos.

Oliveira (2004) afirma que durante muito tempo a escola tratou o ato de escrever como dom. Diante disso, não se consideravam algumas necessidades essenciais dos alunos para a prática escrita, como, por exemplo, conhecer previamente o assunto sobre o qual se escreveria. Segundo essa concepção de escrita como produto criativo, basta ao professor entregar um tema ao aluno que, automaticamente, ele desenvolverá uma produção textual de boa qualidade. Essa linha de análise sobre a escrita foi refutada por diversas teorias. Oliveira (2004) cita estudos de alguns pesquisadores, como Dahlet, Garcez e Meurer, que investigaram essa questão por meio

da análise do comportamento dos chamados bons escritores diante da atividade escrita. Tais estudos comprovaram que mesmo esses escritores proficientes passavam por momentos de dificuldade ao serem solicitados a escrever. Conforme expõe Oliveira (2004; p.8), “escreve-se sobre o que se tem conhecimento”. Não se pode admitir que ainda hoje as solicitações de produção escrita ocorram de maneira descontextualizada. Se assim for feito, o aluno tenderá ao fracasso, afinal, escrever é um exercício trabalhoso e que exige prática constante.

A concepção de escrita como dom também se faz presente ao analisá-la com foco na língua (Koch e Elias, 2014). Conforme propõem as autoras, sob esse viés, tem-se a ideia equivocada de que seguir as prescrições gramaticais, ter um vocabulário diversificado e, até mesmo, usar linguagem rebuscada garante a produção de um bom texto. Tais elementos são, sim, importantes na produção textual, mas não devem ser o foco de análise. Isso porque não é com o domínio das normas de ortografia e de gramática que um aluno conseguirá, por exemplo, desenvolver habilidades para defender um posicionamento. Essa concepção de escrita com foco na língua é ainda muito presente no espaço escolar e constitui uma das causas da associação que se faz entre escrita e erudição. Se se deseja criar na escola um ambiente de democratização e efetiva popularização da escrita, reflexões sobre essa concepção precisam se fazer presentes na prática pedagógica. Oliveira (2004; p.7) corrobora essa linha de análise ao afirmar:

O professor, numa atitude autoritária, ao solicitar uma produção escrita, simplesmente tem abastecido o aluno com regras gramaticais descontextualizadas e algumas “dicas” de como escrever, esperando que, como em uma receita pronta, instantaneamente, o aluno produzisse um bom texto.

Diante da ineficiência da concepção do ato de escrever como atividade criativa, acredita-se que a noção de escrita como processo seja a mais acertada para o trabalho na escola. Nessa concepção, a produção textual não é um produto acabado, mas um processo composto por várias etapas. Em outras palavras, a produção de um texto por parte do aluno constitui apenas uma dentre as diversas fases que compõem o ato de escrever.

A hipótese que motivou a pesquisa é a de que, por meio da criação e da aplicação de uma sequência didática baseada nas teorias da cognição e da metacognição, bem como na concepção de escrita como processo, poderão os alunos desenvolver habilidades para argumentar de maneira satisfatória na modalidade escrita. Objetiva-se, portanto, com a intervenção realizada, que os alunos adquiram consciência acerca da produção argumentativa e passem a produzir textos mais estruturados em termos de estratégias para a defesa de ideias. A citação de Flavell (1979, p.906) é elucidativa a esse respeito:

[...] a metacognição possui um papel importante na comunicação oral, na persuasão, na compreensão oral, na compreensão leitora, na escrita, na aquisição da linguagem, na atenção, na memória, na solução de problemas, na cognição social e em várias formas de auto-controle e auto-instrução.

Acredita-se que um trabalho realizado com base nos pressupostos apresentados nesta pesquisa habilitará o aluno na produção de textos argumentativos de forma geral, por isso, não se delimitou um gênero específico para trabalho. Entende-se que as habilidades argumentativas desenvolvidas durante a pesquisa conduzirão os aprendizes a produções textuais conscientes em qualquer gênero escrito que tenha como base a argumentação. Assim, acredita-se que a competência do aluno para produzir, por exemplo, um artigo de opinião, uma carta de reclamação ou ainda uma carta argumentativa, em outro momento de sua vida na escola ou fora dela, já terá sido estruturada, uma vez que a essência desses gêneros textuais já terá sido objeto de análise e reflexão.

A fim de elucidar o que se espera com a intervenção realizada, faz-se importante apresentar, também, os objetivos específicos da pesquisa.

1. Identificar os principais problemas relacionados à habilidade argumentativa na escrita de alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental.
2. Identificar as estratégias argumentativas que serão trabalhadas com os alunos.
3. Elaborar e aplicar uma sequência didática direcionada ao desenvolvimento do texto argumentativo, tendo como base os estudos em metacognição.
4. Avaliar a eficácia da sequência didática produzida, por meio da verificação do uso das estratégias argumentativas consideradas para trabalho nos textos dos alunos.

Este trabalho está dividido em seis capítulos. Nos dois primeiros, são apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa, ou seja, são descritos estudos que relacionam cognição e aprendizagem, teorias sobre o trabalho com argumentação em sala de aula e estudos sobre o tratamento dado pelo professor aos textos dos alunos. De forma mais detalhada, o primeiro capítulo apresenta a fundamentação central deste estudo: o modelo metacognitivo de Flavell (1979). O segundo apresenta teorias de autores que abordam o tema metacognição relacionado ao ensino e, também, estudos de pesquisadores sobre a produção escrita na escola e sobre a produção escrita especificamente argumentativa.

O terceiro capítulo é uma breve apresentação da proposta do livro didático adotado pela escola para trabalho com o texto argumentativo, exposição que se faz necessária para que se justifique a não utilização desse material na pesquisa.

O quarto capítulo é dividido em três seções e apresenta a metodologia utilizada na pesquisa. A primeira seção, intitulada Contextualização, apresenta informações relacionadas ao grupo com o qual se trabalhou e as etapas da pesquisa. A segunda seção, Análise Diagnóstica, aborda as ações realizadas para e durante a diagnose e apresenta os direcionamentos definidos para elaboração da sequência didática. A terceira seção apresenta o plano de ação, em que a sequência didática é detalhada, e demais direcionamentos acerca da avaliação dos resultados e da realidade do trabalho.

O capítulo 5, também dividido em três seções, constitui etapa de apresentação e análise dos textos e de avaliação de resultados. Na primeira e na segunda seções, são apresentadas as sequências de textos produzidos pelos alunos seguidas de suas análises. Na terceira seção, é feita uma avaliação geral dos resultados obtidos.

No capítulo 6, por fim, tem-se a conclusão do trabalho, com a retomada de alguns aspectos teóricos e práticos abordados.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O conceito que fundamenta a pesquisa desenvolvida é o de metacognição, campo da cognição que começou a ser estudado nos anos de 1970 e desenvolveu-se nas décadas seguintes por estudiosos de variadas áreas de conhecimento, principalmente da psicologia. Um dos pesquisadores mais atuantes e reconhecidos no início desses estudos é Flavell e são as suas proposições as consideradas como base deste trabalho.

Uma das primeiras definições apresentadas por Flavell (1979) é a de que metacognição é o processo mediante o qual o indivíduo realiza operações cognitivas, além de acompanhá-las enquanto elas acontecem. Percebe-se por esse conceito que, neste momento dos estudos sobre o tema, a metacognição refere-se apenas à consciência acerca da própria cognição, desconsiderando-se as intervenções do indivíduo no processo. Com o desenvolvimento dos estudos, novos conceitos são agregados às pesquisas e o entendimento acerca da metacognição vai sendo modificado. Como consequência, vários modelos metacognitivos são propostos, sendo, porém, o enfoque do processamento da informação, apresentado pela Psicologia Cognitiva, o adotado por Flavell em suas pesquisas. Diante das variadas conceituações sugeridas por diversas áreas de conhecimento, o autor identificou a necessidade de se estabelecerem limites a respeito dos domínios da metacognição, uma vez que seria necessário compreender que nem todos os fenômenos de consciência psicológica relacionavam-se a esse conceito. Assim, Flavell (1979) propõe um modelo em que se consideram: o conhecimento metacognitivo, as experiências metacognitivas, os objetivos cognitivos e as ações cognitivas, estrutura em que os elementos citados encontram-se o tempo todo em relacionamento. O conhecimento metacognitivo seria o conhecimento que o indivíduo possui acerca de suas características psicológicas e mentais, bem como o conhecimento que possui sobre a cognição do outro; as experiências metacognitivas seriam os conhecimentos do indivíduo em situações cognitivas, ou seja, suas percepções conscientes em um determinado evento cognitivo; os objetivos cognitivos constituiriam a consciência acerca das metas a serem alcançadas em situações cognitivas e, por fim, as ações cognitivas seriam as estratégias conscientes que o indivíduo realiza para atingir seus objetivos cognitivos.

Flavell ainda especifica os elementos que comporiam o conhecimento metacognitivo, estabelecendo três variáveis: a variável de pessoa, que corresponde ao conhecimento que o indivíduo tem acerca da cognição universalmente, da cognição dos outros e da sua própria cognição; a variável da tarefa, relacionada ao conhecimento das pessoas sobre como lidar com

as informações; e a variável da estratégia, que se refere ao conhecimento que se tem acerca dos resultados de uma estratégia e da eficácia dos seus resultados.

Para uma análise prática dos conhecimentos apontados por Flavell em seu modelo, pode-se pensar, por exemplo, na leitura de um artigo para posterior apresentação a um grupo de alunos. O indivíduo que vivenciará tal atividade sabe que precisa fazer uma leitura atenta, entende que pode se deparar com informações novas, com pesquisas ainda não conhecidas e sabe que há possibilidade de precisar ler o texto mais de uma vez para que o compreenda de forma consistente (conhecimento metacognitivo). Durante a leitura do artigo, o indivíduo também consegue perceber se a leitura está fácil ou não e se compreendeu ou não os conceitos apresentados (experiência metacognitiva). A leitura também é realizada sabendo-se que apenas compreender conceitos não é suficiente, pois precisa transformar esse entendimento em informações didáticas, já que sabe que apresentará o conteúdo a um grupo de alunos (objetivos cognitivos). E, por saber desse objetivo, utiliza estratégias que o auxiliem nessa preparação didática, como pensar em exemplificar os conceitos com informações facilmente identificáveis pelo grupo de alunos que assistirá à apresentação, destacar no próprio artigo alguns trechos que auxiliem uma apresentação didática, etc. (ações cognitivas).

Além do modelo proposto, Flavell (1987), citado por Jou e Sperb (2005), também destaca, como indispensável, identificar que tipo de informação em cada tipo de processo cognitivo seria necessário para monitorar e regular esses processos, e quais seriam os indicadores cognitivos considerados para análise. Por exemplo, em um evento cognitivo de leitura, Flavell (1987) propõe que a velocidade com que essa leitura é realizada seria um indicador acerca da compreensão ou não do conteúdo. Essa consciência permitiria ao indivíduo ir adequando as suas estratégias de leitura visando à compreensão do texto.

Acredita-se que o conhecimento do professor acerca das teorias propostas por Flavell, e outros estudiosos da metacognição, pode ser decisivo no processo de ensino-aprendizagem do texto argumentativo, uma vez que, por meio desses conhecimentos, ele poderá intervir junto a cada aprendiz, oferecendo-lhe ferramentas que o faça identificar onde estão os problemas em sua argumentação, de forma que as estratégias para a melhoria do texto sejam redefinidas. Em outros termos, pode-se dizer que analisar as produções do aluno com base nos conceitos de metacognição é uma forma de estimular, no aluno, a autorregulação. Conforme aponta Ribeiro (2003, p.114):

Idealmente, os professores funcionam como mediadores na aprendizagem e agem como promotores da autorregulação ao possibilitarem a emergência de planos pessoais.

Na produção de um texto argumentativo, o aluno precisa, primeiramente, compreender quais são as suas características cognitivas básicas em situações nas quais precisa defender pontos de vista, precisa identificar, por meio de leituras diversas, o que significa ser um bom e um mau argumentador, precisa presenciar outras pessoas defendendo opiniões. Essa etapa de contato é importante para que o aluno tenha conhecimento do domínio específico que está sendo trabalhado. Apenas após esse conhecimento, ele poderá desenvolver-se em termos de metacognição, conforme expõem Jou e Sperb (2006, p.179):

O modelo de Flavell (1987) destaca [...] a possível interação entre o desenvolvimento dos processos metacognitivos e os processos de informação elementares, referindo-se à influência das limitações no conteúdo específico sobre a aquisição de algum tipo de metacognição. Isto é, o conhecimento metacognitivo específico de determinado domínio se desenvolveria só depois do sujeito ter suficiente conhecimento sobre esse domínio. E exemplifica, dizendo que um indivíduo não alfabetizado nunca poderia desenvolver habilidades metacognitivas para a leitura.

Comumente, em sala de aula, identifica-se que a etapa de conhecimento do domínio específico ocorre de maneira superficial, em que o aluno é posto em contato com um ou dois textos modelares e, em seguida, já é solicitado a produzir algo no mesmo estilo. Os processos metacognitivos, dessa forma, não se desenvolvem, pois não houve apropriação do domínio previamente. Com o domínio acerca da própria argumentação e da argumentação do outro, estabelece-se o conhecimento metacognitivo e os novos conhecimentos do modelo de Flavell (experiência metacognitiva, objetivos cognitivos e ações cognitivas) podem ser estimulados.

Na segunda etapa, em que o aluno começa a produzir textos argumentativos, é preciso que ele compreenda quais são as suas dificuldades e as suas habilidades nesse tipo de evento. A intervenção do professor nesse momento é importante para que o aluno compreenda que estratégias estão sendo bem empregadas e quais ainda precisam ser repensadas. Com esse trabalho, adentra-se na experiência metacognitiva proposta por Flavell. Faz-se necessário que o professor corrija o texto do aluno utilizando estratégias que evidenciem onde estão os problemas argumentativos e mostrando por que se trata de problemas. Esse tipo de análise ajudará o aluno a redefinir os seus objetivos na produção do texto argumentativo e definir estratégias para não incorrer no problema novamente, etapa relacionada a ações cognitivas. Acredita-se, portanto, que os exercícios de refacção sejam indispensáveis no processo.

Em relação aos objetivos cognitivos, trata-se de um ponto de grande importância no trabalho com o texto argumentativo. Ainda que o aluno compreenda que o objetivo de seu trabalho seja apresentar uma argumentação consistente, outros objetivos, mais específicos, precisam ser considerados, como, por exemplo, o de convencer determinada pessoa a respeito de alguma coisa, provar a inadequação de análise de outra etc. Dessa forma, é necessário que o aluno compreenda, de maneira clara, com que propósito está argumentando.

Considerando-se, portanto, todos os elementos da estrutura apresentados por Flavell (1979), acredita-se que o professor, com esse conhecimento, seja capaz de criar uma estratégia pedagógica que, de fato, produza reflexão e gere resultados satisfatórios no trabalho com a escrita argumentativa em sala de aula.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Além das teorias de Flavell, os estudos de outros pesquisadores, que desenvolvem pesquisas relacionando aprendizagem, metacognição e cognição, também ajudam a construir as estratégias que serão usadas na pesquisa que se apresenta.

De Lucia e Hocevar (2008, p.239) propõem algumas reflexões sobre o ensino da produção escrita na escola:

Ensina-se a se escrever reflexivamente na escola? Por que os alunos demonstram pouca familiaridade e pouca motivação quando são solicitados a escrever e revisar os seus textos e de seus companheiros? Por que, em geral, a atividade de revisar textos é exclusiva do professor e os alunos se limitam a receber de maneira passiva as observações do professor? É possível a ruptura com a atual “cultura escolar” para se avançar no desenvolvimento da cognição e da metacognição?

Tais questionamentos são também motivadores da pesquisa, uma vez que estimulam um olhar diferenciado para as ações de ensino-aprendizagem. Como, neste trabalho, tem-se como proposta a aplicação de uma sequência didática para ensino do texto argumentativo, formulá-la considerando essas perguntas é importante para que se estrutrem atividades de reflexão consciente e de participação efetiva dos estudantes. Escrever reflexivamente na escola é produzir textos voltados a situações reais, identificáveis na vida em sociedade, e ter consciência acerca das habilidades que se utilizam e daquelas que se precisa desenvolver para lograr êxito na prática comunicativa.

Sobre a revisão de textos, a tarefa de análise do professor é essencial para nortear a consciência do aluno acerca dos seus processos cognitivos, no entanto, se o que se objetiva é o desenvolvimento do conhecimento metalinguístico em níveis mais complexos, é preciso que eles também participem de atividades de análise textual. Romper com o atual formato de ensino não é tarefa fácil devido a problemas de diversas ordens na estrutura educacional vigente, no entanto, por meio do conhecimento acerca das reflexões apresentadas e das teorias expostas, pode-se encontrar um caminho viável, em que o aprendiz consiga se conhecer como aprendiz, monitorar-se durante as tarefas e autorregular-se no aprendizado. As reflexões feitas com base nos questionamentos de De Lucia e Hocevar (2008) são, portanto, incentivadoras de uma nova prática pedagógica e contribuem para a pesquisa que se apresenta.

Monereo (1994), citado por De Lucia e Hocevar (2008), sugere três princípios norteadores para uma prática pedagógica com base metacognitiva. O primeiro princípio aponta para a necessidade de os estudantes se conhecerem como aprendizes. O professor atua nesse

processo ajudando-os na identificação de suas dificuldades, de suas habilidades, de suas motivações. O segundo princípio diz respeito à reflexão que os alunos devem ter acerca do modo como aprendem. O professor, nesse sentido, deve guiar o aluno na análise de suas ações durante uma tarefa cognitiva. Como terceiro princípio, tem-se a ideia de que o professor deve estimular a consciência do aluno acerca do propósito da aprendizagem bem como orientá-lo no que diz respeito aos objetivos da tarefa e das suas expectativas sobre os resultados.

Com base nesses princípios, a sequência didática produzida contempla algumas atividades de refacção e de análise e, portanto, faz-se necessário entrar mais profundamente em teorias relacionadas a esses temas. Sercundes (2000), citado por Oliveira, 2004, defende a existência de duas etapas básicas na escrita como processo: a preparação prévia e a reescritura. A primeira diz respeito a tudo o que se fornece ao aluno para que se estabeleça um ambiente propício à escrita. Nessa etapa, podem-se realizar atividades que tenham como objetivo fazer o aluno refletir sobre um conteúdo específico, ou então, atividades que o faça conhecer um gênero textual com o qual se deseja trabalhar etc. A segunda etapa, a reescritura, diz respeito ao que o professor e o aluno farão com aquilo que se produziu. Nesse sentido, cabe pensar no papel do professor como avaliador do texto e no papel do aluno como sujeito ativo diante dessa avaliação. Dessa forma, tem-se a “escrita como trabalho, em que escrever é um processo contínuo de aprendizagem” (Oliveira, 2004; p.7).

Os estudos de Ruiz (2013) sobre a produção textual na escola oferecem contribuições acerca das atitudes do professor e do aluno em exercícios de refacção. Segundo a autora, a ação mais comum na escola tem sido analisar os textos dos alunos com base na concepção de escrita com foco na língua, em que a correção do professor limita-se a uma busca por desvios gramaticais e ortográficos. Para que o professor atue com base na ideia de escrita como processo, é necessário que suas intervenções façam o aluno refletir sobre o todo textual. Ruiz (2013) divide os tipos de correção em dois grupos: a revisão monológica e a revisão dialógica. A revisão monológica é caracterizada como um tipo de intervenção que, de alguma forma, desconsidera o discurso do outro, estabelecendo como adequada unicamente a voz do analisador. Esse é o caso das chamadas correções resolutivas, em que o próprio professor altera o texto do aluno, organizando períodos, reestruturando frases, mudando vocabulário etc. Nesse caso, o aluno não usará seus próprios métodos para melhorar a qualidade do texto, pois esse trabalho já foi realizado. Caberá a ele analisar e compreender as modificações propostas pelo professor e utilizá-las na reescritura. A revisão dialógica, de forma oposta, considera as duas vozes na construção do texto, a do aluno e a do professor. Nesse caso, o professor, utilizando-

se de variadas metodologias¹, indica os problemas verificados no texto e propõe que o próprio aluno encontre soluções para eles na reescritura. Sobre esses dois formatos de correção considerados por Ruiz (2013), é necessário destacar que ambos têm sua importância dentro do processo de ensino da escrita, se atuarem como atividades complementares. Isso porque, conforme conclui Ruiz (2013, p175):

A análise que fiz dos dados revelou que correções monológicas, isto é, intervenções do tipo resolutivo, instauram uma relação assimétrica entre professor e aluno, na qual apenas aquele detém o saber sobre o texto, e condicionam um determinado tipo de revisão por parte deste: cópias mecanizadas de soluções propostas pelo professor. Revelou, em contrapartida, que correções dialógicas, [...] dada a simetria que instauram nessa mesma relação, na qual tanto professor como aluno são detentores do saber sobre o texto, acabam gerando outro tipo de revisão: alterações bem ou malsucedidas, [...] que revelam, contudo, uma tentativa do aluno de rever seu discurso, assumindo-se como autor.

A autora destaca também outro aspecto significativo identificado em seus estudos: a efetividade das correções globais acompanhando as correções locais. Compreende-se por correção global a intervenção que se faz sobre aspectos que extrapolam os limites do texto e que, portanto, conduzem o aluno a uma análise do todo produzido. Já a correção local refere-se a aspectos microestruturais e que conduzem à reflexão acerca de fenômenos situados na linearidade do texto. Em termos práticos, pode-se dizer que, ao se destacar no texto do aluno um desvio relacionado à regência, por exemplo, se está agindo no nível local e, ao se escrever um bilhete com considerações sobre, por exemplo, a força/debilidade argumentativa verificada em sua produção, se está agindo no nível global. A esse respeito, Ruiz (2013, p.176) observa:

[...] revisões pós-correções locais se apresentam como uma espécie de varredura dos problemas “epidérmicos do texto”, constituindo-se numa mera higienização textual; já revisões pós-correções globais mostram um trabalho subcutâneo do aluno para além da higienização. Enquanto as primeiras se voltam apenas para os aspectos formais da expressão, estas últimas, contrariamente, voltam-se para a relação entre a forma de expressão e seu sentido.

Aliar as teorias metacognitivas ao trabalho que se realiza no ensino do texto argumentativo significa o rompimento com a tradição escolar no que diz respeito à prática da escrita. Isso porque, apesar de os PCNs orientarem sobre a necessidade de a Escola capacitar os alunos no que concerne aos saberes linguísticos para plena participação social, na prática, o trabalho com a escrita, quando há, dá-se de maneira pouco reflexiva, com foco no ensino de

¹ Ruiz (2013) cita Serafini (1989) para explicar três tipos de correções classificadas como dialógicas: a correção indicativa, a classificatória e a textual-interativa.

estruturas dos gêneros textuais e na correção ortográfica e gramatical. O texto argumentativo é, inclusive, pouco estimulado no Ensino Fundamental, conforme será exposto a seguir.

Nas Orientações Curriculares para o Ensino de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro (2013), propõe-se o trabalho com o texto argumentativo no oitavo ano. De acordo com esse documento, as habilidades a serem desenvolvidas em relação ao tema são:

Localizar informações explícitas em um texto dissertativo/argumentativo. Inferir informações e outros conteúdos implícitos em texto dissertativo/argumentativo e literário. Identificar as diferentes intenções e comparar as opiniões/pontos de vista em textos com o mesmo tema que misturam descrições, análises e opiniões. Identificar o tema e/ou a tese de um texto informativo e/ou argumentativo. (OCELP-SME/RJ, 2013, p.45-48)

Percebe-se, por essa redação, que o texto argumentativo é proposto para estudo, porém apenas por meio de análise de produções modelares. Não há indicação para a prática argumentativa, nem na modalidade escrita nem na oral. Os temas das provas oficiais de produção de texto da Rede comprovam essa falta de espaço para o texto argumentativo em sala de aula. Convém citar os temas das produções oficiais aplicadas em 2014 para que se evidencie a questão.

No primeiro bimestre, o tema foi: escolha um dos livros que você leu neste bimestre e explique resumidamente a história, obedecendo à estrutura da narrativa (situação inicial, conflito gerador, clímax e desfecho). No segundo bimestre: escreva uma entrevista com o personagem principal do livro que você leu neste bimestre. No terceiro bimestre: destaque o personagem principal de um dos livros lidos neste bimestre, descreva suas características e conte sobre sua participação na história. No quarto bimestre: crie um artigo de opinião (texto de base dissertativo-argumentativa) sobre uma atitude marcante de um dos personagens do livro que você leu neste bimestre.

Verifica-se, pois, que apenas na última proposta o aluno é convocado a opinar e a defender posicionamentos, o que comprova a negligência ao trabalho com a escrita argumentativa de maneira efetiva na escola.

A crítica feita a esse modelo de ensino, que desprivilegia a tomada de posição, se justifica pela observação da própria dinâmica da sociedade, em que os indivíduos são, a todo tempo, solicitados a se expor de maneira consistente. Adilson Citelli (1995) afirma que o elemento persuasivo está colado ao discurso como a pele ao corpo e que é muito difícil rastrear

organizações discursivas que escapem à persuasão. No ambiente escolar, especificamente na escola pública, o trabalho com a argumentação é essencial para que os indivíduos que ocupam locais sociais considerados como de menor prestígio possam ser competentes para se expor e para ter seus discursos ouvidos. Trata-se de um trabalho necessário, portanto, para que não se perpetuem relações de dominação, já que a habilidade persuasiva é também uma forma de poder social. Nesse contexto, o trabalho com a argumentação em sala de aula deve ser pensado para além do currículo, como questão ideológica e de transformação social. Citelli (1995, p.41) aponta que:

A ponte por onde transita a mistificação da competência é a palavra, é o discurso burocrático-institucional com seu aparente ar de neutralidade e sua validação assegurada pela cientificidade. Afinal, quem afirma é o doutor, o padre, o professor, o economista, o cientista etc.! Isso ajuda a perpetuar as relações de dominação entre os que falam a e pela instituição e os que são por ela falados. Os segundos, sem a devida competência, ficam entregues a uma espécie de marginalidade discursiva: um reino do silêncio, um mundo de vozes que não são ouvidas.

Nesse contexto, faz-se também importante lembrar a sociedade grega, onde se iniciou a preocupação com o domínio da expressão verbal. Nas escolas clássicas, ministravam-se disciplinas que tinham como objetivo capacitar os indivíduos em relação ao domínio da linguagem, à arte da persuasão. Isso porque a competência linguística, principalmente no que diz respeito ao ato de argumentar, era compreendida como uma espécie de alicerce para que se pudesse viver a democracia. Na sociedade contemporânea, a relação entre democracia e linguagem também precisa ser compreendida pelos que atuam no ambiente escolar.

Para efetivação dessa linha de análise, o trabalho de pesquisa se dará por meio da tipologia argumentativa. Conforme propõem Muller e Winter (2009, p.1):

[...] trabalhar com o artigo de opinião talvez seja uma das melhores formas de levar o nosso aluno a ler e escrever de maneira reflexiva, crítica, expondo suas próprias opiniões sobre os mais diversos assuntos que circulam no meio em que vive, e sustentando-os de maneira lógica e consistente.

Apesar de essa pesquisa não se pautar especificamente no gênero artigo de opinião, a citação apresentada relaciona-se de maneira significativa com o trabalho realizado, uma vez que, em todas as produções de texto da sequência didática, os alunos tiveram que apresentar opiniões e defendê-las.

A importância da tipologia argumentativa justifica-se, entre outros fatores, por sua abordagem extralinguística, conforme já mencionado, o que contribui para que o trabalho seja

visto pelos alunos como um conteúdo que não se limita ao ambiente escolar. Acredita-se, também, que o formato das atividades da sequência didática instigue a autonomia do aprendiz, uma vez que não somente o professor analisará discursos e defesas de ponto de vista, mas o próprio aluno participará do processo de avaliação do outro e de si mesmo. Identificar juízos de valor, posicionar-se, pensar sobre as questões cotidianas, questionar a estrutura social, todas essas ações constituem a base do trabalho com a argumentação na escola e podem instigar no aluno uma postura social ativa, o que vai ao encontro do que se disse acerca da estreita relação entre democracia e a palavra. De acordo com Muller e Winter (2009, p.2):

[...]o gênero artigo de opinião se adequa perfeitamente à proposta dos PCNs de levar o aluno, através da leitura, a identificar juízos de valor, tanto socioideológicos quanto histórico-culturais, associados à linguagem e à língua, por meio do levantamento e análise tanto dos indicadores lingüísticos como extralingüísticos presentes no texto. Sendo um gênero de discurso que busca o convencimento do outro de uma determinada ideia, pode-se falar também em argumentação [...].

O texto argumentativo permite a utilização de atividades reflexivas e diversificadas, por isso, acredita-se não ser o ideal utilizar um material padronizado para o trabalho. Ainda que um livro didático apresente bom conteúdo, considerando a avaliação do professor, dificilmente ele estará totalmente de acordo com as características do grupo com o qual se atua. É preciso que haja uma avaliação individualizada acerca de qual e de como o conteúdo – lingüístico e extralingüístico – será inserido no trabalho. Nesta pesquisa, este é o fator que justifica a não utilização do livro didático adotado pela escola na sequência didática, conforme se explicará com mais detalhes no próximo capítulo. Entre os pesquisadores da área da cognição, tem sido considerado como essencial no processo de ensino-aprendizagem o conceito de Situatividade, que significa pensar no aluno de maneira individual, considerando o seu universo, os seus interesses e as suas características. De acordo com Gerhardt (2013, p.3):

[...] o foco dos planejamentos curriculares de língua portuguesa tem recaído sobre *a língua*, e não sobre *os alunos*, daí se considerarem as condições de produção dos materiais lingüísticos, mas não as condições em que os alunos constroem significados em contato com eles em sala de aula, e com quais objetivos e recursos o fazem.

Acredita-se que as teorias e os estudos apresentados possam ser significativos para a construção de um trabalho mais reflexivo de produção textual na escola. Para além de conteúdo curricular com vistas a avaliações internas, entende-se que, utilizando-se esses conceitos como alicerces na prática de pesquisa, se pode realizar uma mudança na visão de mundo do aluno, bem como fazê-lo enxergar-se como aprendiz, identificando sua forma de aprender e

estimulando a autorregulação de seus processos cognitivos para um melhor desempenho em variadas situações de aprendizado.

3 O LIVRO DIDÁTICO ADOTADO PELA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Para melhor compreensão acerca do livro didático adotado pela escola, faz-se importante apresentar alguns detalhes acerca de como o texto argumentativo é proposto para trabalho. A referida sequência encontra-se no livro didático do Projeto Teláris, produzido pela Editora Ática.

Toda a sequência didática do livro é apresentada em onze laudas, contendo dois textos modelares, exercícios de compreensão, exercícios de análise de linguagem, teorias sobre estrutura textual e proposta de debate. A primeira lauda expõe uma apresentação do que será estudado no capítulo. Fala-se sobre a necessidade de defender ideias sobre assuntos polêmicos no dia-a-dia, explica-se o que seriam os argumentos de um texto e expõe-se de forma explícita a expressão Texto de Opinião. Por fim, há um diálogo direcionado a alunos, com o objetivo de fazê-los refletir sobre de que forma eles defendem suas opiniões no cotidiano.

Na próxima lauda, o aluno é convidado a ler o texto *Insegurança*, de Contardo Calligaris, em que se aborda o tema Adolescência, focando-se na insegurança característica dessa fase da vida. Após o texto, são apresentados exercícios de compreensão textual e de análise da linguagem utilizada pelo autor do texto. Em seguida, há uma breve informação sobre a estrutura do texto argumentativo. Nesse momento, fala-se brevemente sobre Introdução, Desenvolvimento e Conclusão e são propostos alguns exercícios para localização de argumentos nos parágrafos do texto lido.

Em sequência, é apresentado o texto 2, intitulado *Eu sou normal*, de Adélia Chagas, publicado em uma revista. A autora escreve sobre a tendência do adolescente de hoje de não se inserir em tribos, explicando que, ao contrário do que acontecia nos anos de 1980, os jovens de hoje transitam em vários grupos. Exercícios de compreensão textual e análise de linguagem também estão presentes nesse momento. Por fim, é proposto um debate sobre o tema *Adolescência e insegurança*, em que se sugere uma divisão da turma para que, em grupos, sejam elaborados argumentos para sustentar pontos de vista sobre o tema.

O primeiro aspecto a ser analisado acerca da sequência didática descrita relaciona-se ao tema dos textos modelares. Como se trata de um material voltado para o oitavo ano do Ensino Fundamental, é necessário que se utilizem temas relacionados à vida do aluno. O tema adolescência é, portanto, aparentemente adequado, uma vez que trata de situações vividas pelos aprendizes. No entanto, uma análise apurada do professor é essencial para esse trabalho, uma

vez que, considerando o aluno como pessoa situada, nem todos os indivíduos da mesma faixa etária terão os mesmos interesses temáticos. Para a turma com a qual se trabalhou nesta pesquisa, por exemplo, o assunto Adolescência, provavelmente, não despertaria interesse. Prova disso foram as sugestões de assuntos que eles próprios apresentaram para trabalho durante as atividades da sequência didática, a saber: descriminalização da maconha, marcha das vadias, aborto. Trata-se de um grupo interessado em temas realmente polêmicos.

No que se refere à autonomia do aluno na compreensão e na elaboração de textos opinativos, percebe-se um problema central: não há propostas para produção textual no livro didático. As atividades de escrita relacionam-se a questões de compreensão do texto que, em maioria, não conduzem a uma compreensão acerca do tipo de texto trabalhado. Um trabalho efetivo de produção de texto opinativo deveria contemplar ao menos duas produções de texto, uma para análise diagnóstica e outra ao final da sequência didática. Dessa forma, de acordo com o modelo didático de De Lucia e Hocevar (2008), o desenvolvimento metacognitivo estaria sendo estimulado nos alunos, servindo de material analítico importante para o professor e para o grupo. Essa avaliação das dificuldades no início e ao final da tarefa é de grande importância para a formação do que se pode nomear Leitores Efetivos, conforme aponta Brown, citado por Ribeiro (2003, p.110):

reconhecer a dificuldade na compreensão de uma tarefa, ou tornar-se consciente de que não se compreendeu algo, é uma habilidade que parece distinguir os bons dos maus leitores. Os primeiros sabem avaliar as suas dificuldades e/ou ausências de conhecimento, o que lhes permite, nomeadamente, superá-las, recorrendo, muitas vezes, a inferências feitas a partir daquilo que sabem. Esta autora chama, assim, a atenção para a importância do conhecimento, não só sobre aquilo que se sabe, mas também, sobre aquilo que não se sabe, evitando assim, o que designa de ignorância secundária não saber que não se sabe.

Em relação ao debate proposto ao final da sequência didática do livro, pode-se dizer que se trata de uma estratégia adequada, uma vez que os alunos precisarão refletir sobre a melhor maneira de defender seus pontos de vista e perceberão na prática a eficácia ou não dos argumentos escolhidos. Tem-se no debate também um momento importante para o professor falar sobre contra-argumentação e sobre quais são as características de uma argumentação eficiente. Uma avaliação em grupo conduzida pelo professor após o debate faz-se necessária para que o desenvolvimento metacognitivo se mantenha como norteador do processo.

Os livros didáticos podem ser auxílios para a prática em sala de aula, mas devem ser utilizados em paralelo à análise crítica do professor. Avaliar a adequação dos textos propostos

à realidade da turma, ter definidos os objetivos do trabalho realizado e comparar com os objetivos do livro, inserir atividades que desenvolvam a metacognição – em geral pouco presentes nos livros didáticos – são ações essenciais para que se consiga realizar um trabalho de qualidade em sala de aula em termos de produção escrita.

4 METODOLOGIA

4.1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Uma vez que se objetiva pensar a teoria por meio de análise de situações práticas, decidiu-se pelo método pesquisa-ação. Trata-se de um formato de investigação em que se busca refletir sobre a prática para aperfeiçoá-la. As teorias funcionam, portanto, como suporte às ações realizadas. De acordo com Engel (2001, p.182):

Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta.

Dessa forma, os conhecimentos teóricos relacionados aos estudos em metacognição fundamentaram esta pesquisa, que foi estruturada nas seguintes etapas:

- . Verificação das dificuldades dos alunos na escrita do texto argumentativo, por meio de avaliação diagnóstica. Esta etapa é fundamental para a identificação de estratégias a serem aplicadas, visando-se a alcançar os objetivos da pesquisa.
- . Criação de uma sequência didática composta por atividades que estimulem a resolução dos problemas identificados, objetivando-se desenvolver nos alunos habilidades para a produção argumentativa na forma escrita.
- . Aplicação da sequência didática.
- . Análise individualizada do desenvolvimento dos alunos, por meio da avaliação dos textos que produziram, e análise geral do desempenho do grupo.
- . Verificação acerca da eficácia da sequência didática aplicada, considerando o objetivo geral da pesquisa, que é o desenvolvimento dos alunos na escrita de textos argumentativos.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, situada na região central do bairro de Santa Cruz. Trata-se de uma unidade de pequeno porte que atende da Educação Infantil até o nono ano do Ensino Fundamental. A presença da comunidade no dia-a-dia da escola é um fator importante, pois o contato da Direção e dos professores com os responsáveis acontece de maneira facilitada. A unidade escolar é conhecida na região como rigorosa em relação às normas disciplinares e possui bom conceito

nas avaliações oficiais da Rede, se comparado a outras escolas da região. Atende, também, a alunos de comunidades carentes.

Para realização da pesquisa, escolheu-se uma turma de oitavo ano, pois se trata de uma série em que o texto do tipo argumentativo deve começar a ser ensinado, segundo as Orientações Curriculares da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Outro fator que motivou a escolha dessa turma é o empenho dos alunos na aquisição de conhecimento. Trata-se de um grupo heterogêneo em termos de letramento, mas com muitos indivíduos críticos e interessados no desenvolvimento da própria comunicação. A turma é tida na escola como problemática em termos de comportamento, pois todos são bastante agitados, no entanto, são também participativos e criativos. Há trinta e seis alunos, na faixa etária aproximada de 13/14 anos, sendo dois deles repetentes.

Traçar um perfil da turma em termos de habilidades comunicativas é difícil, pois há alunos muito desenvolvidos nesse aspecto e outros com muita defasagem. Além disso, alguns dos que apresentam, na comunicação escrita, problemas severos, considerando a série em que se encontram, são articulados na comunicação oral. De forma geral, o grupo consegue bom desempenho nas avaliações oficiais de produção escrita da Rede, em que são solicitados a produzir textos descritivos, resumos, narrativas.

A realização de um trabalho voltado para a produção argumentativa nesta turma teve como motivação o que se observou em uma das aulas de Língua Portuguesa, que passo a relatar. Após um debate sobre a greve dos rodoviários que ocorria no Rio de Janeiro, apesar de, oralmente, os alunos defenderem bem seus posicionamentos sobre o tema, demonstraram muita dificuldade ao serem solicitados a escrever sobre o que haviam acabado de falar. Os textos produzidos apresentaram argumentação inconsistente e desorganização, o que não condizia com o que se tinha observado no momento informal de reflexão sobre o assunto. Alguns dos textos produzidos foram exibidos para análise coletiva e, em alguns casos, os autores tiveram dificuldades para compreender que as ideias apresentadas não estavam de acordo com o que expuseram oralmente. Esses fatos foram significativos para que se pensasse em um trabalho direcionado para a argumentação com o grupo, uma vez que, ao se perceber que os alunos não conseguiram visualizar a diferença entre a argumentação bem estruturada da fala e a argumentação precária da escrita, evidenciou-se a falta de consciência do grupo a respeito de seus processos de construção de significados.

Identificou-se que uma possível maneira de contribuir para o desenvolvimento do grupo seria trabalhar o texto argumentativo pela perspectiva da metacognição. Isso porque, além da dificuldade que apresentaram com esse tipo textual, demonstraram também ausência de consciência a respeito dos seus próprios processos de aprendizagem, o que impediria a criação de estratégias de autorregulação. Conforme aponta Flavell (1979, p.908):

Experiências metacognitivas podem ter efeitos importantes para os objetivos e tarefas cognitivas, para o conhecimento metacognitivo e para as ações e estratégias cognitivas. Primeiramente, podem auxiliar no estabelecimento de um novo objetivo e na revisão ou abandono do que foi previamente pensado.

A consciência a respeito da própria aprendizagem seria, pois, a base do trabalho com a turma, uma vez que permitiria a identificação do que se pretendia na realização da tarefa e de que maneira ela poderia ser mais bem desenvolvida.

4.2 A ANÁLISE DIAGNÓSTICA

Para iniciar a pesquisa, decidiu-se por uma análise diagnóstica formal. Foi solicitada, em uma questão de prova bimestral, pequena produção escrita em que seria necessário opinar e fundamentar opinião sobre determinado tema. O objetivo da análise diagnóstica era apenas compreender a habilidade que os alunos já possuíam na produção escrita argumentativa e coletar informações para o direcionamento do trabalho que seria iniciado.

Partindo-se do conceito de Identidades Situadas, buscou-se primeiramente identificar que assunto suscitaria interesse no grupo e, ao mesmo tempo, estaria relacionado ao seu contexto social. No contato com a turma durante as aulas, verificou-se como bastante presente a reprodução de discursos racistas pela maior parte dos alunos. Ainda que alegassem se tratar de brincadeiras, a reprodução desses discursos legitima o problema racial de que os próprios aprendizes são vítimas e a escola não pode deixar de intervir nesse cenário. Foram selecionados textos verbais e não verbais sobre preconceito racial para debate em aula, o que gerava empenho e participação da turma. O assunto foi, portanto, o selecionado para uma produção escrita argumentativa, que serviria como análise diagnóstica.

Como o texto diagnóstico seria produzido pelo grupo na prova bimestral, foi entregue, trinta dias antes da avaliação, um artigo de opinião intitulado *Contra o racismo, nada de bananas, nada de macacos, por favor!*, de Douglas Belchior, publicado na Revista Carta

Capital². Os alunos foram orientados a ler o texto, conversar com os pais sobre o assunto e analisar as perspectivas apontadas pelo autor. Foram informados de que refletir sobre as ideias do texto, concordando ou não com as posições de Belchior, os auxiliariam na produção do texto argumentativo da prova. Os alunos se interessaram pela leitura porque tratava de um assunto de grande repercussão, que foi o lançamento de uma banana no jogador Daniel Alves, por um torcedor, durante uma partida de futebol. O fato, na época, foi bastante comentado nas redes sociais e gerou a campanha conhecida como “Somos Todos Macacos”. Apesar do interesse do grupo acerca do tema tratado, considerando as dificuldades que poderiam surgir na leitura, debateu-se o texto em uma das aulas. Na avaliação, o tema proposto para produção textual teve a seguinte redação: Produza um pequeno texto em que você apresente sua opinião a respeito do seguinte tema: “Um indivíduo que adquire fama e dinheiro fica mais ‘protegido’ em relação ao preconceito racial?”. Desenvolva o texto de forma consistente, apresentando ideias que sirvam para confirmar seu ponto de vista.

Analisando-se os textos produzidos para a diagnose, percebeu-se que a maior parte dos alunos se posicionou sobre a pergunta-tema, mas a linha de raciocínio exposta para a defesa da opinião se deu por meio de afirmações generalizadas e pouco desenvolvidas. Em alguns casos, observaram-se incoerências e ideias impraticáveis como tentativas de argumentação. Em algumas produções, verificou-se também tangenciamento ao tema. Nesses casos, o aluno falou sobre o assunto geral – racismo – e não sobre o tema específico.

Para se analisar a diagnose de forma mais clara, podem-se listar os problemas identificados da seguinte forma: 1. Tangenciamento ao tema; 2. Apresentação de afirmações generalizadas e pouco desenvolvidas; 3. Incoerência; 4. Apresentação de ideias impraticáveis; 5. Argumentação facilmente contestável. Tais observações evidenciam o pouco conhecimento dos alunos em termos de estratégias possíveis para a defesa de suas ideias na modalidade escrita.

Para melhor compreensão dos problemas citados, seguem-se alguns textos em que essas ocorrências podem ser percebidas.

Texto 1.

Eu acho que os indivíduos quando adquirem fama e dinheiro ficam mas protegidos do racismo pos eles não precisam mas ficar nestes ambientes racistas não precisam

² Anexo A.

conviver mas com isto e claro que nem por isso eles não vão ser alvos do racismo e claro que vão pois tem sempre um retardado para fazer isto.

Nesse texto, o aluno se posiciona em relação à pergunta-tema, afirmando que as pessoas que adquirem fama e dinheiro ficam mais protegidas do racismo, mas, ao final, se contradiz, dizendo que a fama e o dinheiro não impedirão que as pessoas sejam alvo do racismo. Além da incoerência, percebe-se também afirmação generalizada e pouco desenvolvida ([...] *ficam mas protegidos do racismo pos eles não precisam mas ficar nestes ambientes racistas não precisam conviver mas com isto [...]*).

Texto 2.

As minhas opiniões são, que devemos fazer campanhas, para vê quem apoia o racismo e quem não apoia. Essa história de racismo não deveria existir. Eu não acho nada legal isso que os torcedores fizeram com o Daniel Alves eu espero que essa pessoa que fez isso com o jogador, se arrependa e nunca mais faça isso.

Neste outro exemplo, percebe-se que o aluno não apresentou seu ponto de vista sobre o tema e abordou apenas o assunto – o racismo. Além disso, desenvolveu o texto por meio de uma proposta impraticável para o problema (*fazer campanhas, para vê quem apoia o racismo e quem não apoia*). Convém destacar, também, que o texto todo foi produzido por meio de opiniões, sem defesa de ideias.

Texto 3.

Eu acho que sim, porque a pessoa que tem dinheiro e pode ter tudo que quiser não se importa com esse ato de racismo, porque se quiserem ficar branco só fazer a cirurgia que o Michael Jackson fez.

No texto 3, percebem-se também generalizações e ideias pouco desenvolvidas. O aluno afirma que a pessoa que tem dinheiro pode tudo o que quiser e não se importa com o racismo. Tal afirmação, sem exemplos e sem maiores explicações, não valida a opinião do autor.

Texto 4.

Isso na minha opinião também é racismo! Então se você não tiver dinheiro ou fama você não terá segurança? Acho que essa é uma forma de separação de classes sociais, pobres e ricos.

O meu objetivo era fazer um movimento contra o racismo, e para que meu ponto de vista seja aprovado eu filmaria pessoas que não tenham uma boa condição pedindo ajuda para pessoas que tenham, então eu veria a reação deles. Assim nos saberíamos quem é racista e quem não é.

Muitas pessoas se fazem de boas e na verdade mentem.

E então eu veria quem estaria certo ou errado.

No texto 4, além de o aluno não ter respondido à pergunta-tema, desenvolveu sua análise por meio de uma proposta que não auxilia na defesa de um ponto de vista: ação para identificar quem é ou não racista.

Além dos problemas listados, identificaram-se, também, dois aspectos favoráveis à argumentação em alguns textos: o uso de exemplos e a estruturação de um pequeno período de justificativa a respeito da opinião exposta. Os textos dos poucos alunos que utilizaram tais recursos se diferenciaram dos demais em termos de qualidade textual argumentativa, uma vez que se pôde perceber, nestas produções, opinião e fundamentação de forma clara. Neste momento inicial, em que nenhum aluno havia tido contato com a tipologia argumentativa de maneira formal, o uso de exemplos e de justificativas indicou que estes possuíam conhecimento instintivo acerca da prática argumentativa, faltando-lhes apenas compreender, conscientemente, tais recursos como estratégias para a sustentação de seus pontos de vista. Tal análise foi válida para orientar o trabalho a ser realizado na sequência didática, pois se entendeu que se alguns estudantes conseguiram inserir justificativas e exemplos de forma intuitiva, os demais, na mesma série e de mesma faixa etária, poderiam, também, ser capazes de se desenvolver por meio desses recursos.

A inserção de justificativas, após a explicitação da opinião, e de exemplos foram, então, os dois primeiros recursos considerados como importantes para o trabalho durante a pesquisa. A seleção destas duas estratégias se fundamenta tanto no que se observou sobre os textos que se destacaram na diagnose, conforme já explicado, como no que renomados estudiosos expõem a respeito de tais recursos. Em relação à presença de justificativa, Othon M. Garcia (2006, p.240) esclarece a importância que esta apresenta na produção do texto argumentativo:

A apresentação de razões é processo típico da *argumentação* propriamente dita, isto é, daquela variedade de composição em prosa ou de exposição oral, cuja finalidade é não apenas definir, explicar ou interpretar (dissertação) mas principalmente convencer ou persuadir. Ora, só convencemos ou persuadimos quando apresentamos *razões*.

Sobre o uso de exemplos, Othon M. Garcia (2006, p.235) também destaca:

[...]a citação de exemplos não constitui, propriamente, o desenvolvimento, mas uma espécie de comprovante ou elucidante. [...] É, como todos reconhecem, um processo eminentemente didático. Na maioria das vezes, segue-se, uma definição denotativa à enunciação de um princípio, regra ou teoria, ou, ainda, a uma simples declaração pessoal.

Justificativas e exemplos, portanto, foram definidos como duas das estratégias argumentativas a serem estimuladas na sequência didática elaborada. Somada a estas, selecionou-se uma terceira: a contra-argumentação. Esta constitui um recurso argumentativo mais complexo se comparado aos dois primeiros e de significativa importância para que se viabilize a compreensão acerca da escrita argumentativa. Nas atividades em que o aluno precisa contestar ideias, habilidades essenciais para a produção argumentativa são desenvolvidas, como análise da força ou debilidade de um argumento, consciência a respeito da própria argumentação, construção de argumentos tendo como base possíveis refutações. Acredita-se ser pela contra-argumentação que o aluno conseguirá entender a persuasão como objetivo precípua do texto argumentativo e, por isso, atividades que contemplem esta estratégia estarão presentes de maneira consistente na sequência didática aplicada. Sobre a contra-argumentação, Othon M. Garcia (2006, p.387) também explana a respeito de seu papel na argumentação escrita:

Essa é a estrutura típica da argumentação informal, tanto na língua falada quanto na língua escrita. Em alguns casos, ela se faz por contestação ou refutação, com ou sem concordância parcial, quando se procura negar tese ou opinião alheia [...]

Portanto, a partir da verificação dos textos da diagnose e de teorias relacionadas ao texto argumentativo, definiu-se que a sequência didática elaborada deveria capacitar os alunos em relação às seguintes estratégias: 1. Exemplificação, a fim de que as ideias expostas se tornem mais concretas ao leitor; 2. Explicação, para que o aluno compreenda a necessidade de justificar o ponto de vista apresentado e 3. Contra-argumentação, para que o aluno se valha de reflexões sobre contestações possíveis a sua defesa e, assim, consiga desenvolver argumentos mais consistentes.

Entende-se que, explicando o motivo pelo qual se optou por determinada tomada de posição, apresentando exemplos que comprovem a linha de raciocínio exposta e utilizando a

contra-argumentação, os textos serão produzidos com maior qualidade, ou seja, os problemas identificados poderão ser minimizados.

Cabe esclarecer que esta pesquisa se destinará a observar, nos textos produzidos pelos estudantes, se as três estratégias consideradas para trabalho foram utilizadas e de que forma este uso ocorreu. Não se tem como proposta, neste estudo, analisar se cada um dos aspectos verificados como problemáticos na análise diagnóstica foram extintos das produções. Acredita-se que os alunos que conseguirem utilizar as estratégias selecionadas em suas produções estarão em um estágio de conhecimento mais avançado do que naquele em que se encontravam no momento da diagnose. Como se sabe, tais estratégias não são as únicas a serem utilizadas para ensinar o texto argumentativo, no entanto, optou-se por delimitar o trabalho em apenas três eixos de observação para que se garantisse a viabilidade da pesquisa, que foi realizada em um período curto de tempo.

A análise das produções constituiu etapa-base para a estruturação de uma proposta pedagógica que atendesse às necessidades do grupo, pois, a partir do perfil verificado, pôde-se elaborar uma sequência de atividades direcionadas às características da turma, evitando-se a invisibilidade do aluno.

4.3 O PLANO DE AÇÃO

A partir da observação a respeito de quais eram os problemas mais frequentes e comprometedores nas produções do grupo, bem como da definição de quais aspectos deveriam ser considerados como foco de trabalho, foi produzida uma sequência didática, estruturada com base nas seguintes propostas.

1. Apresentar temas que possibilitem dois posicionamentos contrários e que estejam relacionados à realidade da turma. Usar temáticas que sejam questionamentos reais do grupo é essencial para que haja engajamento na atividade, conforme já se expôs ao se falar sobre Identidades Situadas.
2. Estimular a tomada de posicionamento sobre os temas selecionados e a defesa de ideias.
3. Conduzir o grupo a análises das linhas de raciocínio apresentadas, a fim de que haja julgamentos acerca do poder de convencimento do discurso do outro e do seu próprio discurso.
4. Oferecer textos de opinião sobre os assuntos tratados, de forma que as estratégias argumentativas empregadas por seus autores, especialmente a exemplificação e a inserção de justificativas, sejam percebidas e analisadas.

5. Orientar sobre a contra-argumentação e estimular o seu uso como estratégia para defesa de ideias e reflexão.
6. Utilizar atividades de reescritura para autoanálise e definição de novas estratégias.
7. Mesclar debates e produções escritas.
8. Oferecer análises comparativas individuais sobre as produções textuais produzidas ao longo do trabalho.

Esses foram elementos-base para que se estruturasse a sequência didática apresentada a seguir:

Primeiro dia – Como um problema frequente nesta turma é o uso de aparelhos celulares durante as aulas, o assunto foi utilizado como parte da primeira atividade. Foi levado ao grupo o seguinte questionamento para debate: o celular deve ser liberado em sala de aula? Os alunos foram informados de que deveriam apresentar respostas que convencessem o professor e os colegas de turma. Todas as respostas apresentadas foram anotadas e ficaram expostas durante a atividade. Ao término do debate, os alunos foram solicitados a dizer que alunos foram mais convincentes e que características os fizeram ser os melhores (essas análises foram também anotadas e expostas). Em seguida, o professor iniciou uma análise individual dos argumentos exibidos com o objetivo de mostrar quais linhas de raciocínio eram facilmente contestáveis e por que. Neste momento, falou-se também sobre a importância de se pensar na contra-argumentação para melhor defender posicionamentos. Por fim, cada aluno recebeu quatro textos para leitura extraclasse, dois em que os autores defendiam o uso dos celulares em sala e dois em que eram mostrados argumentos contrários a esse uso. O grupo foi informado de que a análise dos argumentos de cada autor seria realizada na aula seguinte.

Segundo dia – Os textos entregues na aula anterior foram lidos em sala e analisados. Ao final de cada leitura, os alunos diziam se a defesa do ponto de vista do autor havia sido boa ou ruim, citando trechos do texto. Como última atividade do dia, solicitou-se uma produção textual sobre o tema em debate.

Faz-se importante ressaltar que as atividades de análise da argumentação do outro são de grande importância para o trabalho dentro da linha metacognitivista. Isso porque se trata de atividades que conduzem o aluno à reflexão. Ao analisar – e julgar – a argumentação do outro, está-se, também, criando consciência sobre a própria argumentação. Por isso, esse tipo de atividade foi

inserido de maneira frequente nesta sequência didática, tanto nos dois primeiros dias, conforme se observou, quanto nos dias seguintes, detalhados a seguir.

Terceiro dia – Os textos produzidos no segundo dia foram distribuídos de forma que nenhum aluno recebesse seu próprio texto. Como atividade individual, cada aluno deveria apresentar em uma ficha a sua análise acerca da produção recebida. O foco do trabalho era dizer se a argumentação do colega foi boa, mediana ou ruim e, em seguida, analisar os argumentos apresentados. O formato dessa atividade tem como base a proposta de escrita como processo, conforme se detalhou em Revisão da Literatura. O aluno precisa ser atuante na tarefa de produzir textos e deve compreender a escrita como um trabalho contínuo. Analisar o texto de outro aluno, apontando falhas e sugerindo mudanças, é uma forma de estimular esse olhar atuando sobre o texto. Para melhor compreensão da atividade, seguem transcrições dos textos produzidos pelos alunos. O primeiro texto refere-se à produção textual solicitada no segundo dia e o segundo texto, à atividade de análise realizada no terceiro dia.

Texto 1:

O uso do celular em sala de aula, na minha opinião, deve ser liberado não para uso próprio, mas sim para pesquisas escolares, trabalhos, usar a Educopédia etc. Mas devemos também usufruir para meio de comunicação, para coisas importantes do dia-a-dia.

Texto 2:

Argumentação mediana, porque a pessoa não desenvolveu seu ponto de vista. Argumento 1: O autor fala no texto que “o uso celular em sala deve ser liberado para pesquisas escolares”. Esse ponto de vista dele foi fraco, porque na própria escola já temos sala de informática e geralmente não fazemos pesquisas em sala e também esse argumento foi muito mal explicado deveria se desenvolver um pouco mais para o leitor entender. Argumento 2: o autor fala que o celular deve ser liberado para o uso da Educopédia. Primeiramente nem todos os professores usam a Educopédia, acho que seria somente uma desculpa para o uso das redes sociais, Educopédia seria muito pouco para a liberação. Argumento 3: O autor fala que devemos usar o celular também para o meio de comunicação. Não entendi muito que meio de comunicação? Quais meios de comunicação? Necessariamente precisaria do celular? Na minha opinião, o melhor meio de comunicação é a fala.

Quarto dia – Neste dia, cada aluno recebeu o seu próprio texto (o que foi produzido no segundo dia) – com anotações do professor relacionadas aos aspectos microestruturais e à argumentação – e a ficha de avaliação do seu texto (a que foi produzida no dia terceiro dia pelo colega de turma). Com esse material em mãos, foi solicitado que reescrevesse o próprio texto, baseando-se nas análises recebidas para melhorar a argumentação.

As atividades de reescritura são de grande importância ao se trabalhar com base nas teorias metacognitivas, uma vez que rever o próprio texto e tentar melhorá-lo em determinado aspecto são tarefas que auxiliam o estudante a redefinir os seus objetivos cognitivos e a pensar sobre as ações que devem ser tomadas para alcançar êxito na atividade. O trabalho do professor, neste momento, baseia-se no conceito de revisão dialógica, abordado em Revisão da Literatura, cujo objetivo é estimular a reflexão do aluno sobre a sua própria escrita e permitir que, com seus próprios recursos, reestruture o seu texto a fim de melhorá-lo. A reescritura de forma orientada é, portanto, uma forma de o professor oferecer ao aluno algumas das ferramentas de que ele necessita para desenvolver-se na produção textual argumentativa.

Quinto dia – No quarto dia, foi perguntado aos alunos que tema gostariam de debater no quinto dia do projeto. Cada aluno escreveu uma sugestão em um papel e entregou ao professor. O assunto mais votado foi a descriminalização da maconha. Dessa forma, foram selecionados para trabalho dois vídeos sobre o tema, um com argumentos contrários e outro com argumentação favorável. Após exibição dos dois vídeos, os alunos foram orientados de que a sala seria dividida em três partes. De um lado ficariam todos os que defendem a descriminalização, do lado oposto, todos os que são contrários à medida e, no centro, os alunos que ainda não têm opinião formada sobre o assunto. O objetivo da atividade era que cada grupo apresentasse seus argumentos para convencer os demais, alocados nos outros grupos. Assim, os membros de cada grupo poderiam mudar de lugar conforme fossem convencidos pelos argumentos expostos. Após a atividade, o professor lhes informou que no sexto dia do projeto fariam um texto sobre o tema e que poderiam também fazer pesquisas extraclasse sobre o assunto.

Sexto dia – Produção textual sobre o tema abordado no quinto dia. Tema: A maconha deve ou não ser descriminalizada?

Sétimo dia – Análise coletiva de alguns dos textos produzidos no sexto dia. Para essa atividade, foram selecionados três textos produzidos pelos alunos sobre o tema “Descriminalização da maconha”. A turma foi dividida em grupo e cada um dos grupos deveria fazer sua análise

acerca dos textos. Após tempo determinado, cada texto foi exibido em Datashow e debatido pelos alunos e pelo professor, tendo como base a eficácia da argumentação apresentada.

Oitavo dia – Produção textual com o mesmo tema da análise diagnóstica. Direcionamento: você acha que o indivíduo que tem fama e dinheiro está mais protegido do racismo? A repetição do tema da diagnose deve-se ao fato de que era nossa intenção, de início, apenas comparar a produção 1 com a 5 (ou seja, comparar o texto produzido na diagnose com a reescrita do texto) para verificação da evolução do aluno na escrita argumentativa. A partir da análise dos textos obtidos, percebeu-se que tal formato de análise não seria o mais adequado para verificação de resultados, conforme será detalhado na parte final desta seção.

Nono dia – Entrega, a cada aluno, de uma avaliação geral de desempenho, com comentários acerca do que o aprendiz conseguiu desenvolver, em termos de estratégias para a defesa de ideias, e do que ainda precisa ser desenvolvido. Além dessa avaliação geral, cada aluno recebeu também a xerox de todos os textos produzidos durante a intervenção.

Cabe destacar que, apesar de a turma na qual a pesquisa foi realizada possuir 37 alunos, para análise, somente as produções de 20 alunos estão sendo utilizadas como dados. Isso porque, tendo as atividades sido realizadas em apenas nove encontros, alunos ausentes em uma ou mais atividades da sequência didática perderam conteúdos importantes para serem incluídos, de forma satisfatória, na pesquisa. Percebeu-se que os alunos que não estiveram presentes, por exemplo, em um dia de produção textual mostraram-se pouco familiarizados com o conteúdo na atividade seguinte. Acredita-se que uma sequência de atividades mais duradoura não acarretaria defasagem, uma vez que o conteúdo perdido por uma falta do aluno poderia ser recuperado em outro momento, por meio de outras atividades semelhantes. Na realidade desta pesquisa, no entanto, não foi possível destinar mais tempo para a realização do trabalho, uma vez que o ensino dos demais conteúdos previstos no currículo, bem como a viabilização de projetos interdisciplinares definidos pela instituição, demandaram tempo significativo de execução. O desenvolvimento da pesquisa, portanto, precisou se adequar à rotina institucional estabelecida.

Outro aspecto importante sobre a pesquisa refere-se aos desvios ortográficos e gramaticais presentes nos textos que serão apresentados. Ainda que tenha havido intervenções em relação aos aspectos microestruturais durante a aplicação das atividades, não foi esse o foco do trabalho. Nas produções de texto elaboradas pelos alunos, a maior parte das observações do professor referiu-se à qualidade argumentativa.

Devido à heterogeneidade do grupo com o qual se trabalhou, em termos de habilidades comunicativas, decidiu-se pela realização de uma análise individualizada dos aprendizes. De acordo com o conceito de Identidades Situadas, já abordado neste trabalho, o aprendizado de cada aluno deve ser analisado de maneira independente, uma vez que o desenvolvimento de habilidades ocorre de forma diferente em cada indivíduo. A ideia de escrita como processo também justifica esse tipo de olhar para os dados obtidos, já que orienta para o aprendizado em etapas. Dessa forma, a análise se dará por meio da avaliação do processo de escrita de cada aluno, em um primeiro momento, e por uma análise geral de desempenho do grupo em seguida. Ou seja, serão apresentados, em ordem cronológica, os cinco textos produzidos por cada aprendiz com as devidas considerações ao final de cada sequência e, depois, serão expostos quadros que destacam o uso das estratégias consideradas para trabalho por cada aluno. Em seguida, serão apresentados e analisados, também, os textos de intervenção que os alunos realizaram por meio da observação da produção de seus colegas de classe, conforme detalhado no terceiro dia da sequência didática aplicada. Somente após as sequências de texto e as intervenções de todos os alunos selecionados tiverem sido expostas – juntamente com as respectivas análises – será apresentada uma avaliação em nível maior, considerando os aspectos gerais observados no grupo de acordo com os eixos determinados como foco de trabalho.

Para otimização da apresentação analítica, decidiu-se pela exposição da sequência e da análise de textos de dez aprendizes, o que corresponde a 50% do total de alunos envolvidos no projeto. As dez sequências não apresentadas no corpo deste trabalho foram também analisadas e os resultados obtidos estarão presentes nos quadros de resultados, disponíveis também no capítulo seguinte, junto aos resultados obtidos pela análise dos textos transcritos.

A proposta inicial de análise era comparar o texto da diagnose com o texto final, de mesmo tema. No entanto, percebeu-se que essa linha de observação não poderia ser a base do trabalho, uma vez que o desenvolvimento dos alunos não se deu de forma progressiva. Ou seja, alguns alunos apresentaram produções similares, em termos de estratégias para defesa de ideias, nas produções 1 e 5, sendo que, nas demais, testaram as estratégias de argumentação selecionadas como foco do trabalho (explicação, exemplificação e contra-argumentação). Dessa forma, entende-se que comparar apenas os textos das extremidades não seja o suficiente para se avaliar a consciência do estudante sobre a argumentação durante o trabalho. O foco das análises foi, portanto, a verificação das estratégias empregadas na sequência como um todo. É preciso considerar, também, questões externas, que desfavoreceram a produção do texto final.

Este foi produzido na última semana de aula, momento em que os alunos já haviam feito todas as provas e não estavam mais demonstrando interesse nas atividades propostas em sala de aula.

5 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

5.1 DAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS: DA ANÁLISE DIAGNÓSTICA AO TEXTO FINAL.³

Sequência 1 – Aluno A

Análise diagnóstica

O mundo é preconceituoso. Se não forem racistas, são homofóbicos, são “classe superior”. “Classe superior” que não sofre com a discriminação pela polícia, que não é acusada de ser do tráfico de drogas, que não é chamada de “pobre favelada”. Como diz Belchior, ignorar e rir é fácil, para os ricos, que mesmo “afetados” com o preconceito saem ilesos de toda discriminação. Não são eles os “pretos pobres favelados”, mas sim, os que “estudam e lutaram por um futuro melhor”, “os que ouviram seus pais e tiveram sorte de se tornarem ricos”.

A mais de 500 anos, negros e negras lutam contra todo preconceito racial existente, dando a própria vida para defender sua raça, seus costumes.

Mesmo não tendo a cor considerada “preta”, sou negra. Negra no sangue, na raça, nos costumes, na pele, mesmo sendo considerada “parda”.

Lutarei pela minha cor, pelo meu povo. Não aceitarei ser considerada macaca por ser negra. Tenho cabelo duro, tenho nariz largo, tenho o sangue negro correndo em minhas veias.

Texto 2

“Quanto mais se proíbe, mais se quer”. O uso dos aparelhos eletrônicos nas salas de aula tem sido cada vez mais frequentes. A proibição seria a melhor opção?

Como seria se o mundo digital entrasse no universo escolar? Como disse a especialista em educação, Lisa Nielsen, “a escola que proíbe o uso de celulares, vira uma prisão”. A liberação é positiva, pois com a integração desses dois mundos, alunos poderiam recuperar o gosto pela leitura, da escrita, do estudo e o descobrimento de novas formas de ensino através da internet.

³ As sequências de textos dos 20 alunos participantes encontram-se digitalizadas no Anexo F.

Usaríamos somente para trabalhos? Não, pois a utilização das redes sociais também seria um meio de agrupar mais os alunos e as atividades escolares dentro e fora da sala.

Com a liberação, também teríamos o controle e poderíamos entrar em acordo com os horários de uso.

Estamos na era tecnológica, aulas sem tecnologia não fazem parte do cotidiano.

Texto 3

Quanto mais se proíbe, mais se quer”. O uso de aparelhos eletrônicos nas salas de aula tem sido cada vez mais frequente, proibir seria a melhor opção? Como seria se o mundo escolar entrasse no universo digital?

Segundo uma pesquisa feita pela especialista em educação, Lisa Nielsen, a escola que proíbe o uso dos aparelhos celulares vira uma prisão. A liberação é positiva, pois, com a integração desses dois mundos, alunos poderiam achar atividades através da internet que os ajudassem a aprender mais fácil e de uma forma mais descontraída, podendo fazer disputas em sites de perguntas e respostas com os outros colegas de classe. Esse seria um meio pelo qual o professor teria mais facilidade para dar suas aulas e através disso, alunos poderiam descobrir o gosto pela leitura e pela escrita.

Mas será que nos prenderíamos somente para esse método de uso? Não, pois a utilização das redes sociais também poderiam ajudar os alunos a se conhecerem mais e melhor. Com fóruns, os alunos poderiam discutir fora de sala questões sobre os temas abordados em trabalhos e depois, discutir em sala sobre a conclusão tomada.

Texto 4

Muitas pessoas comentam sobre a liberação da maconha, mas se referem apenas ao seu uso funcional para medicamentos feitos através da substância que é retirada da maconha, o cannabis.

Sou a favor da legalização da maconha, mas principalmente da descriminalização da mesma. Jovens são presos por portarem pequenas quantidades para uso próprio e muitas vezes são obrigados a pagar suborno para policiais quando são parados na rua.

As pessoas dizem que a maconha além de ser alucinógena é viciante, porém não vicia. A maconha só mexe com o sistema nervoso central, provocando alucinações momentâneas para quem usa. Usuários dizem usar para se esquecerem dos problemas e apenas relaxarem por algum momento.

O cannabidiol, remédio feito a partir da extração da cannabis, é um remédio que tem ajudado pacientes terminais contra as conculções recorrentes. Relatos já foram feitos confirmando que o remédio é eficaz contra a doença dos pacientes. O cannabidiol, por ser feito de material contido na maconha, também é proibido no Brasil. Pacientes gastam milhões com a injeção que é exportada de países onde se é permitido o uso.

Texto final

Agora a história é diferente. Podemos ver negros hoje em dia se formando em universidades federais e tendo a oportunidade de ter um emprego considerado decente.

Em locais que somente brancos trabalhavam, os negros tomam os seus lugares. Podemos ver isso refletido nos Estados Unidos, onde a décadas atrás havia separação de bairros para negros e pobres e bairros para brancos e ricos, o povo elegeu Barak Obama como presidente, figura que governa a grande potência americana.

No Brasil, vemos ícones aclamados pelo povo que são negros assumidos como Taís Araújo, Lázaro Ramos, Babu Santana, Douglas Silva entre tantos outros. Vemos também no futebol jogadores negros que sofrem até hoje com o racismo como o jogador Daniel Alves, o goleiro Aranha e outros que são internacionalmente famosos.

A fama e principalmente o dinheiro protegem inteiramente o indivíduo que comete o racismo, assim como ocorreu com Pelé, jogador brasileiro considerado negro por sua cor, mas com pensamentos que sofreram um processo de branquização, que também ocorre com vários artistas negros.

No caso do Aranha, o ex-jogador Pelé se manifestou dizendo que o goleiro foi exagerado na hora de processar uma das torcedoras do Palmeiras. O grande rei do futebol também disse que em sua época como jogador, também foi chamado de macaco e não foi por isso que tomou tais atitudes.

Vemos um comentário totalmente racista da parte do Pelé, que é negro, mas sofreu uma mudança de pensamento sobre sua cor quando conquistou a fama e o poder.

Vemos também a pouco tempo no Teleton, o grande e aclamado apresentador e dono do SBT, Silvio Santos, fazer um comentário racista, onde disse a uma menina negra que tinha o sonho de ser atriz e cantora que com o seu cabelo não iria conseguir conquistar seus sonhos.

A todo momento a mídia televisiva nos impõe um pensamento em que os negros não dão aparentes em nossa sociedade, sendo que no Brasil, consiste uma maioria negra.

Os direitos têm que ser conquistados cada vez mais e com mais rapidez. Chega de desrespeito e preconceito, vamos mudar.

No primeiro texto dessa sequência, é possível deduzir a opinião do aluno acerca do tema, mas não se pode afirmar que tenha havido tomada de posição de maneira explícita. A fala do autor do texto motivador, transcrita pelo aluno, foi o único momento em que o tema foi tratado em sua especificidade (*Como diz Belchior, ignorar e rir é fácil, para os ricos, que mesmo “afetados” com o preconceito saem ilesos de toda discriminação.*). O aluno tangencia o tema falando mais sobre o racismo do que sobre a ideia de proteção pela fama e pelo dinheiro. Em termos de coerência interna, o primeiro texto não apresenta problemas, no entanto, a explanação foi mais expositiva do que argumentativa.

Nos textos 2 e 3, já se podem identificar as estratégias argumentativas trabalhadas na sequência didática. Em ambos, há uma defesa clara de ponto de vista – o aluno explicita que o uso dos celulares em sala de aula é positivo – e também apresenta explicações a respeito da opinião (*[...] pois com a integração desses dois mundos, alunos poderiam recuperar o gosto pela leitura, da escrita, do estudo e o descobrimento de novas formas de ensino através da internet.*). Cabe observar que o texto 3, produzido após intervenção do professor e de outro aluno, apresenta mais exemplificações do que o texto 2 na tentativa de melhorar a argumentação (*A liberação é positiva, pois, com a integração desses dois mundos, alunos poderiam achar atividades através da internet que os ajudassem a aprender mais fácil e de uma forma mais descontraída, podendo fazer disputas em sites de perguntas e respostas com os outros colegas de classe.*). A contra-argumentação também está presente nos dois textos por meio de perguntas (*Usaríamos somente para trabalhos? / Mas será que nos prenderíamos somente para esse método de uso?*), em que o aluno apresenta possíveis críticas a seu posicionamento e tenta

desqualificá-las. A contra-argumentação também é verificada no texto 4, por meio das expressões *Muitas pessoas comentam* e *As pessoas dizem*.

No texto 4, o aluno A não apresentou um período específico para explicar a sua opinião, utilizou exemplos e contra-argumentação como justificativa ao seu posicionamento. No último texto, o aluno apresenta a sua opinião, ainda que de forma diferente do esperado. Em vez de falar sobre o dinheiro e a fama como possíveis protetores dos indivíduos que sofrem discriminação, o aluno falou sobre proteção aos que praticam atos racistas. Exemplificações e explicações também estão presentes em toda a produção. Analisando-se a sequência como um todo, observa-se que as três estratégias consideradas como foco do trabalho foram experimentadas pelo aluno.

Sequência 2 – Aluno B

Análise diagnóstica

Ficará mais protegido mas não evitará idiotas racistas de xingar ao outro por sua cor porque hoje em dia o sujeito pode ser o homem mais poderoso do mundo mas por causa da sua cor ele sofre preconceito mas não é como um negro ou até um branco pobre sofre com mais frequência.

Texto 2

O uso dos celulares deveriam ser liberados mas como um bom uso, como: o professor ter um planejamento de aula para os alunos trazerem o celular, ter um momento livre para o uso desses aparelhos e uma auto-conscientização dos alunos para saber usar adequadamente e não ficar jogando, mexendo no e-mail, facebook como mostra as pesquisas de como está sendo usado na maioria das vezes o uso do celular pelos alunos.

Texto 3

O uso dos celulares deveria ser liberado mas por meio de um bom uso, como: o professor ter um planejamento de aula para os alunos trazerem o celular, ter um momento livre como o recreio para o uso desses aparelhos e uma auto-conscientização dos alunos para saber usar adequadamente o celular em sala de aula e não ficar jogando, mexendo no e-mail e Facebook, como mostrou uma pesquisa feita em um país norte-americano de como está sendo usado na maioria das vezes o uso do celular pelos alunos.

Texto 4

Na minha opinião a maconha só deveria ser liberada no uso medicinal e no uso pessoal não porque esse tipo de droga é viciante entre outras, origina o tráfico de drogas e o crime em principalmente em lugares de classe média baixa. E minha opinião qualquer um morador que mora ou já morou perto de alguma “boca de fumo” nunca aprovaria e já não aprova tudo que ver como o sofrimento dos dependentes químicos o crime e roubos para sustentarem o vício.

Texto final

Na minha opinião o dinheiro e a fama ajudam a diminuir o preconceito dos indivíduos mas vai ter sempre alguém que vai fazer comentários racistas.

Algumas pessoas famosas que sofreram preconceito: o goleiro do Santos o Aranha e o lateral do Barcelona o Daniel Alves que são exemplos de como a fama e o dinheiro não protegem do preconceito racial. E o Daniel Alves disse uma vez em uma entrevista que desde que chegou no Barcelona sofre com o preconceito racial.

No texto da análise diagnóstica, o aluno se posiciona claramente sobre o tema, mas desenvolve o texto por meio de generalizações ([...]porque hoje em dia o sujeito pode ser o homem mais poderoso do mundo mas por cauza da sua cor ele sofre preconceito[...]). Não há, na produção, exemplos ou explicações que comprovem a opinião apresentada. A estratégia de contra-argumentação também não foi desenvolvida.

Os textos 2 e 3 não apresentam diferenças significativas entre si. Neles, o aluno se posiciona explicitamente sobre o tema – afirmando que a liberação dos celulares em sala de aula deve ocorrer, mas de forma controlada – e dá exemplos de como deve ser feito esse controle. Nos dois textos, não foram desenvolvidas explicações, o aluno apenas cita *uma pesquisa feita em um país norte-americano* para tentar confirmar que a liberação do celular de forma mediada é o ideal.

No texto 4, percebe-se a tentativa de argumentar por meio de explicações. O aluno afirma que a maconha só deve ser liberada para uso medicinal e condena o uso recreativo, pois *esse tipo de droga é viciante entre outras, origina o tráfico de drogas e o crime em principalmente em lugares de classe média baixa.*

No texto final, o aluno utiliza exemplificações como estratégia para defesa de seu ponto de vista (*o goleiro do Santos o Aranha e o lateral do Barcelona o Daniel Alves que são exemplos de como a fama e o dinheiro não protegem do preconceito racial. E o Daniel Alves disse uma vez em uma entrevista que desde que chegou no Barcelona sofre com o preconceito racial*). Percebe-se, nesta sequência, que o aluno testou a exemplificação (nos textos 2, 3 e 5) e a explicação (no texto 4). A contra-argumentação não foi utilizada em nenhuma das produções.

Sequência 3 – Aluno C

Análise diagnóstica

Os negros ricos a maioria não sofrem preconceito por causa da fama e pelo dinheiro, já o negro pobre sofre muito preconceito, se ainda tivesse o mesmo nível de preconceito com negros, uma pessoa negra ia presa por jogar boneca no boeiro.

Texto 2

O uso de celulares deve ser utilizado na sala de aula, pois existe muitos jogos que podem ajudar na educação tais como Minecraft Pocker que ajuda na criatividade, subway surfers que melhora a atenção entre muitos outros.

Os celulares também podem ser utilizados para trabalhos de português, exemplo, se a pessoa que comprar um livro, dependendo do livro essa pessoa pode baixa-lo em formato PDF e para pesquisas, exemplo se você não sabe o significado de uma palavra, você iria poder pesquisar.

Texto 3

O uso dos celulares deve ser liberado na sala de aula, pois o uso do celular pode beneficiar o aluno e o professor. Exemplo: se o professor acha um site que fala e explica algo sobre a sua matéria, ele poderia enviar o link ou escrever o link no quadro, poderia também ser utilizado como um meio mais rápido de pesquisas significadas de palavras.

O pior é que ninguém pode garantir que os celulares iriam ser utilizados para pesquisas.

Texto 4

Eu estou em dúvida sobre a liberação da maconha. Porque se fosse liberada as pessoas que tem doenças que o meio alternativo de tratamento é maconha, como mau de Parkinson, essas pessoas não iriam precisar viajar ou contrabandear a droga, entretanto se a maconha estivesse liberada a taxa de mortalidade iria aumentar bastante e a poluição do ar.

Texto final

Na minha opinião dinheiro e fama não protegem os indivíduos do racismo, porque o goleiro aranha do santos é rico e foi vítima de injúria racial, Daniel Alves também foi vítima de racismo. A condenação por racismo ou injúria racial deveria ser bem mais severa mas continuar sem fiança.

No texto da análise diagnóstica desta sequência, o aluno apresenta uma opinião a respeito do tema, no entanto o desenvolvimento da produção se dá por meio de informações não compreensíveis. Não foi possível entender a que o aluno se referiu ao falar sobre “*jogar a boneca no boeiro*”.

No texto 2, percebe-se posicionamento claro a respeito do tema e o uso de duas estratégias para desenvolvimento da argumentação: a explicação (*O uso de celulares deve ser utilizado na sala de aula, pois existe muitos jogos que podem ajudar na educação*) e a exemplificação, nos momentos em que o aluno cita jogos eletrônicos que podem ajudar na criatividade e na concentração, e também nos trechos em que ele apresenta como os celulares podem ser auxiliares das aulas.

No texto 3, o aluno optou por retirar a argumentação relacionada aos jogos, pois, possivelmente, com a intervenção do professor e do colega de classe que analisou seu texto, não achou possível sustentar a ideia de que os jogos sejam de fato necessários durante as aulas. Em seguida, centrou os exemplos de usos de celular em sala de aula nas ações do professor (*se o professor acha um site que fala e explica algo sobre a sua matéria, ele poderia enviar o link ou escrever o link no quadro, poderia também ser utilizado como um meio mais rápido de pesquisas significativas de palavras.*).

No texto 4, o posicionamento do aluno sobre o tema foi de estar em dúvida. Ainda que ele não tenha cumprido a tarefa de escolher um ponto de vista específico, o texto do aluno C se mostrou coerente, pois ele informou que não tinha uma opinião formada sobre o assunto e

explicou o porquê de sua dúvida (*Porque se fosse liberada as pessoas que tem doenças que o meio alternativo de tratamento é maconha, como mau de Parkinson, essas pessoas não iriam precisar viajar ou contrabandear a droga, entretanto se a maconha estivesse liberada a taxa de mortalidade iria aumentar bastante e a poluição do ar*).

No texto 5, o aluno se posicionou sobre o tema, afirmando que a fama e o dinheiro não protegem os indivíduos do racismo e, para comprovar sua opinião, utilizou exemplos, os jogadores Daniel Alves e Aranha, que, mesmo sendo famosos e ricos, foram vítimas de atos racistas. Verifica-se, então, que o aluno se valeu de duas estratégias para defesa de ideias durante a sequência. A contra-argumentação não foi utilizada, de forma explícita, em nenhuma das produções.

Sequência 4 – Aluno D

Análise diagnóstica

Eu acho que a pessoa que adquire fama, dinheiro não fica mais “protegido” e nem o exclui do racismo que existe no mundo, tanto que tivemos um exemplo de racismo foi o que aconteceu com Daniel Alvez.

Texto 2

O uso de celular em sala de aula na minha opinião deve ser liberado pois ajuda em vários casos como achar imagens, textos e outras coisas para ajudar na matéria na sala de aula já que não temos um computador para cada aluno na sala. Também poderíamos usar tradutores e dicionários online para ajudar em certas palavras que não entendemos.

Texto 3

Na minha opinião, o uso do celular em sala de aula deveria ser liberado, pois ajudaria em vários casos como achar imagens, textos e outras coisas. Porém outras pessoas falam que os alunos iriam mecher em outras coisas também, como jogar, mas para evitar isso teríamos que criar táticas para evitar isso como o professor passar de tempo em tempo para ver as mesas, os alunos falarem quem estiver usando o celular para outras coisas sem ser para a ajuda na matéria. Tradutores e dicionários off-line para ajudar em palavras de línguas estrangeiras e as palavras de nossa língua que não entendemos.

Texto 4

Na minha opinião, a maconha não deveria ser liberada, porém para uso medicinal seria muito bom.

Eu sou contra a liberação da maconha porque até hoje não tivemos mortes em acidentes com maconha envolvida, mas será que depois da liberação não vai acontecer por causa dos efeitos alucinogênicos.

Muitas pessoas dizem que depois da legalização o tráfico iria diminuir ou acabar mas será mesmo já que a bebida e o cigarro é liberado e do mesmo jeito é contrabandeado outro exemplo é a pirataria na loja você encontra uma camisa por 80 reais mas perto da sua casa você encontra a mesma ou uma melhor por 20 reais qual seria melhor.

Texto final

Na minha opinião o dinheiro e a fama não protege o indivíduo do racismo. Aconteceu vários casos de discriminação racial no futebol e provavelmente em outros lugares.

Recentemente aconteceu com o goleiro Aranha do time Santos também com o jogador yjda seleção brasileira Daniel Alves que jogaram uma banana no jogador.

No texto 1 desta sequência, o aluno D apresenta sua opinião sobre o tema, ao afirmar que o dinheiro e a fama não protegem as pessoas do racismo, e cita o acontecimento com o jogador Daniel Alves como exemplo que comprova o seu posicionamento.

No texto 2, o aluno expõe sua opinião e utiliza a explicação e a exemplificação para desenvolver o texto. A explicação é feita de maneira vaga a princípio (*O uso de celular em sala de aula na minha opinião deve ser liberado pois ajuda em vários casos [...]*), mas é complementada, em seguida (*[...] para ajudar na matéria na sala de aula já que não temos um computador para cada aluno na sala[...]*). Para exemplificar, o aluno cita como o celular poderia ser bem aproveitado durante as aulas.

No texto 3, após intervenção do professor e do colega de turma, o aluno acrescenta nova estratégia para defesa de ideias, a contra-argumentação. Por meio da expressão *Outras pessoas falam*, o aluno apresenta uma possível contestação a sua opinião, mas não a refuta, apenas propõe soluções que minimizam a sua importância (*Porém outras pessoas falam que os alunos*

iriam mecher em outras coisas também, como jogar, mas para evitar isso teríamos que criar táticas para evitar isso como o professor passar de tempo em tempo para ver as mesas, os alunos falarem quem estiver usando o celular para outras coisas sem ser para a ajuda na matéria).

No texto 4, o aluno afirma que a maconha deve ser liberada apenas para uso medicinal e explica por que é contra para uso recreativo. O aluno faz comparações com outras drogas, dá exemplos e utiliza a contra-argumentação para desenvolver a defesa de sua opinião. Sobre o texto final, não há entre este e o primeiro diferença em termos de argumentação, pois em ambos apenas a exemplificação foi utilizada como estratégia argumentativa.

As produções do aluno D apresentam problemas relacionados à coesão, porém, em relação ao conteúdo, observam-se as três estratégias argumentativas consideradas sendo testadas.

Sequência 5 – Aluno E

Análise diagnóstica

Acho que uma pessoa rica não é protegido, a qualquer momento pode sofrer o preconceito mais essa pessoa nem liga porque ela não pediu a opinião do racista se sua cor é feia ou não se ele gosta ou não. O que importa para essa pessoa rica que ela tá rica com dinheiro no bouço.

Texto 2

Há muitas pesquisas comprovando que os celulares ajudam muito durante a aula. A tecnologia vem evoluindo muito não dá para fugir ela faz parte do nosso dia a dia, então estamos acostumados. Várias pessoas dizem que uma grande parte dos jovens usam o celular para outras coisas em vez de estudar e fazer pesquisas. Acho que devemos fazer tempos de aula onde os alunos mexeriam no celular: jogar, ver suas mensagens etc.

Texto 3

Pesquisas comprovam que os celulares ajudam durante a aula, em trabalhos de escola, línguas estrangeiras, entrando em sites de traduções. Estamos em épocas de evolução, muitas tecnologias estão por vim não dá para fugir delas, estamos emcontato todos os dias. Muitas escolas não tem computadores

então a opção são os celulares. O professor poderia incentivar o aluno entrar em sites educativos mostrar outras coisas boas na internet além de jogos, redes sociais etc.

Isso ajudaria muito no ensino, as crianças, os jovens pegariam o gosto de estudar ainda mas pela internet que é um mundo de conhecimento.

Texto 4

Sou a favor, para o uso medicinal, mas o uso para todos não deveria ser liberado. Uma pesquisa feita pelo jornal nacional mostra que a maconha causa problema no pulmão entre outros e causa dependência ao uso contínuo. A maconha ela não é legalizada e mesmo assim as pessoas usam ela escondidos, e se ela for legalizada a população vai usar a vontade nas ruas e poderá ocorrer confusões e até mortes.

Texto final

Não protege, porque qualquer pessoa com dinheiro e fama se esponhe ao público e pode acontecer que sofra o racismo. Essa pessoa pode ser a presidenta Dilma, mas ela não está protegida do racismo. Outro exemplo foi um acontecimento muito triste com Daniel Alvez, jogaram uma banana no Daniel Alves no meio de uma partida de futebol, mas como ele é rico e famoso, o criminoso logo foi preso.

Na análise diagnóstica, o aluno E esclarece que a pessoa rica não é protegida do racismo, mas desenvolve o texto utilizando generalizações ([...] *a qualquer momento pode sofrer o preconceito mais essa pessoa nem liga porque ela não pediu a opinião do racista se sua cor é feia ou não se ele gosta ou não.*). Não foram apresentados exemplos, explicações ou contra-argumentos.

No texto 2, a opinião do aluno sobre o tema pode ser identificada quando ele afirma haver pesquisas comprovando que o uso dos celulares auxilia as aulas e também quando ele expõe que não dá para fugir da tecnologia. Essas afirmações podem ser compreendidas, também, como dados que justificam a opinião do aluno. Neste texto, a contra-argumentação pode ser verificada pelo uso da expressão *Várias pessoas dizem*. O aluno trabalha com essa possível contestação, minimizando a sua importância por meio de propostas de solução (*Várias pessoas dizem que uma grande parte dos jovens usam o celular para outras coisas em vez de*

estudar e fazer pesquisas. Acho que devemos fazer tempos de aula onde os alunos mexeriam no celular: jogar, ver suas mensagens etc.

Já na reescritura do texto (produção 3), o trabalho com a contra-argumentação é desconsiderado para a defesa de ideias e o aluno passa a defender a liberação do uso dos celulares em sala de aula apenas por meio de exemplos do que pode ser feito (*O professor poderia incentiva o aluno entrar em sites educativos mostrar outra coisas boas na internet além de jogos, redes sociais etc.*).

No texto 4, a defesa de ponto de vista se dá por meio de referência a uma pesquisa, o que se entende como uma tentativa de justificar a sua opinião (*Uma pesquisa feita pelo jornal nacional mostra que a maconha causa problema no pulmão entre outros e causa dependência ao uso contínuo.*), mas a produção é finalizada com generalizações (*A maconha ela não é legalizada e mesmo assim as pessoas usam ela escondidos, e se ela for legalizada a população vai usa a vontade nas ruas e poderá ocorrer confusões e até mortes.*).

No texto final, o aluno afirma que a exposição pública pode viabilizar atos racistas e dá exemplo para sustentar seu posicionamento (o caso com o jogador Daniel Alves). Avaliando-se a sequência como um todo, percebe-se que o aluno E apresenta muita dificuldade com a escrita, pois seus textos são confusos. A argumentação não foi bem estruturada em nenhuma das produções, mas as três estratégias para a defesa de ideias foram testadas.

Sequência 6 – Aluno F

Análise diagnóstica

Em minha opinião, não é verdade. Eles podem até tentar ignorar , tentar reverter a situação, mas isso não é possível. Eles sofrem racismo, sim. Para comprovar isso, teve o caso do Daniel Alves. Ele reverteu comendo a banana, mas foi um ato racista do torcedor, ele só ignorou. O racismo acontece em todas as classes sociais, independente da pessoa ser rica, ou pobre.

Texto 2

Em minha opinião, o uso do celular na sala de aula deve ser liberado, pelo simples motivo de poder ser uma ferramenta para estudo, pois pode ser usada para traduzir textos, como foi citado em “Três razões para o uso do celular em sala de aula”.

Além disso pode servir como dicionário, fonte de pesquisas e caso nós tenhamos aula de argumentação, como essas, podemos fazer pesquisas para comprovar nossos argumentos, deixa-los forte. E, como foi citado em “Permissão de uso de celulares na sala de aula”, nós precisamos de métodos de ensino modernos.

Texto 3

Em minha opinião, o uso do celular deve ser liberado nas salas de aula, por um motivo simples, poder ser usado como ferramenta de estudo, pois pode ser usado como tradutor em aulas de língua estrangeira, como foi citado em “Três razões para o uso de celulares na sala de aula”. Além disso, pode servir como dicionário, fonte de pesquisa e, caso nos tenhamos aulas de argumentação, como essas, podemos fazer pesquisas para comprovar nossos argumentos, deixa-los mais fortes. E, quem pode garantir que os alunos vão ficar em redes sociais e jogos? Se não tentarem, não vão saber se dará certo ou não. Como foi citado em “Permissão de uso de celulares na sala de aula”, “Nós precisamos de métodos de ensino mais modernos”, precisamos de qualidade, precisamos sair um pouco de apostilas, fazer pesquisas sem esperar até estar em casa, talvez assim os alunos iriam se interessar mais nas aulas. Como vamos saber, se não tentarmos?

Texto 4

E sou a favor da legalização da maconha. Não porque vai diminuir o tráfico, todos sabemos que não vai diminuir, mas porque as pessoas têm o direito de escolherem o que elas querem fazer, se elas querem usar, que usem sem que estejam cometendo um crime, até porque cigarro e bebidas alcóolicas são drogas e estão legalizadas, então, ou liberam a maconha ou proíbam as outras drogas, pois não tem lógica proibir uma e deixar as outras “soltas” por aí. É melhor liberar, ao invés de proibir, pois quanto mais se proíbe, mais as pessoas querem. E também sou a favor para o uso medicinal.

Texto final

Em minha opinião não protege, pois aconteceu um ato racista com Daniel Alves, o chamaram de “macaco” e jogaram uma banana nele, então, não protege do racismo e acho que nunca irá proteger, muitas pessoas acha que protege, os artistas acham que estão protegidos por terem poder, mas eles não estão, o caso

do Daniel Alves e até de outros artistas e jogadores de futebol servem para mostrar isso, nossa sociedade deve mudar, e muito, e não vai ser com dinheiro que isso vai mudar, a pessoa não vai ser respeitada por causa do seu status e sua fama, ainda tem muita gente racista que não respeita ninguém, e que deve ter consciência de que negros também são gente e devem ser respeitados como tal, e não como macaco, ou outros animais.

Nesta sequência, o texto produzido para a análise diagnóstica apresenta posicionamento explícito sobre o tema, explicação e um exemplo para a defesa de ideias.

No texto 2, o aluno apresenta uma explicação sobre a opinião exposta ([...] *o uso do celular na sala de aula deve ser liberado, pelo simples motivo de poder ser uma ferramenta para estudo [...]*) e dá exemplos sobre os possíveis usos do celular em sala de aula.

No texto 3, de reescritura, o aluno incrementa a defesa de seu ponto de vista por meio da contra-argumentação (*E, quem pode garantir que os alunos vão ficar em redes sociais e jogos? Se não tentarem, não vão saber se dará certo ou não.*). Neste momento, então, percebe-se o uso de três estratégias para desenvolvimento da argumentação em um mesmo texto (a explicação, a exemplificação e a contra-argumentação).

No texto 4, há explicação e contra-argumentação (*E sou a favor da legalização da maconha. Não porque vai diminuir o tráfico, todos sabemos que não vai diminuir[...]*). Cabe ressaltar que, no debate realizado em sala de aula, antes da produção textual, o grupo discutiu bastante a questão da diminuição ou não do tráfico de drogas pela legalização da maconha. Após muito debate, concluíram que a legalização não causaria nenhum benefício nesse sentido, uma vez que, ao ser comercializada, a droga teria um preço alto e que, por isso, os usuários continuariam consumindo das tradicionais fontes fornecedoras. Tal esclarecimento se faz necessário para melhor compreensão do que foi apresentado pelo aluno.

No texto final, o aluno apresentou sua opinião sobre o tema e inseriu um exemplo para comprová-la. A análise desta sequência mostra que o aluno F possui algumas habilidades no desenvolvimento do texto argumentativo, pois, já na análise diagnóstica, valeu-se de mais de uma estratégia para a defesa de ideias e, ao longo da sequência, conseguiu utilizar as três estratégias trabalhadas na mesma produção.

Sequência 7 – Aluno G

Análise diagnóstica

No meu ponto de vista, infelizmente é verdade. Hoje em dia, a pessoa que tem grande poder aquisitivo e/ou fama tem mais vantagens que as pessoas que não tem. E para isso não é preciso ser negro. Mas os maiores “casos” são em relação com as pessoas negras. Nós nunca iremos ver uma pessoa negra, rica e famosa ficar presa por um dia e sequer um mês (a não ser que não tenha como pagar fiança) porque, além do mais, a pessoa é rica! Ela pode pagar o melhor advogado do Brasil se quiser. Mas e nós, classe baixa? Nós podemos ser presos por injustiça, por apenas sermos negros? O racismo tem que ter um fim.

Texto 2

Eu concordo com a liberação do uso dos celulares na sala de aula. Como disse Lisa Nielsen, um especialista americana em educação, “A tecnologia veio para ajudar” disse ela. “Os recursos estão inovando e melhorando, devemos acompanhar este crescimento, completa ela.

Estamos em uma nova era, a era da tecnologia. Se veio para ajudar, para melhorar, porque não desfrutá-los?

Texto 3

Eu concordo com a liberação do uso de celulares na sala de aula. Como disse Lisa Nielsen, uma especialista americana em educação, “A tecnologia veio para ajudar” disse ela. “Os recursos estão inovando e melhorando as aulas, devemos acompanhar este crescimento”, completa ela.

Estamos em uma nova era, a era da tecnologia. Se veio para ajudar, para melhorar, porque não desfrutar dela?

É claro que pode não dar certo, até porque nem todos os alunos vão obedecer as regras e também porque nem todos os alunos têm condições financeiras para comprar um celular. Mas não custa nada fazer um teste.

Em questão dos alunos que não têm celular: quando precisar, acompanhar a atividade junto com um aluno que tenha um celular.

Em questão dos alunos usarem o celular fora do tempo: os professores podiam recolher todos os celulares na hora das provas que não forem com consulta. E a fiscalização em cima de não permitir que os alunos usem seus celulares na hora da

explicação dos professores poderia ser mais rigorosa, com punições mais rígidas, como: se usar o celular na hora errada e o professor ver, ele poderia confiscá-lo e até proibir que o aluno use quando ele passar alguma atividade que possa fazer pesquisas no celular.

Texto 4

Eu sou a favor da liberação da maconha para o uso medicinal. Aqui no Brasil, existem famílias que tem filhos com doenças que só são tratadas com uma substância extraída da maconha, chamada Cannabis, de onde é feito o remédio Cannabidiol.

Em uma reportagem da TV Globo, retrata a triste situação de duas famílias que tem filhos que sofrem de uma doença que, até agora, só o Cannabidiol pode “solucionar” o problema.

A primeira família compra o remédio fora do Brasil para dar à filha que sofre de epilepsia, tendo mais de 50 convulsões por dia. Esse remédio diminui cerca de 60% das convulsões e não causa alucinação.

A segunda família, retrata o sofrimento de uma mãe que não tinha dinheiro para estar sempre comprando o remédio fora do Brasil, e que resolveu fazer o próprio, com uma receita de internet. O cannabidiol que ela fez causou alucinações em seu filho, algo que não acontece com o remédio importado.

Creio eu que, se o governo liberasse a maconha pelo menos para o uso medicinal, essas imprudências não aconteceriam, pelo menos não com frequência.

A maconha pode trazer muitos males, mas também pode trazer muitos benefícios.

Texto final

Eu acredito que nem o dinheiro e nem a fama protegem os indivíduos do racismo. Olhando pela perspectiva de um indivíduo racista: “não me importa se é rico e famoso: se for negro, não é merecedor do que batalhou para ter, é bandido. É negro.”

Para confirmar a minha opinião, vou citar um caso de racismo ocorrido na Espanha, no meio de uma partida de futebol, ocorrido há um tempo atrás, com o jogador brasileiro Daniel Alves.

Quando o jogador foi bater o escanteio, um torcedor jogou uma banana no jogador, insinuando que Daniel fosse um macaco. Mas o lateral direita agiu de uma forma educada – pelo menos em minha opinião -, pegando a banana do chão, descascando e mordendo um bom pedaço de fruta.

A polícia descobriu quem foi o cidadão que cometeu esse ato ignorante e foi punido, sendo proibido de entrar neste estádio para sempre.

Apesar de eu não acreditar que o dinheiro e a fama protegem as pessoas do racismo, eu acredito que o dinheiro e a fama protegem as pessoas de cometerem discriminações, seja racial, seja por orientação sexual ou religiosa.

No primeiro texto desta sequência, o aluno G afirma que as pessoas com maior poder aquisitivo possuem mais vantagens do que as demais na sociedade e apresenta a seguinte análise: *Nós nunca iremos ver uma pessoa negra, rica e famosa ficar presa por um dia e sequer um mês [...] Ela pode pagar o melhor advogado do Brasil se quiser.* Ainda que essa linha de raciocínio esteja diretamente relacionada ao tema, pode-se dizer que houve certo desvio na abordagem, uma vez que a ideia de pagar fiança não diz respeito, estritamente, às pessoas negras, mas a todos os que possuem condições financeiras para tal. O aluno G focou seu texto nas vantagens que o dinheiro proporciona, não na proteção que o dinheiro e a fama pode ou não oferecer em relação ao racismo. Ao final, há uma pergunta retórica que não favorece a argumentação, pois a linha de raciocínio não foi desenvolvida (*Mas e nós, classe baixa? Nós podemos ser presos por injustiça, por apenas sermos negros?*). Com esse questionamento, o aluno propõe que uma pessoa pobre pode ser presa apenas por ser negra, o que, nesses termos, é descabido. O aluno não utilizou neste texto nenhuma das estratégias consideradas para trabalho.

Na segunda produção, o aluno apresenta sua opinião de forma explícita, mas desenvolve a argumentação, na maior parte do texto, por meio de citações diretas de um dos textos lidos (*Como disse Lisa Nielsen, um especialista americana em educação, “A tecnologia veio para ajudar” disse ela. “Os recursos estão inovando e melhorando, devemos acompanhar este crescimento, completa ela.*). Ainda que os testemunhos de autoridade sejam importantes para a argumentação, eles devem ser um complemento da análise do autor, não a análise propriamente dita. Ainda assim, entende-se tal referência como uma tentativa do aluno de justificar sua opinião. Durante a sequência didática, foi falado sobre o testemunho de autoridade como estratégia de argumentação, mas esse não foi o foco do trabalho. O que se percebe como

argumentação do aluno G, de fato, são os períodos finais do texto (*Estamos em uma nova era, a era da tecnologia. Se veio para ajudar, para melhorar, porque não desfrutá-los?*), em que ele apenas afirma que a tecnologia pode ser vantajosa, sem desenvolver essa tese relacionando-a à sala de aula. Assim como no texto 1, o aluno fez afirmações, mas não as desenvolveu de forma a validar sua opinião.

No texto 3, de reescritura, o aluno inseriu contra-argumentações, e apresentou soluções para estas (*Em questão dos alunos usarem o celular fora do tempo: os professores podiam recolher todos os celulares na hora das provas que não forem com consulta. E a fiscalização em cima de não permitir que os alunos usem seus celulares na hora da explicação dos professores poderia ser mais rigorosa, com punições mais rígidas [...]*).

No texto 4, o aluno G opina e explica a sua posição (*Eu sou a favor da liberação da maconha para o uso medicinal. Aqui no Brasil, existem famílias que tem filhos com doenças que só são tratadas com uma substância extraída da maconha*). Na sequência, o aluno apresenta dois exemplos para comprovar sua tese. Percebe-se, neste texto, argumentação mais estruturada, pois o aluno opinou de forma clara, explicou o porquê de sua posição e utilizou exemplos para comprová-la.

No texto 5, há também opinião explícita e um exemplo (*Para confirmar a minha opinião, vou citar um caso de racismo ocorrido na Espanha, no meio de uma partida de futebol, ocorrido há um tempo atrás, com o jogador brasileiro Daniel Alves*). Ao final, a ideia apresentada não foi útil para o texto como um todo, pois o aluno insere uma nova perspectiva de análise, sem explicá-la (*Apesar de eu não acreditar que o dinheiro e a fama protegem as pessoas do racismo, eu acredito que o dinheiro e a fama protegem as pessoas de cometerem discriminações, seja racial, seja por orientação sexual ou religiosa*). Percebe-se que o aluno G testou as estratégias de explicação, contra-argumentação e exemplificação durante a sequência.

Sequência 8 – Aluno H

Análise diagnóstica

Sim, quando a pessoa é rica ela adquire direitos que negros pobres não tem. Por exemplo um negro mal arrumado entra numa loja que só se vende roupas caras, ele vai ser mal recebido, mas, assim que ele mostrar dinheiro recebe toda atenção do mundo, mostrar que pode sim comprar naquela loja praticamente calar a boca

da sociedade que julga aparência por condição. Exemplos como o do Daniel alvez ser rico não modificou sua raça! Continuou sendo negro mas, um negro rico e inteligente.

Texto 2

Eu não acho que deveria ser permitido, distrairia os alunos e desviaria a atenção das aulas, e sobre esse negócio de pesquisar, o professor já tem o Datashow para isso mesmo. Já que a pesquisa são iguais para todos os alunos eu acho o Datashow suficiente. Mesmo que alguns alunos meçam escondido por ser proibido, ele não ficam o tempo todo por medo de ser pego, e só olham o celular pra coisas rápidas.

Texto 3

Ainda sou contra a liberação dos celulares, e não, não acho que o uso do celular traga benefícios. Não é porque pesquisas comprovam que os alunos se concentram mais com celulares que eu tenho que concordar, eu conheço meus colegas e eles sim eu tenho certeza que distrairiam se o celular fosse liberado algumas pessoas conseguiriam se concentrar nas aulas mas não se pode garantir que seriam todas. O data show é para exibir, mas, ele exibe o que o professor põe para exibir, se o professor fizer uma pesquisa e ligar o data show para exibir ele vai conseguir exibir a pesquisa. Eu acho o uso do celular desnecessário se tivesse que implantar mais tecnologia em sala teria que ser mais notebooks, 1 para cada aluno, só assim poderiam configurar com restrições, por exemplo: redes sociais!

Texto 4

A maconha deve ser liberada por que eu acho que as pessoas que fumam a maconha tem que ter os mesmos direitos de quem fuma e bebe, ambos fazem mau e são liberados a escolha vai da pessoa, se ela sabe os riscos e mesmo assim faz isso é problema dela.

O cheiro incomoda? Sim. Só que o cheiro do cigarro também incomoda do que adianta não ser legalizado, mas as pessoas usarem mesmo assim? Tem que legalizar por que cada um tem o seu corpo e faz o que quer com ele.

Texto final

Acho que protege mas não deixa de existir o preconceito independente da pessoa ser famosa. Sites de fofoca criticam muitos famosos, isso não deixa de ser preconceito. Quando vêem um negro, pensam logo que é bandido, assaltante, mas não é bem assim, existem muitos negros bem sucedidos o presidente do Estados Unidos é um exemplo disso. Então, não. Eu não acho que protege.

No primeiro texto da sequência, o aluno expõe sua opinião de forma explícita e trabalha com dois exemplos para comprová-la.

Na segunda produção, o aluno explica a sua opinião (*Eu não acho que deveria ser permitido, distrairia os alunos e desviaria a atenção das aulas [...]*) e, em seguida, utiliza duas contra-argumentações: a primeira se refere à ideia de que o celular em sala de aula pode ser positivo para que os alunos façam pesquisas, a segunda se refere ao fato de que, mesmo proibindo o uso, os alunos mexeriam nos aparelhos escondidos. O aluno insere essas ideias em seu texto e as refuta (*e sobre esse negócio de pesquisar, o professor já tem o Datashow para isso mesmo. Já que a pesquisa são iguais para todos os alunos eu acho o Datashow suficiente. Mesmo que alguns alunos meçam escondido por ser proibido, ele não ficam o tempo todo por medo de ser pego, e só olham o celular pra coisas rápidas*).

No texto 3, após intervenções, o aluno continua utilizando apenas contra-argumentações para defender seu posicionamento.

No texto 4, o aluno opina, explica a sua posição (*A maconha deve ser liberada por que eu acho que as pessoas que fumam a maconha tem que ter os mesmos direitos de quem fuma e bebe, ambos fazem mau e são liberados a escolha vai da pessoa [...] / Tem que legalizar por que cada um tem o seu corpo e faz o que quer com ele.*) e faz uso da contra-argumentação (*O cheiro incomoda? Sim. Só que o cheiro do cigarro também incomoda [...]*). Durante o debate sobre o tema, muito se falou sobre o cheiro proveniente do cigarro de maconha. Muitos alunos usaram este fato como ponto principal da argumentação contrária à descriminalização, dizendo que se sentiam mal com o cheiro e que não gostariam de conviver com ele no dia-a-dia.

No texto 5, o aluno opina, mas não explica e nem contra-argumenta, conforme fez nas produções anteriores. Ele inseriu um exemplo (*existem muitos negros bem sucedidos o presidente do Estados Unidos é um exemplo disso.*), mas este não foi utilizado para confirmar a sua defesa e ficou sem função no texto. Percebe-se, também, incoerência na produção final, uma vez que o aluno diz, na primeira linha, que a fama e o dinheiro protegem os indivíduos do

racismo e, na última linha, afirma o contrário. Observa-se, nesta sequência, que o aluno testou as estratégias trabalhadas para defesa de seu ponto de vista, mas que, na produção final, tais mecanismos de defesa foram pouco explorados

Sequência 9 – Aluno I

Análise diagnóstica

Em minha opinião, não, porque o dinheiro não faz com que a pessoa mude de cor (racialmente). O jogador Daniel Alvez é rico, tem muito dinheiro e nem por isso ele deixou de ser negro, então ele pode sim ser vítima de racismo.

Texto 2

O uso dos aparelhos celulares não deve ser liberado.

Percebemos que ao longo do dia, nas aulas, a maioria dos alunos mexem no celular incontrolavelmente, atrapalhando o professor dar a explicação, e alguns alunos que querem pegar ou entender a matéria.

85% da turma com certeza é prejudicada pelo uso de celulares, porque em todas as turmas há aquele aluno que tem dificuldade em algumas matérias. Liberar o celular não seria uma ótima escolha.

O uso do celular na sala de aula tiraria os alunos do foco. Não tem como aprender mexendo em redes sociais, mandando mensagens de texto... Nem mesmo as pesquisas.

Liberar o celular seria o mesmo que deixar os alunos no “computador”. Se for para mexer na escola, melhor mexer em casa que não atrapalha o estudo em sala de aula.

Enquanto as pesquisas, é melhor que continuem no modo tradicional, pesquisando em livros, revistas, internet (em casa), etc.

Texto 3

O uso dos aparelhos celulares não deve ser liberado.

Em aula, alguns alunos não param de mexer no celular, seja o que for que ele esteja fazendo, está prejudicando no seu próprio aprendizado e no de seus colegas em meio as aulas.

85% da turma, com certeza, é prejudicada pelo uso indevido de celulares, porque em todas as turmas, há aquele aluno que tem dificuldade em algumas matérias. Liberar o celular não seria uma ótima escolha. No entanto, os alunos querem que o uso seja liberado para que eles possam fazer pesquisas durante a aula. Se o trabalho é para casa, por que fazê-lo em aula?

Se pesquisas forem feitas durante a aula, o professor não conseguirá aplicar a matéria preparada. Ouvir músicas aulas atrapalhariam ainda mais, pelo simples motivo que o aluno que estivesse ouvindo música, não conseguiria entender a explicação do professor. O aluno não manteria o foco na aula.

Para que os alunos não prejudiquem a aula do professor, mexendo no celular, é melhor que o aluno faça as pesquisas em casa. Até porque, o aprendizado do aluno deve ser visto, e com o aluno “fazendo” a pesquisa em aula, simplesmente poderia pedir a resposta ao colega.

Não mudaria o modo tradicional das pesquisas.

Texto 4

A maconha serviria como um bem se fosse liberada. A droga pode ser usada em vários tipos de remédios e, como não podemos ter o uso oficialmente, a maconha não pode ser utilizada em usos medicinais no Brasil.

Em minha opinião, se o uso fosse liberado, nem todos usariam. A escolha é individual, e muitos manteriam sua postura de não usar porque maconha faz mal. A pessoa fuma se quiser, não é obrigatório o uso, porém, sabemos que os que usam, usariam em ruas e vielas. Lembremo-nos que fumar qualquer tipo de cigarro não é liberado em todos os lugares.

Em uma reportagem da Rede Globo no jornal do Fantástico, informam que no Estados Unidos é usado maconha em vários tipos e efeitos de remédios. Numa farmácia há plantações de maconha, e muitos remédios que foram desenvolvidos através de substâncias que são utilizadas o produto. Os remédios que já foram produzidos medicinalmente, estão sendo usados em pessoas que estão com doenças terminais, em pessoas que tem convulsão.

Se a liberação for boa ou não, teremos que testar para saber.

Texto final

Na verdade não. Fama e dinheiro não podem nos proteger do racismo. Fama é fazer você ser conhecido. Dinheiro, são suas conquistas através do trabalho.

O dinheiro pode ser usado para clarear a pele, bronzear, hidratar... Mas não pode esconder quem você realmente é!

Se você nasceu negro, por um tempo trabalha bastante, fica conhecido e vira famoso, não tem como você se esconder da sua própria cor. Por mais que mudemos a cor da pele, se nascemos negros, sempre seremos conhecido como negro.

Dentro de uma partida de futebol, na Copa do Mundo, um torcedor jogou uma banana em um dos jogadores, chamado Daniel Alves, e fez gestos para ofende-lo e chama-lo de macaco. Daniel agiu naturalmente, e ao ver a banana que o torcedor atirou contra ele, comeu e voltou ao jogo.

Daniel Alves é famoso por ser jogador de futebol, e tem muito dinheiro, e mesmo que tenha que contratar seguranças para protege-lo, a cor de sua pele continua sendo a mesma (negra). Daniel pode até clarear a pele, mas para aquele torcedor que atirou a banana e para mim, ele sempre será negro.

Não podemos fugir dos fatos. Se nascemos negros sempre seremos negros.

Ser negro não é vergonha, é ser forte, ter atitude, sangue de trabalhador. Os negros também são humanos e merecem todo respeito.

No texto da análise diagnóstica, o aluno I afirma que o dinheiro e a fama não protegem os indivíduos do racismo. Em seguida, trabalha com a ideia de que qualquer pessoa, se negra, estará vulnerável ao racismo. O aluno cita o acontecimento com o jogador Daniel Alves por meio dessa linha de análise (*O jogador Daniel Alvez é rico, tem muito dinheiro e nem por isso ele deixou de ser negro, então ele pode sim ser vítima de racismo.*).

No texto 2, o aluno se posiciona explicitamente sobre o tema e apresenta explicações para a sua posição, afirmando que o uso dos celulares em sala de aula atrapalha o trabalho do professor e tira a concentração da turma. É utilizada, também, a contra-argumentação, quando o aluno afirma que as pesquisas devem continuar ocorrendo da forma tradicional (fora do horário de aula).

No texto 3, de reescritura, o aluno I desenvolveu mais a contra-argumentação apresentada no texto 2, explorando mais a ideia de que as pesquisas – apelo dos que defendem o uso dos celulares nas aulas – durante o horário de aula não favorece o aprendizado.

No texto 4, o aluno opina e explica seu ponto de vista (*A maconha serviria como um bem se fosse liberada. A droga pode ser usada em vários tipos de remédios e, como não podemos ter o uso oficialmente, a maconha não pode ser utilizada em usos medicinais no Brasil.*). Percebe-se, também, o uso da contra-argumentação (*Em minha opinião, se o uso fosse liberado, nem todos usariam. A escolha é individual, e muitos manteriam sua postura de não usar porque maconha faz mal. A pessoa fuma se quiser, não é obrigatório o uso, porém, sabemos que os que usam, usariam em ruas e vielas. Lembremo-nos que fumar qualquer tipo de cigarro não é liberado em todos os lugares.*). Nesse trecho, o aluno contesta duas ideias que podem ser usadas contra as suas: primeiro a de que, com a descriminalização, pessoas que não fumam maconha passariam a fumar e, depois, a ideia de que os usuários fumariam em meio às demais pessoas nas ruas. Exemplificações também estão presentes para defesa de ponto de vista.

No texto final, o aluno utilizou a mesma linha de análise do texto 1, defendendo a ideia de que se uma pessoa é negra, ela poderá sofrer com o racismo, independente de qualquer fator extra. A diferença entre este texto e o primeiro, de mesmo tema, é o maior desenvolvimento do exemplo dado. Nesta sequência, percebe-se que o aluno I testou as três estratégias para defesa de seus pontos de vista, tendo utilizadas todas elas juntas em mais de uma produção.

Sequência 10 – Aluno J

Análise diagnóstica

Isso na minha opinião também é racismo! Então se você não tiver dinheiro ou fama você não terá segurança? Acho que essa é uma forma de separação de clases sociais, pobres e ricos.

O meu objetivo era fazer um movimento contra o racismo, e para que meu ponto de vista seja aprovado eu filmaria pessoas que não tenham uma boa condição pedindo ajuda para pessoas que tenham, então eu veria a reação deles. Assim nos saberíamos quem é racista e quem não é.

Muitas pessoas se fazem de boas e na verdade mentem.

E então eu veria quem estaria certo ou errado.

Texto 2

Eu sou a favor do uso de celulares dentro e fora de sala de aula. Não adianta dizer: “É proibido o uso de celulares na escola”, quantas vezes nós alunos pegamos, professores, expectores e até diretores usando o aparelho?

Todos nós devemos ter o mesmo direito. O uso dos aparelhos vão ajudar os alunos e os professores em relação a aprendizado, comunicação e em reparar que o celular não é um bicho de 7 cabeças.

Texto 3

Eu sou a favor do uso de celulares dentro e fora de sala de aula. Não adianta dizer: “é proibido o uso de celulares na escola”. Quantas vezes nós, alunos, pegamos, professores, inspetores e até diretores usando o aparelho?

Mesmo que eles saibam regular o uso, nós alunos também sabemos, e mesmo que dissessem que os alunos fingiriam estar estudando e na verdade estariam nas redes sociais seria um meio de contato, e se caso acontecesse algo com algum familiar de algum aluno e os responsáveis não conseguirem entrar em contato com a escola? E também, com a liberação do aparelho, os alunos vão saber controlar o uso.

Texto 4

Eu sou a favor da legalização da maconha, e você?

Com a droga sendo liberada, diminuiria o tráfico e o contrabando, assim como o álcool e o cigarro, a maconha também deveria ser legalizada.

Ela não deveria servir apenas para remédios, muitos dizem que a maconha deixa a pessoa com problemas e dependente. a maconha serve para deixar a pessoa mais relaxada e não doente a ponto de matar alguém.

Texto final

Na minha opinião o dinheiro e a fama não protegem os indivíduos do racismo. Muitos famosos sofrem com isso mesmo tendo dinheiro ou não, como o goleiro do Santos, mais conhecido como “Aranha” que foi chamado de macaco por um torcedor. Daniel Alves que passou por cima do fato de um torcedor jogar banana no estádio.

Já podemos ver que o dinheiro não protege as pessoas.

No primeiro texto desta sequência, o aluno não se posiciona sobre o tema, pois entende a pergunta-tema como uma afirmação, a qual responde “*Isso na minha opinião também é racismo! Então se você não tiver dinheiro ou fama você não terá segurança?*”. Em seguida, aborda o tema racismo, propondo uma ação para identificar quem é racista e quem não é. A abordagem do texto, portanto, desviou-se bastante da ideia proposta para análise.

No texto 2, o aluno J expõe sua opinião sobre o tema e, para explicar o porquê de seu posicionamento, fala sobre o uso de celulares por professores, diretores e inspetores, reivindicando, assim, que todos no espaço escolar devem ter os mesmos direitos. Pode-se dizer que a análise apresentada é facilmente contestável, no entanto, comparando-se esta produção à primeira, identifica-se maior consciência argumentativa, uma vez que existe um posicionamento sobre o tema e uma tentativa de argumentação se desenvolve.

No texto de reescritura, o aluno apresenta duas contra-argumentações e as refuta (*Mesmo que eles saibam regular o uso, nós alunos também sabemos, e mesmo que dissessem que os alunos fingiriam estar estudando e na verdade estariam nas redes sociais seria um meio de contato, e se caso acontecesse algo com algum familiar de algum aluno e os responsáveis não conseguirem entrar em contato com a escola?*).

No texto 4, o aluno J se posiciona sobre o tema, explica o porquê de sua posição (*Com a droga sendo liberada, diminuiria o tráfico e o contrabando, assim como o álcool e o cigarro, a maconha também deveria ser legalizada.*) e apresenta uma contra-argumentação (*Ela não deveria servir apenas para remédios, muitos dizem que a maconha deixa a pessoa com problemas e dependente. a maconha serve para deixar a pessoa mais relaxada e não doente a ponto de matar alguém.*). As ideias expostas neste texto deveriam ter sido mais desenvolvidas para que se alcançasse uma argumentação mais eficiente, no entanto, a utilização das estratégias de explicação e de contra-argumentação já orienta para certa reflexão acerca da defesa de ideias.

No texto final, há posicionamento explícito sobre o tema e exemplos para validação do ponto de vista. Considerando a sequência como um todo, percebe-se argumentação inconsistente, mas certa evolução na estrutura do texto devido às estratégias argumentativas utilizadas.

Uma síntese das análises feitas será exposta nos quadros a seguir. Cada quadro apresenta a utilização de uma estratégia trabalhada, considerando as cinco produções realizadas

por cada aluno durante a sequência didática. Os espaços marcados com “X” indicam a utilização da estratégia pelo aluno nos textos. Os textos dos alunos de K a T não foram transcritos neste capítulo, mas estão disponíveis no anexo F deste trabalho.

Exemplificação					
	Texto 1	Texto 2	Texto 3	Texto 4	Texto 5
Aluno A	-	X	X	X	X
Aluno B	-	X	X	-	X
Aluno C	-	X	X	X	X
Aluno D	X	X	X	X	
Aluno E	-	X	X	-	X
Aluno F	X	X	X	-	X
Aluno G	-	-	-	X	X
Aluno H	X	-	-	-	-
Aluno I	X	X	X	X	X
Aluno J	-	-	-	-	X
Aluno K	X	X	X	X	X
Aluno L	-	-	-	-	X
Aluno M	-	X	-	-	-
Aluno N	X	-	X	X	X
Aluno O	-	X	X	-	X
Aluno P	-	X	X	-	-
Aluno Q	-	X	X	-	X
Aluno R	-	-	-	-	-
Aluno S	-	X	X	X	-
Aluno T	X	X	X	-	X

Quadro 1 – Uso de exemplos por texto

O quadro 1 mostra que treze dos vinte alunos (65%) não usaram exemplos no **texto 1** (análise diagnóstica). No entanto, desses treze, sete utilizaram-nos em, pelo menos, três das quatro produções seguintes, dois utilizaram em duas, três utilizaram em uma produção e apenas um não usou em nenhuma produção.

Dos que inseriram exemplos no primeiro texto, apenas um aluno o fez exclusivamente neste momento, não utilizando a estratégia posteriormente. Entende-se que os alunos que não utilizaram exemplos no primeiro texto, mas que passaram a utilizá-los em, pelo menos, três das quatro produções seguintes, foram os que mais demonstraram consciência acerca da importância desta estratégia para fundamentação de seus pontos de vista.

Focando-se a análise, neste momento, no quantitativo total, compreende-se que houve evolução do grupo no uso de exemplificações.

Explicação					
	Texto 1	Texto 2	Texto 3	Texto 4	Texto 5
Aluno A	-	X	X	X	X
Aluno B	-	-	-	X	-
Aluno C	-	X	X	X	-
Aluno D	-	X	X	X	
Aluno E	-	X	-	X	X
Aluno F	X	X	X	X	-
Aluno G	-	X	X	X	X
Aluno H	-	X	-	X	-
Aluno I	X	X	X	X	X
Aluno J	-	X	X	X	-
Aluno K	-	X	X	X	-
Aluno L	X	X	X	X	X
Aluno M	X	X	X	X	X
Aluno N	-	X	X	X	X
Aluno O	X	X	X	X	X
Aluno P	-	X	X	-	X
Aluno Q	X	X	X	X	X
Aluno R	-	X	X	X	-
Aluno S	X	X	X	X	-
Aluno T	-	X	-	X	-

Quadro 2: Explicações por texto

Pela leitura do quadro 2, percebe-se que treze dos vinte alunos (65%) não construíram um período explicativo, no texto 1, sobre o ponto de vista que apresentaram. Nos textos posteriores à análise diagnóstica, estes 13 alunos utilizaram a estratégias nas demais produções. Um deles a experimentou em apenas um texto e dez utilizaram em, pelo menos, três das produções seguintes à diagnose. Dos sete alunos que inseriram trechos explicativos já no texto 1, cinco procederam da mesma maneira em todos os textos da sequência. Os resultados apresentados no quadro 2 demonstram que houve bom aproveitamento do grupo na estratégia considerada para trabalho.

Contra-argumentação					
	Texto 1	Texto 2	Texto 3	Texto 4	Texto 5
Aluno A	-	X	X	X	-
Aluno B	-	-	-	-	-
Aluno C	-	-	-	-	-
Aluno D	-	-	X	X	
Aluno E	-	X	-	-	-
Aluno F	-	-	X	X	-
Aluno G	-	-	X	-	-
Aluno H	-	X	X	X	-
Aluno I	-	X	X	X	-
Aluno J	-	-	X	X	-
Aluno K	-	X	X	X	-
Aluno L	-	-	X	-	-
Aluno M	-	-	X	X	-
Aluno N	-	-	-	-	-
Aluno O	-	-	X	X	-
Aluno P	-	X	X	X	-
Aluno Q	-	-	-	-	-
Aluno R	-	-	X	-	-
Aluno S	-	-	-	-	-
Aluno T	-	-	-	-	-

Quadro 3 – Uso da contra-argumentação por texto

Em relação à contra-argumentação, o quadro evidencia que nenhum aluno a utilizou no texto 1 nem no texto 5. A ausência da estratégia no texto final não era esperada, mas pode ser compreendida pelo formato da atividade proposta. Se nos textos 2, 3 e 4 os alunos visualizaram pontos de vista diversos sobre o tema (por meio de debates e análises textuais), o mesmo não se deu no trabalho com o texto final, em que, nas discussões, não houve embate de ideias, ou seja, os estudantes que se posicionaram sobre o tema concordavam entre si em suas proposições.

Nas demais produções, quatorze dos vinte alunos (70%) inseriram a estratégia em alguma produção da sequência. Dos alunos que passaram a utilizar a contra-argumentação, cinco a utilizaram em três produções, cinco a inseriram em dois textos e quatro a usaram em apenas uma produção. Seis alunos não testaram a estratégia em nenhum de seus textos, número significativo, que corresponde a 30% da amostra e evidencia o grau de complexidade demandado pela tarefa.

5.2 OS TEXTOS DE INTERVENÇÃO: UM OLHAR SOBRE O TEXTO DO OUTRO

Conforme exposto na sequência didática, a atividade do terceiro dia consistiu na análise dos argumentos apresentados no texto 2, sobre o uso dos celulares em sala de aula. Os textos produzidos foram distribuídos de forma que nenhum aluno recebesse a sua própria produção. Cada aluno, portanto, deveria ler o texto que recebeu, produzido por seu colega de classe, dizer se a qualidade da argumentação, em geral, era boa, ruim ou mediana, e, em seguida, analisar e contestar ao menos dois argumentos do texto, explicando por que estes podem ser contestados e dando sugestões de melhoria. Serão apresentados os textos⁴ produzidos pelos alunos cujas sequências de texto foram apresentadas e analisadas na seção anterior. Com a apresentação destes dados, objetiva-se complementar a análise acerca da consciência dos aprendizes na produção textual argumentativa, em especial, a compreensão a respeito da contra-argumentação como estratégia para defesa de ideias. Retomadas às produções da sequência didática também se farão presentes nas análises apresentadas a seguir, uma vez que as observações sobre o desempenho dos alunos na atividade de intervenção estão relacionadas às suas performances nas demais produções.

Texto do aluno A

Posicionamento do autor: o autor foi contra o uso do celular.

Qualidade da argumentação: Ruim, pois o texto não foi objetivo e o uso da linguagem coloquial (informal) foi utilizada, deixando o texto fraco. Não houve consulta a nenhuma pesquisa, o que leva o leitor a desacreditar nas palavras do autor, que foram fracas.

Contra-argumentação:

A1 → a autora do texto cita que o celular é uma forma de distração para o aprendizado dos alunos. O argumento da autora é fraco, pois o celular pode ser um meio pelo qual o aluno possa buscar conhecimento fora de sala e adquirir novas ideias para formar o seu posicionamento crítico.

A2 → a autora também cita que se o celular fosse utilizado em sala de aula, sua atenção se desviaria para o aparelho na hora da explicação da matéria, o que na verdade, só ocorreria se o uso do celular fosse desregulado. Para não haver

⁴ Os textos produzidos nesta atividade pelos 20 alunos participantes encontram-se digitalizados no Anexo G.

desatenção nas aulas, os professores poderiam utilizar o método de entrar em um acordo com os seus alunos e organizar como seria e quando seria permitido o uso do aparelho móvel.

A análise apresentada evidencia a importância que o aluno A deu ao uso de testemunhos de autoridade para defesa de pontos de vista. A consideração desta estratégia como necessária no texto argumentativo é coerente com o que foi produzido por ele na sequência didática analisada, pois, após a diagnose, dos quatro textos produzidos, três apresentaram tal recurso. Para contestar os argumentos do autor do texto recebido, o aluno percorre dois caminhos: invalida o primeiro argumento, explicitando que se trata de uma proposta fraca, e minimiza a importância do segundo, afirmando que este pode ser válido somente se determinada providência não for tomada – no caso, a providência seria o professor mediar o uso do celular em sala de aula. Entende-se que a segunda estratégia utilizada para contra-argumentação foi elaborada a partir da consciência do aluno acerca de sua dificuldade em refutar, por completo, o segundo argumento (A2). Na sequência didática, o aluno A também utilizou a contra-argumentação, de maneira eficiente, em suas produções, o que evidencia que a estratégia foi bem compreendida.

Texto do aluno B

. O autor do texto fez um começo muito confuso porque começa afirmando uma coisa que muitos sabem que “o uso dos celulares nas salas de aula é uma questão de grande dívida”, e depois fala “deveríamos sim usar”, sem explicar o que deveria ser usado.

. E no final do texto a autoria afirma “é preciso sim o uso da tecnologia na sala de aula”, mas o texto deveria se referir ao uso do celular em sala de aula e não a tecnologia e de tecnologia em sala de aula já temos como exemplo o data-show.

Considerando-se a contra-argumentação, apenas uma foi realizada pelo aluno B, ao se referir à incoerência do texto analisado. O aluno destaca que defender o uso dos celulares em sala de aula, por meio da ideia de que a tecnologia deve ser inserida nas aulas, não é válido, uma vez que o termo “tecnologia” não especifica o tema em questão (celulares). A crítica feita pelo aluno não se deu pela apresentação de uma linha de análise oposta, mas por meio da identificação de uma falha na linha de raciocínio do autor do texto analisado. Trata-se de uma

intervenção que indica que o aluno refletiu sobre como deve se dar a construção de significados no texto argumentativo. Convém ressaltar, no entanto, que essa consciência do aluno acerca da contra-argumentação não foi válida como estímulo a sua própria produção textual, uma vez que em nenhum dos textos da sequência didática tal estratégia foi experimentada.

As demais críticas apresentadas na análise não se referiram exatamente à argumentação, mas à falta de objetividade do texto e a um problema de coesão identificado.

Texto do aluno C

Posicionamento do autor: a favor do uso de celulares em sala de aula.

Qualidade da argumentação: a qualidade da argumentação foi boa porque o autor soube se expressar e desenvolver o texto, de forma que fica bem difícil de contra-argumentar.

1º Nós achamos que não é bem positiva, a argumentação do autor em questão, porque ninguém poderá garantir que iriam fazer somente, pesquisas. Porque existe a possibilidade de alguns alunos entrarem em redes sociais, ou jogar algum tipo de game.

O aluno C esclarece que sentiu dificuldades em contestar os argumentos do texto analisado e consegue desenvolver apenas uma contra-argumentação. Para tal, apresenta informações que desqualificam a proposta do autor do texto. A dificuldade relatada é comprovada ao se observar a ausência de contra-argumentação nos textos que produziu durante a sequência didática. O aluno C, portanto, revela ter consciência de sua dificuldade na atividade.

Texto do aluno D

Posicionamento do autor: A favor do uso do celular.

Qualidade da argumentação: Mediana. Argumentos bons, mas porém fácil de ser contra-argumentado.

Contra-argumentação:

Argumento 1: Facilitar o trabalho dos professores.

Este argumento está vago porque poderia tanto como ajudar como atrapalhar porque talvez os alunos não teriam consciência de usar na hora certa.

Argumento 2: Limitações como redes sociais.

Se o aluno usasse a internet da escola teria como bloquear alguns sites mas se ele usasse a própria internet não teria restrições.

O aluno D critica o texto analisado, informando que este foi construído por meio de argumentos facilmente contestáveis. Em seguida, demonstra a fragilidade das ideias do texto e desenvolve a contra-argumentação. Entende-se que o estímulo à contestação, proposta por esta atividade de intervenção, orientou o aluno em suas produções na sequência didática, uma vez que tal estratégia esteve presente em dois dos quatro textos produzidos após a diagnose. O aluno D, portanto, demonstra ter compreendido a função da contra-argumentação no texto argumentativo.

Texto do aluno E

Posicionamento do autor: a favor ao uso do celular.

Qualidade da argumentação: ruim. Acho que ele deveria ter citado no seu texto pesquisas ele não explica muito, o texto rendeu muito só em um exemplo e vago.

Contra-argumentação:

Al Liberar para fins educacionais: O autor diz que ajudaria para fazer pesquisas e não precisaria fazer em casa.

Eu não concordo, acho que trabalho, pesquisa para casa ajuda muito no ensino, o aluno fazendo tudo na aula ao chegar em casa não iria nem toca no caderno. Tenho como exemplo: eu. E mesmo depois alguns alunos iriam fazer outra coisa sem ser estudar. Também tenho como exemplo: meus colegas da sala de aula.

A análise do aluno E evidencia a importância dada ao uso de testemunhos de autoridade para a defesa de ideias. Analisando-se os seus textos na sequência didática, percebe-se que a referência a pesquisas, conforme ele destaca, esteve presente em três das quatro produções realizadas após a diagnose, no entanto, é também importante observar que tal estratégia se deu de maneira insuficiente em dois textos.

Nas produções 2 e 3, respectivamente, os testemunhos de autoridade foram: *Há muitas pesquisas comprovando que os celulares ajudam muito durante a aula.* e *Pesquisas comprovam que os celulares ajudam durante a aula, em trabalhos de escola, línguas estrangeiras, entrando em sites de traduções.* Nessas duas ocorrências, o aluno E não demonstra consciência a respeito da função do testemunho de autoridade no texto argumentativo; parece apenas ter identificado

um modelo para uso, já que nada foi informado sobre a proveniência da pesquisa – autoria, instituição etc.

Apenas no texto 4, o testemunho de autoridade se apresenta de maneira um pouco mais desenvolvida, com referência a uma instituição (*Uma pesquisa feita pelo jornal nacional mostra que a maconha causa problema no pulmão entre outros e causa dependência ao uso contínuo.*), ainda assim, também neste caso, a possibilidade de mera reprodução modelar não pode ser desconsiderada. Além da ausência de testemunho de autoridade, o aluno E também destacou como negativa, no texto que analisou, a presença de apenas um argumento pouco desenvolvido. Em seguida, expôs a sua contra-argumentação por meio de exemplos pessoais – fala sobre si e sobre seus amigos. Nos textos produzidos na sequência didática, a contra-argumentação se fez presente em apenas uma produção. Tais dados indicam que algumas estratégias para defesa de ideias foram identificadas pelo aluno E, mas que a consciência a respeito destas ainda não se mostra desenvolvida.

Texto do aluno F

- *Posicionamento do autor: contra o uso de celulares na sala de aula.*
- *Qualidade da argumentação: Mediana, pois seu argumento está certo, porém falta alguma coisa.*
- *Contra-argumentação:*
 - . *Os alunos não vão querer fazer prova.*
 - Em minha opinião esse argumento é fraco, pois aluno não tem que querer fazer prova, com ou sem a liberação do celular, se eles não querem fazer prova, estão estudando para o que? Estão na escola para o que?*
 - . *Atrapalha no aprendizado:*
 - O celular não atrapalha, pelo contrário, ele pode ajudar, e bastante. Por mais que exista o “vício” de mexer em redes sociais, eu acredito que exista a consciência de que na escola não é lugar para usá-las. E o celular pode servir de ferramenta estudantil, como dicionário, tradutor, e a tão clichê, e óbvia, fonte de pesquisa.*

A avaliação geral do aluno F sobre o texto recebido demonstra que ele percebe problemas na argumentação do autor, mas não consegue elencá-los com precisão. Para realizar a atividade, desqualifica o primeiro argumento identificado, explicitando que se trata de uma

defesa facilmente contestável, e, em relação ao segundo, rebate a proposta com uma ideia contrária, tentando validá-la por meio de exemplos. Na sequência didática, a contra-argumentação foi utilizada nos textos 3 e 4. A análise do aluno F evidencia que este compreendeu a estratégia de contra-argumentação e conseguiu aplicá-la em suas produções.

Texto do aluno G

Posicionamento do autor: A favor da liberação do uso de celulares nas salas de aula.

Qualidade da argumentação: O texto tem argumentos fatídicos, porém o autor não usou nenhuma pesquisa como base, ou seja, uma pesquisa que confirme o que foi dito. Além disso, o autor que não se encaixa no assunto.

Contra-argumentação:

A1: O autor diz que o uso dos celulares ajudaria os alunos e professores facilitando a aula. Realmente, mas, com base numa pesquisa numa escola brasileira que liberou o uso dos celulares em aula diz que a distração nos alunos aumentaram, e que a maioria acessava as redes sociais na hora errada, fazendo com que atrapalhassem os professores e o aprendizado dos alunos.

A2: O autor diz que “TALVEZ” poderia-se “ensinar um pouco dessa nova era da tecnologia”. Isso não faz juízo algum com o assunto! Além de dizer “talvez”, o que nunca devemos fazer em uma argumentação, ele acrescentou algo mais ligado à informática. Totalmente sem nexos.

Analisando-se a intervenção, percebe-se que o aluno G considera o testemunho de autoridade como necessário no texto argumentativo. Tal análise é coerente com o que se percebe na própria contestação elaborada na atividade, em que, para desqualificar o primeiro argumento (A1), ele cita uma pesquisa. Nos textos produzidos na sequência didática – após a diagnose –, o aluno utiliza o mesmo recurso em três das quatro produções. Quanto à qualidade desse uso, porém, é preciso fazer uma ressalva.

Nos textos 2 e 3, bem como na contra-argumentação desenvolvida nesta intervenção, o testemunho de autoridade não foi utilizado como complemento da análise, mas como própria argumentação, o que é inadequado, conforme já se expôs após sequência de textos do aluno G.

Apenas no texto 4, a utilização desta estratégia se deu de forma consistente, uma vez que o testemunho de autoridade, na última produção, foi inserido como complementação da análise do autor. A outra crítica apresentada pelo aluno G nesta intervenção refere-se à falta de precisão do autor ao utilizar os termos “tecnologia” e “talvez”.

Cabe ressaltar que, nas produções da sequência didática, a contra-argumentação foi utilizada em apenas uma produção, o que evidencia a preferência do aluno G pelo testemunho de autoridade como estratégia argumentativa. Percebe-se, então, que o aluno G compreende os objetivos da tarefa de contra-argumentação – ainda que não o utilize com frequência na prática escrita – e consegue identificar, com precisão, aspectos que comprometem a defesa de ideias.

Texto do aluno H

- Posicionamento do autor: Ele é a favor da Liberação de celulares em sala de aula.

- Qualidade da argumentação: razoável, não muito convincente.

- Contra-argumentação:

Argumento 1: Proibir não adianta → Claro que proibir adianta, a pessoa sabendo que utilizar o celular em sala é proibido, com certeza ela vai regular o uso não irá atrapalhar a aula.

Argumento 2: Os direitos tem que ser iguais → Não. Professores diretores etc não estão na escola para aprender e sim para ensinar, e no meu ponto de vista professores sabem regular o uso muito mais que os alunos.

Para contra-argumentar, o aluno H rebate as proposições do autor do texto analisado explicando por que se trata de defesas falhas. Durante as produções na sequência didática, em três textos, a contra-argumentação foi utilizada, o que demonstra que a estratégia foi percebida pelo aluno como uma importante na defesa de pontos de vista.

Texto do aluno I

Posicionamento do autor: Contra o uso dos celulares.

Qualidade da argumentação: Qualidade mediana. Falta de base, que não nos deixa ter certeza do que está sendo falado.

Contra-argumentação:

A1 → “...se liberassem os celulares os alunos iam achar que poderiam usar quando quisessem...”

- Sabemos que, se o uso é liberado, os alunos poderiam sim mexer a qualquer momento. Não há provas que o aluno estará trocando sms ao mexer no aparelho, talvez ele esteja fazendo alguma pesquisa sobre algo que foi dito pelo professor. Embora a maioria dos alunos só mandem sms ao pegar o aparelho, não sabemos o que todos fazem ao pegar o celular. Nem todo mundo tem o mesmo pensamento igual.

A2 → Querer não é poder. O fato do aluno querer pesquisar as respostas na internet, não quer dizer que ele vá pesquisar. Se o uso telefônico for liberado em algumas horas, um horário que, com certeza não seria liberado é no momento de prova. Porque prova é para testar o conhecimento do aluno, e não fará sentido ser liberado o uso do celular em momentos de prova. A afirmação precisou de argumentos mais fortes porque é fácil de destruir.

O aluno I percorre dois caminhos diferentes para contra-argumentar nesta intervenção. Em relação ao primeiro argumento (A1), ele não o contesta, ao contrário, valida a proposta, mas afirma que ela não pode ser comprovada. Sobre o segundo argumento (A2), a contestação é mais estruturada, uma vez que a proposta do autor do texto é classificada como descabida. Analisando-se as produções do aluno na sequência didática, percebe-se que, após a diagnose, a contra-argumentação esteve presente em três dos quatro textos produzidos. O aluno I conseguiu compreender em que consiste a contra-argumentação, mas não demonstra pleno domínio na aplicação deste recurso.

Texto do aluno J

. Posicionamento do autor: Contra o uso do aparelho.

. Qualidade da argumentação: Fraca. O autor apenas cita uma pesquisa e diz, “Se prejudica o aprendizado não (ser) liberada”. Ele deveria usar mais argumentos para comprovar sua resposta.

. Contra-argumentação:

A1 – “Mais de 80% dos alunos admitem utilizar o celular”. O autor não diz exatamente no que eles mexem no celular, os alunos podem muito bem estar

utilizando o celular para obter: informações sobre a tal matéria, resolver contas na calculadora, utilizar tradutor ou procurar algo na internet para o professor.

A2 – “Prejudica o aprendizado e não deve ser liberado”.

Porque? Quais são as consequências? O autor não cita.

Nesta intervenção, o aluno analisa os argumentos do texto recebido de duas formas. O primeiro argumento é contestado por meio do destaque à falta de precisão da proposta, com explicações que comprovam a debilidade do que foi exposto pelo autor. Sobre o segundo argumento (A2), o aluno esclarece que uma opinião foi apresentada sem informações que a comprovassem, e cita quais dados deveriam ter sido inseridos para que houvesse argumentação.

Na sequência didática, o aluno J inseriu contra-argumentos em dois textos, mas, comparando-se o desenvolvimento desta estratégia na sequência e na intervenção, entende-se que ele possui facilidade em identificar as debilidades argumentativas de forma descontextualizada e menos habilidade para inserir a contra-argumentação dentro de um texto. Isso porque a clareza identificada em sua análise sobre o texto do outro foi superior à que apresentou em suas próprias produções.

O trabalho de contra-argumentação realizado nesta atividade teve como intuito desenvolver no aluno a percepção analítica a respeito do texto argumentativo. Para contestar as ideias de uma produção, o aprendiz precisa identificar argumentos, refletir sobre a capacidade persuasiva de cada um deles e formular linhas de análise opostas. No momento em que realiza essas tarefas, o aluno se desenvolve como observador e também como produtor, já que identificar a debilidade do texto de outra pessoa é também uma forma de entender como deve se dar o seu próprio processo de escrita.

Outro aspecto a ser destacado na atividade é o estímulo ao autoconhecimento na produção argumentativa, pois, ao se opor à determinada linha de raciocínio para defesa de uma ideia, o aluno consegue perceber se possui ou não dificuldades para argumentar. As bases da metacognição, segundo a proposta de Flavell (1979), podem ser verificadas com facilidade na atividade, pois os quatro eixos do modelo (conhecimentos, experiências, ações e objetivos metacognitivos) são viabilizados, permitindo-se o processo de autorregulação. Durante a pesquisa, esta etapa teve importância significativa para o desenvolvimento do trabalho (por este motivo, decidiu-se por apresentar os textos produzidos nesta etapa, bem como as análises sobre eles, em seção específica), pois permitiu que se averiguasse a forma como os

conhecimentos adquiridos até o momento haviam sido internalizados pelos alunos. O que se percebeu, então, em termos práticos, é que a estratégia de contra-argumentação foi compreendida pelo grupo, uma vez que todos conseguiram realizá-la na atividade do terceiro dia, e que as atividades propostas nos dois primeiros dias da sequência didática geraram resultados significativos. Estes podem ser percebidos nos textos por meio das referências apresentadas sobre as questões postas para análise até então. Os alunos falaram sobre argumentação forte, argumentação fraca, testemunho de autoridade, necessidade de comprovar uma opinião, problemas relacionados a informações vagas e a obviedades, importância do convencimento do outro na produção.

Conforme exposto no capítulo de metodologia, não foi feita uma aula expositiva sobre o tema em nenhum momento, mas as características boas e ruins da produção argumentativa foram debatidas em diversas etapas da sequência, tanto por meio de observações feitas pelo professor quanto por meio das análises que os próprios alunos elencaram durante as atividades.

5.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS ACERCA DOS DADOS ANALISADOS

As atividades da sequência didática produzidas para esta pesquisa tiveram como intuito, em primeiro momento, identificar quais aspectos comprometiam a eficiência dos alunos na produção de um texto argumentativo. Essa análise serviu de base para que se caminhasse para o segundo momento da pesquisa, que consistiu em estabelecer que estratégias deveriam ser trabalhadas para que se resolvessem os problemas dos textos dos aprendizes.

Identificou-se, então, que a análise diagnóstica não somente fornecia informações sobre os problemas dos textos, como também revelava as estratégias que deveriam ser consideradas para trabalho. Percebeu-se que nos melhores textos da diagnose, ou seja, naqueles em que se percebiam opinião e fundamentação, duas características se destacavam: o uso de exemplos e a apresentação de um trecho explicativo sobre a opinião do autor. Considerando-se que, nesta etapa inicial da pesquisa, os alunos ainda não haviam sido orientados em relação à argumentação escrita, verificou-se que tais estratégias, se já utilizadas de forma inconsciente por alguns, poderiam também ser assimiladas pelos demais, a fim de que suas produções melhorassem.

Buscou-se, dessa forma, desenvolver um trabalho baseado em competências vistas como possíveis de serem compreendidas pelo grupo. Afinal, se alguns alunos utilizavam tais estratégias, possivelmente, outros, de mesma faixa etária e de mesma série escolar, poderiam

também ser capazes de compreendê-las e aplicá-las. A inserção de exemplos e de explicação constituíram, portanto, duas bases sobre as quais o trabalho se desenvolveu. Somado a isso, percebeu-se que a contra-argumentação também seria importante para promover o desenvolvimento do grupo, uma vez que a execução desta tarefa estimula a análise crítica sobre a construção da argumentação e proporciona autodesenvolvimento no trato com o texto argumentativo, conforme já se detalhou na última seção.

O foco do trabalho foi, portanto, a capacidade individual de solucionar problemas, medida pela utilização ou não das estratégias consideradas. A avaliação dos resultados por meio dessas três estratégias enquadra-se no que Flavell (1987), citado por Jou e Sperb (2005), conceituou como Indicadores Cognitivos. São esses indicadores que permitem verificar se um determinado processo está se realizando de maneira eficaz ou não. Nesta pesquisa, os indicadores foram o uso da exemplificação, da explicação e da contra-argumentação.

Conforme se observou nos quadros 1, 2 e 3, 65% dos alunos não utilizaram a exemplificação e a explicação na análise diagnóstica, mas, nas produções seguintes, a maior parte desse grupo conseguiu inserir tais estratégias em seus textos. Em outros termos, nos textos produzidos após a diagnose, apenas dois alunos não utilizaram a exemplificação e todos eles utilizaram a explicação.

Em relação à contra-argumentação, faz-se importante uma análise mais aprofundada dos resultados para que se possa compreender o que demonstrou o quadro 3. Neste, percebe-se que nenhum aluno utilizou a contra-argumentação nos textos 1 e 5, mas que grande parte a utilizou nos textos 2, 3 e 4. Podem-se levantar três hipóteses para esta ocorrência. A primeira delas refere-se ao fato de que o exemplo do que ocorreu com o jogador Daniel Alves, tanto citado pelos alunos, já tenha sido considerado suficiente por eles para comprovar seus pontos de vista, não lhes interessando, dessa forma, recorrer à contra-argumentação para validar suas análises. A segunda hipótese se refere à forma como o trabalho voltado para a produção dos textos 1 e 5 se desenvolveu. Nos debates realizados sobre o tema dessas duas produções, em geral, não ocorreram embates de ideias. Os alunos que se expuseram nos debates concordavam entre si em suas proposições, o que impediu a visualização de pontos de vista opostos, dificultando, portanto, a contra-argumentação. O contrário se deu no trabalho realizado para a confecção dos demais textos. Para as produções 2 e 4, os alunos debateram o assunto oralmente em sala de aula e observaram diferentes posicionamentos sendo expostos. Para a produção do texto 3, que foi a reescritura do texto 2, os aprendizes se valeram das contestações do professor

e de um colega de turma acerca de seus argumentos. Como terceira hipótese, pode-se considerar que a repetição do tema tenha sido desestimulante aos alunos, resultando em pouco engajamento do grupo.

O que se pode concluir, então, sobre o fenômeno observado no quadro 3, é que a contra-argumentação, dentre as três estratégias consideradas, é a mais difícil de ser introduzida no texto e tende a ser utilizada quando há estímulos para a sua ocorrência. Tal análise pode ser complementada com o que se observou nos textos que os alunos produziram na atividade de intervenção, exibidos e analisados anteriormente. Nesta atividade, percebe-se que todos conseguiram desenvolver a contra-argumentação de forma satisfatória, indicando que a consciência a respeito da estratégia foi construída, mas confirmando que a sua prática só se dá em condições específicas.

Outra observação importante verificada na leitura dos quadros refere-se aos alunos que conseguiram utilizar mais de uma estratégia na mesma produção. Dos vinte estudantes, oito (40%) conseguiram reunir a exemplificação, a explicação e a contra-argumentação em um só texto e seis (30%) conseguiram reunir duas destas na mesma produção. Esses 14 alunos, que correspondem a 70% da amostra, demonstraram que as atividades realizadas na sequência didática foram úteis para o desenvolvimento na tipologia argumentativa.

Ainda que se tenham verificados resultados satisfatórios nesta pesquisa, não se pode dizer que apenas o uso das estratégias selecionadas para trabalho sejam suficientes para domínio da produção escrita argumentativa. Um aspecto que se verifica como ainda a ser desenvolvido é a qualidade da argumentação. Considerando que se trata de estudantes da Educação Básica, não se esperava que as defesas de suas ideias se dariam por meio de excelência argumentativa, no entanto, acredita-se que melhor desenvolvimento nesse sentido poderia ter ocorrido se a pesquisa pudesse ter sido realizada em um período maior. Continuar o trabalho com outras atividades de análise textual e de contra-argumentação seria importante para que continuassem se desenvolvendo nesses termos.

6 CONCLUSÃO

Em uma sociedade na qual grande parte das relações é pautada pela atividade escrita, dominar tal prática acaba sendo uma condição para participação plena nos mais diversos setores da coletividade. Nesse contexto, a escrita argumentativa apresenta destaque, uma vez que é por meio dela que os indivíduos se posicionam como cidadãos críticos em nas situações do dia-a-dia.

A consciência que se tem hoje acerca desse caráter inclusivo da escrita argumentativa faz com que a instituição escolar seja sempre foco de análise, uma vez que, em termos formais, é ela a responsável por capacitar os indivíduos para o bom uso da língua. O problema é que, na prática, o que se percebe, por meio de diversas formas de avaliação – institucionais ou não – é que, apesar do tempo que se passa na escola, o domínio da argumentação na modalidade escrita pelos estudantes encontra-se aquém do que se precisa para efetiva participação social. Explicar o porquê dessa defasagem não é tarefa simples, pois as causas são variadas e se encontram dentro e fora da escola. No entanto, se for possível analisar-se, ao menos, o que compete à instituição escolar, avanços significativos podem ocorrer em termos da qualidade de ensino. Nesse contexto, o presente trabalho já atua como parte dessa análise crítica sobre a prática pedagógica, já que se estruturou em teorias, mas as utilizou em termos práticos, com o desenvolvimento de um trabalho dentro de uma unidade de ensino.

A pesquisa se desenvolveu em uma instituição pública da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, em uma turma de oitavo ano do Ensino Fundamental. A partir de uma atividade oral, seguida de uma produção de texto, percebeu-se que as habilidades do grupo na argumentação em modalidade escrita eram precárias e que, apenas seguir as Orientações Curriculares da referida rede de ensino, não seria o suficiente para que os alunos apresentassem bom desenvolvimento na tipologia argumentativa. Com base nessa verificação, recorreu-se às teorias metacognitivas, sobretudo o modelo metacognitivo de um dos mais renomados pesquisadores da área, o estudioso Flavell (1979), para a elaboração de um trabalho que estimulasse a consciência do aluno sobre seus processos de aprendizagem.

O plano de ação foi delineado após atividade diagnóstica, em que se propôs ao grupo a produção de um texto argumentativo. A análise dos textos produzidos revelou que as habilidades dos alunos na defesa de pontos de vista eram pouco desenvolvidas, com problemas de diversas ordens. Poucos estudantes conseguiram, no primeiro texto produzido, construir textos em que se podia perceber a estrutura básica argumentativa: opinião seguida de

fundamentação. Em meio aos problemas frequentes observados, percebeu-se, também, um aspecto positivo que veio a se tornar foco do trabalho de pesquisa - nos textos dos poucos alunos que conseguiram inserir opiniões e comprová-las de alguma forma, foram observadas duas características: o uso de exemplos e/ou um trecho de justificativa sobre a opinião exposta. Tais recursos consistem em estratégias argumentativas reconhecidas por importantes estudiosos da área de produção textual e foram selecionados como duas das três bases sobre as quais a pesquisa iria se delinear. A terceira estratégia selecionada foi a contra-argumentação, pelo fato de que, por meio dela, o aluno pode experimentar processos essenciais para a escrita na tipologia argumentativa, como identificação e análise de argumentos, construção de contestação, autoconhecimento como produtor etc. Dessa forma, a sequência didática foi criada, de forma que os alunos percebessem a importância desses três recursos – justificativa/explicação, exemplificação e contra-argumentação – e os utilizassem em suas produções. Essa tríade foi, então, a base para mensuração dos resultados obtidos.

Verificou-se que a maior parte do grupo tomou consciência a respeito da importância das três estratégias selecionadas para trabalho. Em uma amostra de 20 alunos, 65% não utilizaram justificativas e exemplos no texto da diagnose, mas conseguiram inserir tais estratégias em textos posteriores. Sobre a contra-argumentação, nenhum dos alunos a utilizou no texto da diagnose, mas 70% a inseriram em alguma das produções posteriores. O uso das três estratégias em um mesmo texto foi percebido em 40% da amostra. Já o uso de duas em uma única produção foi verificado em 30% da amostra. O uso das três estratégias de maneira consciente constitui uma etapa inicial importante para o desenvolvimento dos alunos na produção argumentativa escrita. Chegando a esses resultados, pode-se confirmar a hipótese de que a utilização de atividades baseadas nas teorias metacognitivas são eficientes para o ensino do texto argumentativo em turmas dos anos finais do Ensino Fundamental.

Tais resultados orientam um caminho a seguir, mas não são suficientes para afirmar que o grupo se desenvolveu em todos os aspectos relacionados à produção de um texto argumentativo eficiente. A qualidade da argumentação é percebida ainda como um ponto a ser melhorado, o que se pode conseguir com um trabalho subsequente, direcionado, principalmente, ao estímulo à contra-argumentação. Pretende-se continuar este estudo seguindo-se este tipo de abordagem e considerando outras estratégias argumentativas no trabalho. Pensa-se também sobre a continuidade da pesquisa por meio de um recorte maior de análise, de forma que, além das verificações do uso das estratégias argumentativas, também se possa verificar, com precisão,

se os problemas identificados na análise diagnóstica foram extintos das produções subsequentes.

O ensino do texto argumentativo em turmas do Ensino Fundamental muitas vezes se desenvolve de maneira insuficiente para que se vejam resultados práticos. Apresentar uma sequência didática voltada para o ensino da produção textual argumentativa na escola foi o objetivo central deste trabalho. Nessa direção, a análise dos estudos pautados nas teorias metacognitivas e na concepção de escrita como processo foi essencial para que se pudesse estruturar uma proposta de intervenção em etapas, de forma a lidar com a escrita como prática inacabada, complexa e contínua.

Esta pesquisa demonstra que o trabalho pode ser realizado com eficácia se o professor considerar, em seu plano pedagógico, a importância da consciência do aluno sobre o seu próprio processo de aprendizagem. Espera-se que a forma como o trabalho com o texto argumentativo se desenvolveu nesta pesquisa, bem como os resultados obtidos com a aplicação da sequência didática, sejam úteis para a prática de professores de Língua Portuguesa, atuantes nos anos finais do Ensino Fundamental.

Falar quanto a variável aluno esteve presente.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 21.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 1995.
- DE LUCIA, Nelsi Lacon de e HOCEVAR, Susana Ortega de. **Cognición, Metacognición y Escritura**. Revista Signos, 2008. Universidad Nacional de Cuyo. Argentina.
- ENGEL, Guido Irineu. **Pesquisa-ação**. Editora da UFPR. Curitiba, 2000.
- FLAVELL, J. H. **Metacognition and Cognition Monitoring: A New Area of Cognitive-Developmental Inquiry**. American Psychologist. Outubro, 1979.
- GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar** – 26. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- GERHARDT, A. F. L. M. **Identidades Situadas e os Caminhos abertos para o ensino da língua portuguesa no Brasil**. Linguística aplicada e ensino: língua e literatura. Campinas: Pontes/ALAB, 2013.
- JOU, Graciela Inchausti & SPERB, Tania Mara. **A metacognição como estratégia reguladora da aprendizagem**. Porto Alegre, 2006.
- KOCH, Ingedore Villaça. ELLIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- MULLER, Liane Filomena e WINTER, Vera Lúcia. **Proposta de Ensino do gênero artigo de opinião a partir de uma sequência didática para professores em formação**. Caxias do Sul, 2009.
- OLIVEIRA, Jossely Bezerra Martins. **Concepções de escrita, texto e gênero textual em relatos de aula de língua materna**. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V.2, n.2. 2004.
- RIBEIRO, Célia. **Metacognição: Um apoio ao processo de aprendizagem**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003. Universidade Católica Portuguesa.
- RIO DE JANEIRO, Secretaria Municipal de Educação. **Orientações Curriculares 3º ao 9º ano**, 2013.
- RUIZ, Eliana Donaio. **Como corrigir redações na escola**. São Paulo: Contexto, 2013.
- SERCUNDES, Maria Madalena I. (2000). **Ensinando a escrever**. In: CHIAPPINI, Ligia (coord.) *Aprender e ensinar com textos*. Vol. 1. São Paulo: Cortez.

ANEXOS

ANEXO A

Contra o racismo, nada de bananas, nada de macacos, por favor!

Por Douglas Belchior - negrobeltchior

Acesso: <http://negrobeltchior.cartacapital.com.br/2014/04/28/contra-o-racismo-nada-de-bananas-por-favor/>

A foto da esquerda todo mundo viu. É o craque Neymar com seu filho no colo e duas bananas, em apoio a Daniel Alves e em repulsa ao racismo no mundo do futebol.

Já a foto à direita, é do pigmeu Ota Benga, que ficou em exibição junto a macacos no zoológico do Bronx, Nova York, em 1906. Ota foi levado do Congo para Nova York e sua exibição em um zoológico americano serviu como um exemplo do que os cientistas da época proclamaram ser uma raça evolucionária inferior ao ser humano. A história de Ota serviu para inflamar crenças sobre a supremacia racial ariana defendida por Hitler. Sua história é contada no documentário “The Human Zoo”.

A comparação entre negros e macacos é racista em sua essência. No entanto muitos não compreendem a gravidade da utilização da figura do macaco como uma ofensa, um insulto aos negros.

Encontrei essa forte história num [artigo sensacional que li dia desses](#), e que também trazia reflexões de James Bradley, professor de História da Medicina na Universidade de Melbourne, na Austrália. Ele escreveu um texto com o título “O macaco como insulto: uma curta história de uma ideia racista”. Termina o artigo dizendo que “*O sistema educacional não faz o suficiente para nos educar sobre a ciência ou a história do ser humano, porque se o fizesse, nós viveríamos o desaparecimento do uso do macaco como insulto.*” Não, querido Neymar. Não somos todos macacos. Ao menos não para efeito de fazer uso dessa expressão ou ideia como ferramenta de combate ao racismo.

Mas é bom separar: Uma coisa é a reação de Daniel Alves ao comer a banana jogada ao campo, num evidente e corriqueiro ato racista por parte da torcida; outra coisa é a campanha de apoio a Daniel e de denúncia ao racismo, promovida por Neymar.

No Brasil, a maioria dos jogadores de futebol advém de camadas mais pobres. Embora isso esteja mudando – porque o futebol mudou, ainda é assim. Dentre esses, a maioria dos que atingem grande sucesso são negros. Por buscarem o sonho de vencer na carreira desde cedo, pouco estudam. Os “fora de série” são descobertos cada vez mais cedo e depois de alçados à condição de estrelas vivem um mundo à parte, numa bolha. Poucos foram ou são aqueles que conseguem combinar genialidade esportiva e alguma coisa na cabeça. E quando o assunto é racismo, a tendência é piorar.

E Daniel comeu a banana! Ironia? Forma de protesto? Inteligência? Ora, ele mesmo respondeu na entrevista seguida ao jogo: *“Tem que ser assim! Não vamos mudar. Há 11 anos convivo com a mesma coisa na Espanha. Temos que rir desses retardados.”* É uma postura. Não há o que interpretar. Ele elaborou uma reação objetiva ao racismo: Vamos ignorar e rir!

Há um provérbio africano que diz: “Cada um vê o sol do meio dia a partir da janela de sua casa”. Do lugar de onde Daniel fala, do estrelato esportivo, dos ganhos milionários, da vida feita na Europa, da titularidade na seleção brasileira de futebol, para ele, isso é o melhor – e mais confortável, a se fazer: ignorar e rir. Vamos fazer piada! Vamos olhar para esses idiotas racistas e dizer: sou rico, seu babaca! Sou famoso! Tenho 5 Ferraris, idiota! Pode jogar bananas à vontade!

O racismo os incomoda. E os atinge. Mas de que maneira? Afinal, são ricos! E há quem diga que “enriqueceu, tá resolvido” ou que “problema é de classe”! O elemento econômico suaviza o efeito do racismo, mas não o anula. Nesse sentido, os racistas e as bananas prestam um serviço: Lembram a esses meninos que eles são negros e que o dinheiro e a fama não os tornam brancos!

Daniel Alves, Neymar, Dante, Balotelli e outros tantos jogadores de alto nível e salários pouca chance terão de ser confundidos com um assaltante e de ficar presos alguns dias como no caso do ator Vinícius; pouco provavelmente serão desaparecidos, depois de torturados e mortos, como foi Amarildo; nada indica que possam ter seus corpos arrastados por um carro da polícia como foi Cláudia ou ainda, não terão que correr da polícia e acabar sem vida com seus corpos jogados em uma creche qualquer. Apesar das bananas, dificilmente serão tratados como animais, ao buscarem vida digna como refugiados em algum país cordial, de franca democracia racial, assim como as centenas de Haitianos o fazem no Acre e em São Paulo.

O racismo não os atinge dessa maneira. Mas os atinge. E sua reação é proporcional. Cabe a nós dizer que sua reação não nos serve! Não será possível para nós, negras e negros brasileiros e de todo o mundo, que não tivemos o talento (ou sorte?) para o estrelato, comer a banana de dinamite, ou chupar as balas dos fuzis, ou descascar a bainha das facas. Cabe a nós parafrasear Daniel, na invertida: *“Não tem que ser assim! Nós precisamos mudar! Convivemos*

há 500 anos com a mesma coisa no Brasil. Temos que acabar com esses racistas retardados, especialmente os de farda e gravata”.

Quanto a Neymar, ele é bom de bola. E como quase todo gênio da bola, superacumula inteligência na ponta dos pés. Pousa com seu filho louro, sem saber que por ser louro, mesmo que se pendure num cacho de bananas, jamais será chamado de macaco. A ofensa, nesse caso, não fará sentido. Mas pensemos: sua maneira de rechaçar o racismo foi uma jogada de marketing ou apenas boa vontade? Seja o que for, não nos serve.

Sou negro, nascido em um país onde a violência e a pobreza são pressupostos para a vida da maior parte da população, que é negra. Querido Neymar – mas não: Luciano Hulk, Angélica, Reinaldo Azevedo, Aécio Neves, Dilma Rousseff, artistas e a imprensa que, de maneira geral, exaltou o “devorar da banana” e agora compartilham fotos empunhando a saborosa fruta, neste país, assim como em todo o mundo, a comparação de uma pessoa negra a um macaco é algo culturalmente ofensivo.

Eu como negro, não admito. Banana não é arma e tampouco serve como símbolo de luta contra o racismo. Ao contrário, o reafirma na medida em que relaciona o alvo a um macaco e principalmente na medida em que simplifica, desqualifica e pior, humoriza o debate sobre racismo no Brasil e no mundo.

O racismo é algo muito sério. Vivemos no Brasil uma escalada assombrosa da violência racista. Esse tipo de postura e reação despolitizadas e alienantes de esportistas, artistas, formadores de opinião e governantes tem um objetivo certo: escamotear seu real significado do racismo que gera desde bananas em campo de futebol até o genocídio negro que continua em todo o mundo.

Eu adoro banana. Aqui em casa nunca falta. E acho os macacos bichos incríveis, inteligentes e fortes. Adoro o filme Planeta dos Macacos e sempre que assisto, especialmente o primeiro, imagino o quanto os seres humanos merecem castigo parecido. Viemos deles e a história da evolução da espécie é linda. Mas se é para associar a origens, por que não dizer que #SomosTodosNegros ? Porque não dizer #SomosTodosDeÁfrica ? Porque não lembrar que é de África que viemos, todos e de todas as cores? E que por isso o racismo, em todas as suas formas, é uma estupidez incompatível com a própria evolução humana? E, se somos, por que nos tratamos assim?

Mas não. E seguem vocês, “olhando pra cá, curiosos, é lógico. Não, não é não, não é o zoológico”.

Portanto, nada de bananas, nada de macacos, por favor!

ANEXO B

Justiça proíbe uso de celulares dentro de salas de aula em Ouro Fino

Medida foi implantada desde início do mês em uma escola estadual. Segundo juiz, decisão se baseia em uma lei estadual existente desde 2002.

Uma determinação da Justiça proibiu o uso de celulares dentro das salas de aula de uma escola em Ouro Fino (MG). Conforme a decisão, agora o professor pode retirar o celular do aluno e entregar à Vara da Infância e Juventude. Conforme a Justiça, o que gerou a determinação foi o uso abusivo da tecnologia dentro das escolas e principalmente, durante as aulas. O objetivo é melhorar o desempenho do aluno nos estudos e também dar mais segurança dentro das escolas.

"Se eles estão na sala de aula, são eles que sofrem de imediato o problema da falta de atenção. Por isso a escola pediu providências. O Dr. João (juiz) nos chamou lá e determinou que fosse cumprida a lei", disse a diretora da Escola Estadual Francisco Ribeiro da Fonseca, Maria Teresa Cunha.

A medida entrou em vigor desde o início do mês. Ela é baseada em uma lei estadual de 2002 que já trata sobre o tema. Segundo o juiz que determinou o recolhimento dos aparelhos celulares, ele recebeu muitas reclamações de mau comportamento dos alunos e entre as ações que prejudicavam o andamento das aulas, muitas estavam ligadas ao uso indevido do telefone.

"Estava prejudicando o ensino e assim a qualidade das aulas, dispersando os alunos. Resolvemos então que seria uma medida importante cumprir essa lei dentro da sala de aula, sobretudo na Escola Estadual Francisco Ribeiro da Fonseca", disse o juiz.

Em 10 dias, mais de 20 aparelhos foram recolhidos. Os aparelhos vão ser devolvidos, mas os alunos terão que buscá-los no Fórum.

ANEXO C

Na sala de aula, não!

Para o aprendizado, computadores, tablets e celulares atrapalham mais do que ajudam. Por Rogério Tuma

O professor associado da Universidade de Nebraska em Lincoln Bernard McCoy entrevistou 777 alunos de seis universidades em cinco estados americanos durante o outono de 2012 e descobriu que o uso de aparelhos digitais, como celulares, computadores e tablets durante a aula é muito mais frequente do que se imagina. Seu uso quase nunca objetiva o aprendizado. Mais de 80% dos alunos admitem utilizar as engenhocas durante as aulas, o que interfere negativamente no seu aprendizado a ponto de piorar as suas notas, relata o estudo, publicado na edição digital do *Journal of Media Education*. Pelos questionários respondidos pelos alunos ficou confirmado: apenas 8% deles não usavam os aparelhos durante as aulas, 35% utilizavam de uma a três vezes ao dia, 27% utilizavam de quatro a dez vezes, 16% utilizavam de 11 a 30 vezes e 15% utilizavam os aparelhos durante as aulas do dia mais de 30 vezes.

Em relação ao objetivo do uso, 86% disseram que conversavam por texto durante as aulas, 68% checavam e-mails, 66% visitavam as redes sociais enquanto o professor tentava ensiná-los, 38% simplesmente navegavam na internet e 8% (os mais caras de pau) jogavam algum tipo de game durante as aulas. Um dado para os fabricantes de relógio: entre os alunos, o objeto virou passado. Apenas 67% deles utilizavam o aparelho para checar as horas.

Os alunos acham vantajoso utilizar os equipamentos digitais durante as aulas, pois 70% queriam permanecer conectados, 55% combatiam a monotonia com os tablets, e 49% diziam fazer algo ligado à aula. A maior desvantagem citada por 90% dos alunos é não prestar atenção na aula: 80% perdiam instruções importantes dadas pelo mestre e 32% eram advertidos pelo professor pelo mau comportamento e mais de 50% disseram que foram distraídos pelo uso das engenhocas por algum colega na sala.

Mais de 25% dos alunos referiram perder pontos na nota por causa do uso de aparelhos durante a aula. Apesar de notarem o prejuízo causado, a grande maioria minimiza o problema. Para 95%, o hábito de utilizar os aparelhos digitais na aula não era um problema maior. Mais de 90% deles, porém, são contra alguma regra que proíba celulares e afins nas salas de aula.

O uso desses aparelhos é uma grande ameaça ao modelo de ensino atual. Mais de dois terços dos alunos possuem um equipamento digital. Segundo um estudo da Experian Marketing

Services feito este ano, um aluno comum de universidade americana recebe em média 3.853 mensagens de texto por mês. Para o pesquisador, as aulas deveriam ter mais intervalos. Assim, os alunos poderiam checar seus e-mails. E os professores, em vez de impedir telefones em sala de aula, deveriam incentivar os alunos a utilizá-los para checar dados sobre o assunto da aula. Mais do que combater o uso, o professor deveria entender o caráter multitarefa do aluno, de esse ser capaz de aprender enquanto manda um recado de texto para o colega.

Mudanças de paradigmas da educação são frequentes. A interferência das mudanças de comportamento dos alunos no modo de ensinar é fundamental. E o preparo de professores para esses desafios é a chave para o sucesso na formação dos jovens. O Brasil não respeita e muito menos admira os nossos professores e, portanto, não os ajuda. A formação dos professores atualmente é, na maioria dos casos, bancada pelos mesmos. E poucos têm experiência com novas tecnologias. O atraso no desenvolvimento dessas habilidades só aumenta o abismo entre a educação moderna e a atualmente oferecida no País.

ANEXO D

3 razões para o uso de celulares em sala de aula

O vilão das provas e inimigo dos professores poderia ser útil em sala de aula. Confira três possibilidades que irão fazer você mudar de ideia.

Até pouco tempo atrás, o sinal mais singelo da presença de que um **celular em sala de aula** poderia ser motivo para que os professores tomassem medidas drásticas, como confisco temporário do aparelho ou até mesmo suspensão da aula para o aluno. No caso de provas, os telefones móveis continuam tão odiados como sempre foram. Entretanto, fora de momentos de avaliação, cada vez mais os professores têm descoberto maneiras de alterar o paradigma e começam a utilizar os celulares como aliados do aprendizado.

Para entender como isso pode ser aplicado em sala, confira três razões pelas quais os celulares devem ser usados em aula:

RAZÕES PARA O USO DE CELULARES EM SALA DE AULA: 1. É UM RECURSO DE LINGUAGEM

Em aulas de idioma estrangeiro, os **aplicativos de tradução e exercícios** podem ser realmente dinâmicos e práticos. Além do mais, é possível aproveitar recursos diferenciados, como **audiolivros, trechos de filmes** ou séries de TV e muito mais, como complemento do material tradicional utilizado.

RAZÕES PARA O USO DE CELULARES EM SALA DE AULA: 2. COMPARTILHAR RECURSOS

Dentro e fora da sala de aula, os alunos podem utilizar os celulares para compartilhar materiais, **dicas de sites** e muito mais. Além disso, também é uma ótima maneira de demonstrar conhecimento. Com celular em mãos, os alunos podem gravar conversas ou vídeos das aulas, o que permite que eles confirmem o que foi visto em sala de aula posteriormente.

RAZÕES PARA O USO DE CELULARES EM SALA DE AULA: 3. COMO FERRAMENTA PARA DISCUSSÃO

Para muitos professores essa dica pode parecer completamente fora de realidade, mas em muitos casos o celular tem se mostrado uma ótima ferramenta de incentivo de participação em sala, especialmente com **alunos mais tímidos** e introvertidos. Além de continuar a discussão depois de sala nas redes sociais, eles podem interagir nos fóruns organizados pelos professores, seja em sites especializados ou em **grupos do Facebook**, por exemplo.

ANEXO E

Permissão de uso de celulares na sala de aula

Publicado por Carlos Rodrigues Cadre

Ao contrário do que opinam a maioria dos professores e que é feito em quase todas as escolas, onde é proibido o uso de telefone celular durante a aula, Lisa Nielsen acredita que deve-se permitir. A especialista americana acredita que as tecnologias que os alunos usam no dia a dia devem ser incorporadas à sala de aula. Devemos tirar partido em lugar de temê-las.

Por Laura Pintos

"Antes que entrem nas salas de aula, os alunos estão rodeados de tecnologias, vivem nas redes sociais. Porém uma vez nas aulas seus dispositivos digitais são proibidos, são confiscados. Os alunos se sentem em aulas do passado"

Contundente e revolucionária é Lisa Nielsen. Especialista em educação norte-americana, autora do Blog: O Educador Inovador, de passagem por Madrid para participar no Fórum Mundial de Educação da Fundação SEK e da Universidade Camilo José Cela, que nada contra a corrente quando fala de ensino e aprendizagem.

A maioria das escolas optou por proibir o uso de telefone celular durante a aula. Os telefones e outros "gadgets" são perseguidos e apreendidos, que os adolescentes chegam a ficar durante o dia fora da sala de aula ou com os aparelhos desligados em suas mochilas.

"Nossas salas de aula são o passado. E os alunos vivem no futuro. Eles estão cercados por tecnologia e dispositivos eletrônicos em sua vida ... até que eles entram na escola. Isso não pode continuar acontecendo ", diz Nielsen.

Em sua opinião, "uma escola que proíbe e confisca parece uma prisão" e estas práticas "estão limitando a produtividade e criatividade e, principalmente, causando-lhes um monte de frustração." "Temos de enfrentar os medos e acabar com os mitos", diz ela.

Como fazê-lo?

Para tranquilizar os professores, Nielsen esclarece que não é deixar celulares, tablets e outros dispositivos assim, sem mais. Deve-se ter métodos para regular o seu uso e coloca-los a serviço da aprendizagem e tirar proveito disso.

O especialista, que reconhece não acreditar muito nos livros didáticos (" Diz: - Eles contêm informações que são imediatamente limitada e ultrapassada"), recomenda que os estudantes e

professores coloquem a questão buscando soluções criativas comuns e estabeleça consenso que contribuam para a motivação dos alunos.

"Pode-se pôr os alunos a definir as regras, decidir como vão usar os dispositivos e como eles terão impacto sobre essas normas. Ele não é o caos como dizem muitos professores. Minha experiência diz que os aparelhos podem ser integrados no ensino.

Nielsen acaba de publicar um livro, *Teaching Generation Text*, que justamente se desenvolve estas dicas sobre como converte os celulares em oportunidades educacionais, em vez de fontes de distração e desordem.

Entre outras funções e estratégias, a autora afirma que podem ser usados como lembretes de tarefas e testes, para tomar notas e escrever as respostas breves, para referência rápida e informação instantânea ou principalmente realizar pesquisas e ver vídeos úteis.

Para Nielsen, Não são apenas: os celulares sim ou celulares não, mas devemos unificar os mundos ou "vidas paralelas" que parecem levar os alunos. "O grande problema com a educação é que a escola é muito desconectada da vida real", diz Nielsen.

A especialista vai mais além e assegura que "a vida escolar não está dando aos jovens as ferramentas e recursos de que precisam para ter sucesso na vida real, isso tem de mudar."

"Nós não podemos manter o foco em provas e memorização, você tem que trabalhar por objetivos e projetos", aconselha. "Precisamos repensar completamente educação" reclama, recordando que "o mundo mudou e não podemos continuar a usar os mesmos métodos de ensino."

ANEXO F

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO A

TEXTO 1

O mundo é preconceituoso. Se não serem racistas, são homofóbicos, são "classe superior".
 "Classe superior" que não sabe com a discriminação pela polícia, que não é acusada de ser do tráfico de drogas, que não é chamada de "pobre fealdade".

Como diz Belchior, ignorar e não é fácil, para os negros, que mesmo "afetados" com o preconceito saem ileso de toda discriminação. Não são eles os "pobres pobres fealdades", mas sim os que "estudam e lutam por um futuro melhor", os que cresceram seus pais e tiveram sorte de se tornarem ricos".

há mais de 500 anos, negros e negras lutam contra todo o preconceito racial existente, dando a própria vida para defender sua raça, seus costumes.

Mesmo não tendo a cor considerada "preta", seu negra. Negra no sangue, na raça, nos costumes na pele, mesmo sendo considerada "panda".

Lutarei pela minha cor, pelo meu povo. Não aceitei ser considerada macaca por ser negra. Tenho cabelo duro, tenho nariz largo, tenho o sangue negro correndo em minhas veias.

TEXTO 2

O uso dos celulares deve ou não ser liberado em sala de aula?

"Quanto mais se proíbe, mais se quer." O uso de aparelhos eletrônicos nas salas de aula tem sido cada vez mais frequentes. A proibição seria a melhor opção?

Como seria se o mundo digital entrasse no universo escolar? Como disse a especialista em educação, Lisa Nielsen, "a escola que proíbe o uso de celulares, vive uma prisão." A liberação é positiva pois com a integração desses dois mundos, alunos poderiam recuperar o gosto da leitura, da escrita, do estudo e o descobrimento de novas fontes de ensino através da internet.

Usariam somente para trabalhos? Não, pois a utilização das redes sociais também seria um meio de agrupar mais os alunos e as atividades escolares dentro e fora de sala.

Com a liberação, também teríamos o controle e poderíamos entrar em acordo com os horários de uso.

Estamos na era tecnológica, aulas sem a tecnologia não fazem parte do cotidiano.

TEXTO 3

O uso dos celulares deve ou não ser liberado em sala de aula?

"Quanto mais se proíbe, mais se quer". O uso de aparelhos eletrônicos nas salas de aula tem sido cada vez mais frequente, proibir seria a melhor opção? Como seria se o mundo digital entrasse no universo escolar?

Segundo uma pesquisa feita pela especialista em educação, Lisa Nielsen, a escola que proíbe o uso dos aparelhos celulares não é uma prisão. A liberação é positiva pois, com a integração desses dois mundos, alunos poderiam achar atividades através da internet que os ajudassem a aprender mais fácil e de uma forma mais descontraída, podendo fazer debates em sites de perguntas com outros colegas de classe. Esse seria um meio pelo qual o professor teria mais facilidade para dar as suas aulas e através disso, alunos poderiam descrever o gosto pela leitura pela escrita.

Mas será que nos prenderíamos somente para esse método de uso? Não, pois a utilização das redes sociais também poderiam ajudar os alunos a se conhecerem mais e melhor. Com fóruns, os alunos poderiam discutir fora de sala questões sobre os temas abordados em trabalhos e depois, discutir em sala sobre a conclusão tomada.

TEXTO 4

Legalização da Maconha

Muitas pessoas comentam sobre a liberação da maconha, mas se referem apenas ao uso funcional para medicamentos feitos através da substância que é retirada da maconha, o cannibis.

São a favor da legalização da maconha, mas principalmente da descriminalização da mesma. Jovens são presos por portarem pequenas quantidades para uso próprio e muitas vezes são obrigados a pagar substâncias para policiais quando são parados na rua.

As pessoas dizem que a maconha além de ser psicoativa é viciante, porém ela não vicia. A maconha só mexe com o sistema nervoso central, provocando alucinações momentâneas para quem usa. Usuários dizem usar para se esquecerem dos seus problemas e apenas relaxarem por um momento.

O cannabidiol, remédio feito a partir da extração da cannibis, é um remédio que tem ajudado pacientes terminais contra as convulsões recorrentes. Relatos já foram feitos confirmando que o remédio é eficaz contra a doença dos pacientes. O cannabidiol, por ser feito de material contido na maconha, também é proibido no Brasil. Pacientes gastam milhões com a ~~injeção~~ injeção que é exportada de países onde se

TAMBOLO Cod. 1203 - Ficha de Controle 5 x 8

TEXTO 5

Texto Argumentativo → O dinheiro e a fama protegem os indivíduos do racismo?

Agora a história é diferente. Podemos ver negros hoje em dia se formando em universidades federais e tendo a oportunidade de ter um emprego considerado decente.

Em locais que somente brancos trabalhavam, os negros tomam os seus lugares. Podemos ver isso refletido nos Estados Unidos, onde a décadas atrás havia separação de bancos para negros e pobres e bancos para brancos e ricos, o povo elegeu Barack Obama como presidente, figura que espelha a grande potência americana.

No Brasil, vemos ícones aclamados pela povo que são negros conhecidos como Falcão, Leão, Fabinho, Robinho, Ronaldo, Douglas Silva entre tantos outros. Vemos também no futebol jogadores negros que sofrem até hoje com o racismo como o jogador Daniel Alves, o goleiro Alisson e outros que são internacionalmente famosos.

A fama e principalmente o dinheiro protegem inteiramente o indivíduo que comete o racismo, assim como ocorreu com Pelé, jogador brasileiro considerado negro por sua cor, mas com pensamentos que sofreram um processo de branqueamento, que também ocorre com vários artistas negros.

No caso Alisson, o ex-jogador Pelé se manifestou dizendo que o goleiro foi excluído na hora de processar uma das

torcedoras do Palmeiras. O grande rei do futebol também disse que em sua época como jogador, também foi chamado de mococa e não foi por isso que tomou tais atitudes.

Vemos um comentário totalmente racista do parte de Pelé que é negro, mas sofreu uma mudança de pensamento sobre sua cor quando conquistou a fama e o poder.

Vemos também a pouco tempo no Teletom, o grande e aclamado apresentador e dono da SBT, Silvio Santos, fazer um comentário altamente racista, onde disse a uma menina negra que tinha o sonho de ser atriz e cantora que com o seu cabelo não iria conseguir conquistar seus sonhos.

A todo momento a mídia televisiva nos impõe um pensamento em que os negros não são iguais na mesma sociedade, sendo que no Brasil, existe uma maioria negra.

Os direitos tem que ser conquistados cada vez mais e com mais rapidez. Chega de desrespeito e preconceito, vamos mudar.

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO B

TEXTO 1

Questão 9: Ficará mais protegido, mas não será idêntico aos
 modelos de lingotão de ouro por sua cor porque hoje em dia o
 sujeito pode ser o homem mais poderoso do mundo, mas por
 causa da sua cor ele sofre preconceito, mas não é como um
 negro ou até mesmo um branco pobre sofre com mais frequência.

TEXTO 2

O uso dos celulares deveria ser liberado mas como um
 bom uso, como: o professor ter um planejamento de aula para os alu-
 nos trazerem o celular, ter um momento livre para o uso
 desses aparelhos e como auto-conscientização dos alunos para
 saber usar adequadamente e não ficar jogando, metendo no
 e-mail e Facebook como mostra os pesquisas de como esta sendo
 usado na maioria das vezes e uso do celular pelos alunos.

TEXTO 3

O uso dos celulares deveria ser liberado mas por meio de um bom
 uso, como: o professor ter um planejamento de aula para os alunos trazerem
 o celular, ter um momento livre como o recreio para o uso desses aparelhos
 e como auto-conscientização dos alunos para saber usar adequadamente
 o celular em sala de aula e não ficar jogando, metendo
 no e-mail e Facebook, como mostra uma pesquisa feita em um
 país norte-americano de como esta sendo usado na maioria
 das vezes e uso do celular pelos alunos.

TEXTO 4

Na minha opinião a maconha não deveria ser liberada no uso me-
 dicinal e no uso pessoal não porque esse tipo de droga viciante entre outras,
 origina o tráfico de drogas e o crime em principalmente em lugares de
 classe média baixa. É minha opinião qualquer um morador que mora
 ou se mora perto de alguma "ilha de fumo" nunca aprovaria e
 se não aprova tudo que não é como o refinamento dos dependentes
 químicos o crime e recidiva para sustentarem o vício.

TEXTO 5

Na minha opinião o dinheiro e a fama ajudam a diminuir o preconceito dos indivíduos mas não tem sempre alguém que sabe fazer comentários racistas.

Algumas pessoas famosas que sofreram preconceito: o goleiro do Santos e Branta e o lateral da Barcelona o Daniel Alves que são exemplos de como a fama e o dinheiro não protegem do preconceito racial. E o Daniel Alves disse uma vez em uma entrevista que desde que chegou na Barcelona sofreu com o preconceito racial.

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO C

TEXTO 1

9. Os negros ricos ou milionários não sofrem preconceito por causa da fama e pelo dinheiro, só o negro pobre sofre muito preconceito, se ainda tivesse o mesmo nível de preconceito com negros, uma pessoa negra foi presa por jogar uma boneca no beiro.

TEXTO 2

O uso dos celulares deve ser utilizado na sala de aula, pois existe muitos jogos que podem ajudar na educação tais como Mimicraft, Pocket que ajuda na criatividade, Subway surfers que melhora a atenção entre muitos outros.

Os celulares também podem ser utilizados para trabalhos de pesquisas, exemplo se você quer comprar um livro, depois de ler essa pessoa pode baixá-lo em formato de PDF e para pesquisas, exemplo se você não sabe o significado de uma palavra você irá poder pesquisar.

TAMUO
Cód. 1202 - Ficha de Controle 4 x 6

TEXTO 3

O uso dos celulares deve ser liberado na sala de aula, pois o uso do celular pode ajudar o aluno e o professor. exemplo: se o professor acha um site que ~~na~~ sala ~~de~~ explica algo sobre sua matéria, ele poderia enviar o link ou escrever o link no quadro poderia também ser utilizado como um meio mais rápido de pesquisar significados de palavras.

O pior é que ninguém pode garantir que os celulares não serão utilizados para pesquisas.

TEXTO 4

Eu estou em dúvida sobre a liberação da maconha por que se fosse liberada as pessoas que têm doenças que o meio alternativo de tratamento, a maconha, como meio de Parkinson, asido pessoas não precisam viajar com o medicamento, a droga, enquanto se ~~o~~ maconha ~~as~~ estivesse liberada a taxa de mortalidade iria diminuir bastante ~~o~~ a população do Brasil.

TEXTO 5

Na minha opinião dinheiro e fama não protegem os indivíduos do racismo, porque o governo ataca do sorriso é rico e foi vítima de injúria racial. Daniel Alves também foi vítima de racismo. A condenação por racismo ou injúria racial deveria ser bem mais severa mas continuar sem fiança.

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO D

TEXTO 1

Questão 9: Eu acho que a pessoa que adquire fama, dinheiro não fica mais 'protegido' e nem a evita do racismo que existe no mundo, tanto que tivemos um exemplo de racismo foi o que aconteceu com Daniel Alves.

TEXTO 2

O uso do celular em sala de aula na minha opinião deve ser liberado pois ajuda em vários casos como achar imagens, textos e outras coisas para ajudar na matéria. Na sala de aula já que não temos um computador para cada aluno na sala. Também poderíamos usar tradutores e dicionários online para ajudar em certas palavras que não entendemos.

TEXTO 3

Na minha opinião o uso do celular em sala de aula deveria ser liberado, pois ajudaria em vários casos como achar imagens, textos e outras coisas. Porém outras pessoas falam que os alunos iriam mexer em outras coisas também, como jogar nas para evitar isso teríamos que criar regras para evitar isso como o professor passar de tempo em tempo ver as mesas, os alunos falam quem estiver usando o celular para outras coisas sem ser para a ajuda na matéria.

Tradutores e dicionários offline para ajudar em palavras de línguas estrangeiras e as palavras da nossa língua que não entendemos.

TEXTO 4

Na minha opinião a maconha não deveria ser liberada, porém para uso medicinal seria muito bom.

Eu sou contra a liberação da maconha porque até hoje não tivemos mortes em acidentes com maconha envolvida, mas temo que depois da liberação não vai acontecer por causa dos efeitos psicoativos.

Muitas pessoas dizem que depois da legalização o tráfico iria diminuir ou acabar, mas terá mesmo já que a bebida e a cigarra é liberado e do mesmo jeito é contrabandeado outro exemplo é a pirataria na loja você encontra uma camisa por 80 reais mas perto de sua casa você encontra a mesma ou uma melhor por 20 reais qual seria melhor.

TEXTO 5

NA MINHA OPINIÃO O DINHEIRO E FAMA NÃO PROTEGE O INDIVÍDUO DO RACISMO ACONTECEU VÁRIOS CASOS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL E PROVAVELMENTE EM OUTROS LUGARES.

RECENTEMENTE ACONTECEU COM O CRUEIRO ARANHA DO TIME SANTOS TAMBÉM COM O JOGADOR DA SELEÇÃO BRASILEIRA DANIEL ALVÉS QUE JOGARAM UMA BANANA NO JOGADOR.

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO E

TEXTO 1

Questão 9: Acho que uma pessoa rica não é protegido, a qualquer momento pode sofrer o preconceito, mas em uma pessoa ^{indivíduo} ^{uma lição} porque ela não pediu a opinião do racista se sua cor é boa ou não se o gosto de não, o que importa para essa pessoa rica que ela tá rica com dinheiro no bolso.

TEXTO 2

~~Essa discussão~~ Há, muitas pesquisas comprovando que os celulares ajudam muito durante a aula. A tecnologia vem evoluindo muito mais do que fugiu. Ela faz parte de nosso dia a dia, então também acostumados. Várias pessoas dizem que usam grande parte dos jovens usam o celular para outras coisas sem vez de estudar e fazer pesquisas. O que que deveria fazer tempo de aula onde os alunos marcam um celular; jogos; mensagens e etc...

TEXTO 3

Pesquisas comprovam que os celulares ajudam ^{durante a aula} em trabalhos da escola, jogos estrangeiros, também em sites de traduções. Então um ítem de evolução, muitas tecnologias estão por vir não de para fugir delas, também encontramos todos os dias. Muitas escolas não tem computadores então a opção são os celulares. O professor poderia inventar o aluno entrar em sites educacionais mostrar outras coisas boas na internet além de jogos, redes sociais e etc. Isso ajudaria muito no ensino. Os alunos os jovens pagam o custo de estudar onde mas pela internet que é um mundo de conhecimento.

TEXTO 4

Seu a favor, para a sua medicina, mas ~~para~~ esse para todos não deveria ser liberado, ~~porque~~ como pesquisa feita pelo jornal nacional mostra que o macinho causa problema nos pulmões entre outros e causa dependência ao uso contínuo. O macinho ele não é legalizado e mesmo assim os pessoas usam ele escondido. Se ele for legalizado a população vai usar a vontade nos seus ~~seus~~ ^{podem} ~~podem~~ ocorrer confusões e até mortes.

TEXTO 5

Não protege. Porque qualquer pessoa com dinheiro e fama se expõe ao público e pode acontecer que não o nacional. Essa pessoa pode ser o presidente Dilma, mas ela não está protegida do vírus. Outro exemplo foi um acontecimento muito perto com Daniel Azevê, jogavam uma honra no Daniel Azevê no meio de uma partida de futebol, mas como ele é rico e famoso o epidemiologista foi para se o vírus tivesse acontecido com...

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO F

TEXTO 1

Questão 9: Em minha opinião, não é verdade. Eles podem até tentar usar, tentar reverter a situação, mas isso não é possível. Eles sofrem su-
cromo, sim. Para comprovar isso, teve o caso do Daniel Alves, e
reverteu comendo a banana, mas foi um ato racista do torcedor, ele
reverteu. O racismo acontece com todos os classes sociais, independen-
te da pessoa ser rica, ou pobre.

TEXTO 2

Em minha opinião, o uso de celular na sala de aula deve ser liberado, pelo simples motivo de poder ser uma ferramenta para estudo, pois pode ser usada para tradução textos, como foi citado em "Três razões para o uso de celulares na sala de aula". Além disso pode servir como dicionário, fonte de pesquisa e caso nós tenhamos aulas de argumentação, como essas, podemos fazer pesquisas para comprovar nossos argumentos, deixá-lo fonte. E, como foi citado em "Permissão de uso de celulares na sala de aula", nós precisamos de métodos de ensino modernos.

TEXTO 3

Em minha opinião, o uso de celular deve ser liberado nas salas de aula, por um motivo simples, pode ser usado como ferramenta de estudo, pois pode ser usado como tradutor em aulas de língua estrangeira, como foi citado em "Três razões para o uso de celulares na sala de aula". Além disso, pode servir como dicionário, fonte de pesquisa e, caso nós tenhamos aulas de argumentação, como essas, podemos fazer pesquisas para comprovar nossos argumentos, deixá-lo mais fontes. E, quem pode garantir que os alunos não ficam em redes sociais e jogos? Se não tentarmos, não sabemos se deve estar ou não. Como foi citado em "Permissão de uso de celulares na sala de aula", "Nós precisamos de métodos de ensino modernos", precisamos de qualidade, precisamos sair um pouco de estímulos, fazer pesquisas sem esperar até estar em casa, talvez assim os alunos tenham se interessar mais nos aulas. Como vocês sabem, se não tentarmos?

TEXTO 4

Eu sou a favor da legalização da maconha. Não porque não diminuir o tráfico, todos sabemos que não vai diminuir, mas porque as pessoas têm o direito de escolherem o que eles querem fazer, se eles querem usar, que usam sem que estejam cometendo um crime, até porque cigarros e bebidas alcoólicas são drogas e estão legalizadas, então, eu libero a maconha, eu permito os outros drogas, pois não tem lógica proibir uma e deixar os outros "selos" por aí. É melhor liberar, assim como proibir, pois quanto mais se proibir, mais as pessoas querem. E também sou a favor para o uso medicinal.

TEXTO 5

Em minha opinião não protego, pois aconteceu um ato racista com o Daniel Alves, o chamado de "macaco" e jogaram uma banana nele, então, não protego do racismo e acho que nunca irá proteger, muitos pessoas acho que protego, os artistas acho que estão protegidos por terem poder, mas eles não estão, o caso do Daniel Alves e a falta de outros artistas e jogadores de futebol servem para nos mostrar isso, nossa sociedade deve mudar, e muito, e não vai ser com dinheiro que isso vai mudar, a pessoa não vai ser respeitada por causa do seu status e sua fama, ainda tem muita gente racista que não respeita ninguém, e que deve ter consciência de que negros também são gente, e devem ser respeitados como tal e não como macacos, ou outros animais.

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO G

4- Do meu ponto de vista, implicitamente é racista. Hoje em dia a pessoa que tem um grande poder aquisitivo e ela tem bem mais respeitagens que as que não tem. E para isso não é preciso ser negro. Mas os maiores "casos" são em relação com as pessoas negras. Nós nunca vemos ver uma pessoa negra rica e famosa ficar presa por um dia e sequer um mês (a não ser que não tenha como pagar fiança) porque, além do mais, a pessoa é rica! Ela pode pagar o melhor advogado do do Brasil se quiser. Mas e nós, classe baixa? Nós podemos ser presos por injustiça, por apenas sermos negros?

O racismo tem que ter um fim.

TEXTO 2

Eu concordo com a liberação do uso de celulares na sala de aula. Como disse Lisa Nielsen, uma especialista americana em educação, "A tecnologia veio para ajudar" disse ela. "Os recursos estão inovando e melhorando, devemos acompanhar este crescimento" completa ela.

Estamos em uma nova era, a era da tecnologia. Se veio para ajudar, para melhorar, porque não desfrutá-la?

TEXTO 3

Eu concordo com a liberação do uso de celulares na sala de aula. Como disse Lisa Nielsen, uma especialista americana em educação, "A tecnologia veio para ajudar" disse ela. "Os recursos estão inovando e melhorando as aulas, devemos acompanhar este crescimento" completa ela.

Estamos em uma nova era, a era da tecnologia. Se veio para ajudar, para melhorar, porque não desfrutar dela?

É claro que pode não dar certo, até porque nem todos os alunos não obedecem as regras e também porque nem todos os alunos têm condições financeiras para comprar um celular. Mas não custa nada fazer um teste.

Em questão dos alunos que não têm celular, quando precisar, acompanhar a atividade junto com um aluno que tenha um celular.

Em questão dos alunos usarem o celular fora do tempo: os professores podem recolher todos os celulares na hora das provas que não foram com consulta. E a fiscalização em cima de não permitir que os alunos usem seus celulares na hora da explicação dos professores, poderia ser mais rígida, com punições mais rígidas, como: se usar o celular na hora errada e o professor ver, ele poderá confiscá-lo e até proibir que o aluno use quando ele passar alguma atividade que possa fazer pesquisas no celular.

TEXTO 4

Eu sou a favor da liberação da maconha para o uso medicinal. Aqui no Brasil, existem famílias que têm filhos com doenças que só são tratadas com uma substância extraída da maconha, chamada Cannabis, de onde é feito o remédio Cannabidiol.

Em uma reportagem da TV Globo, sobre a triste situação de duas famílias que têm filhos que sofrem de uma doença que, até agora, só o Cannabidiol pode "solucionar" o problema.

A primeira família compra o remédio fora do Brasil para dar à filha que sofre de epilepsia, tendo mais de 50 convulsões por dia. Esse remédio diminuiu cerca de 60% das convulsões e não causa alucinações.

A segunda família, sobre o sofrimento de uma mãe que não tinha dinheiro suficiente para estar sempre comprando o remédio fora do Brasil, e que resolveu fazer o próprio, com uma receita de internet. O Cannabidiol que ela fez causou alucinações em seu filho, algo que não acontece com o remédio importado.

do.

Pois eu que, se o governo liberasse a maconha pelo menos para o uso medicinal, essas imprudências não aconteceriam, pelo menos não com frequência.

A maconha pode trazer muitos males, mas também pode trazer muitos benefícios. ~~... a não que existem alucinações.~~

TEXTO 5

Eu acredito que nem o dinheiro e nem a fama protegem os indivíduos do racismo. Olhando pela perspectiva de um indivíduo racista: "não me importa se é rico e famoso; se for negro, não é melhor do que babalhou para ter, é bandido. É negro!"

Para confirmar a minha opinião, vou citar um caso de racismo ocorrido na Espanha, no meio de uma partida de futebol, ocorrido há um tempo atrás, com o jogador brasileiro Daniel Alves.

Quando o jogador foi batido e acamado, um torcedor jogou uma banana no jogador, insinuando que Daniel fosse um macaco. Mas o lateral direito agiu de uma forma educada - pelo menos em minha opinião -, pegando a banana do chão, descascando e mordendo um bom pedaço da fruta.

A polícia descobriu quem foi o cidadão que cometeu esse ato ignorante e foi punido, sendo proibido de entrar neste estádio para sempre.

Apesar de eu não acreditar que o dinheiro e a fama protegem as pessoas do racismo, eu acredito que o dinheiro e a fama protegem as pessoas de cometerem discriminações, seja racial, seja por orientação sexual ou religiosa.

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO H

TEXTO 1

Questão 9: Sim, quando a pessoa é rica ela ~~é~~ adquire direitos que negros pobres não têm. Por exemplo um negro mal ~~apresentado~~ arrumado entra numa loja que só se vende roupas caras, ele vai ser mal recebido, mas, ao que ele mostrar dinheiro recebe toda a atenção do mundo. mostrar que pode sim comprar naquela loja praticamente calar a boca da sociedade que julga aparência por cond. exemplos como o do daniel alves ~~que~~ ser rico não modifica sua raça! Continuem sendo negro, mas, um negro rico é diferente.

TEXTO 2

Eu não acho que ~~deveria~~ ser permitido, distrairia os alunos e desviaria a atenção das aulas, e sobre esse negócio de perquirar, o professor já tem o data show para isso mesmo. Já que a pesquisa não é igual para todos os alunos eu acho o data show suficiente. mesmo que alguns alunos meçam o condido por ser proibido eles não ficam o tempo todo por medo de ser pegos, e só olham o celular pra coisas rápidas.

TEXTO 3

Eu ainda sou contra a liberação dos celulares, e não, não acho que o uso do celular traga benefícios. Não é porque pesquisas comprovam que os alunos se concentram mais com celulares que eu tenho que concordar, eu conheço meus colegas e eles sim eu tenho certeza que se distorcer se o celular fosse liberado algumas pessoas ~~em~~ conseguiriam se concentrar nas aulas mas não se pode garantir que seriam todas.

O data show é para exibir, mas, ele exibe o que o professor põe para exibir, se o professor fixar a pesquisa e ligar o data show para exibir ele vai conseguir exibir a pesquisa. Eu acho o uso do celular desnecessário se tivesse que implantar mais uma tecnologia em sala teria que ser o tablet, e para cada aluno, se assim poderiam configurar com restrições por exemplo: redes sociais!

TEXTO 4

A maconha deve ser liberada por que eu acho que pessoas que fumam a maconha tem que ter os mesmos direitos de quem fuma e bebe, ambas fazem mau e são liberadas a escolha vai da pessoa, se ela bebe os rios? e mesmo assim faz isso é problema dela.

O cheiro incomoda? Sim. só que o cheiro do cigarro também incomoda do que adianta não ser legalizado, mas as pessoas usamem mesmo assim? Tem que legalizar porque cada um tem seu corpo e faz o que quer com ele.

TEXTO 5

Acho que protege mas não deixa de existir o preconceito independente da pessoa ser famosa. Sites de fofoca criticam ~~os~~ muitos famosos, isso não deixa de ser preconceito. Quando veem um negro pensam logo que é bandido, assaltante, mas não é bem assim ~~existem~~ existem muitos negros bem sucedidos o Presidente do Estados Unidos é um exemplo disso. Então não. Eu não acho que protege.

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO I

TEXTO 1

Questão 9: Em minha opinião, não, porque o mundo não faz com que a pessoa mude de cor racialmente. O jogador Daniel Alves é rico, tem muito dinheiro e nem por isso ele deixou de ser negro, então ele pode sim ser vítima do racismo.

TEXTO 2

O uso dos aparelhos celulares não devem ser liberado.

Percebemos que ao longo do dia, nas aulas, a maioria dos alunos mexem no celular incontrolavelmente, atrapalhando o professor dar a explicação, e alguns alunos, que querem pegar ou entender a matéria.

85% da turma, com certeza é prejudicada pelo uso de celulares, porque em todas as turmas há aquele aluno que tem dificuldade em algumas matérias. Liberar o celular não seria uma ótima escolha.

O uso do celular na sala de aula tiraria os alunos do foco, não tem como aprender mexendo em redes sociais, mandando mensagens de textos... tem mesmo as pesquisas.

Liberar o celular seria o mesmo que deixar os alunos no "computador". Se for para mexer na escola, melhor mexer

em casa que não atrapalha o estudo em sala de aula.

Enquanto as pesquisas, é melhor que continuem no modo tradicional, pesquisando em livros, revistas, internet (em casa), etc.

TEXTO 3

O uso dos aparelhos celulares não deve ser liberado.

Em aula, alguns alunos não param de mexer no celular, seja o que for que ele esteja fazendo, está prejudicando no seu próprio aprendizado, e no de seus colegas em meio às aulas.

85% da turma, com certeza, é prejudicada pelo uso indevido de celulares, porque em todas as turmas, há aquele aluno que tem dificuldades em algumas matérias. Liberar o celular não seria uma ótima escolha. No entanto, os alunos querem que o uso seja liberado, para que eles possam fazer pesquisas durante a aula. Se o trabalho é para casa, por que fazê-lo em aula?

Se pesquisas forem feitas durante a aula, o professor não conseguirá aplicar a matéria preparada. Ouvir músicas durante as aulas atrapalharia ainda mais, pelo simples motivo que o aluno que estiver ouvindo música, não conseguiria entender a explicação do professor. O aluno não manteria o foco na aula.

Para que os alunos não prejudiquem a aula do professor, mexendo no celular, é melhor que o aluno faça as pesquisas em casa. Até porque, o aprendizado do aluno deve ser visto, e com o aluno "fazendo" a pesquisa em aula, simplesmente poderia pedir a resposta ao colega.

Não mudaria o modo tradicional das pesquisas.

TEXTO 4

A maconha seria como um bem se fosse liberada. A droga pode ser usada em vários tipos de remédios e, como não podemos ler o uso oficialmente, a maconha não poderia ser utilizada em usos médicos no Brasil.

Em minha opinião, se o uso fosse liberado, nem todos usariam. A escolha é individual, e muitos manteriam sua postura de não usar porque maconha faz mal. A pessoa fuma ou quiliba, não é obrigatório o uso, porém, sabemos que os que usam, usam em ruas e vielas. Também nos que fumam qualquer tipo de cigarro, não é liberado em todos os lugares.

Em uma reportagem da Rede Globo no jornal do Fantástico, informam que nos Estados Unidos é usado maconha em vários tipos e efeitos de remédios. Uma farmácia há plantações de maconha, e muitos remédios que foram desenvolvidos através de substâncias que não utilizadas o produto. Os remédios que já foram produzidos medicinalmente, estão sendo usados em pessoas que estão

com doenças terminais, em pessoas que tem contunção.

Se a liberação for boa ou não, teremos que ler para saber.

TEXTO 5

Na verdade não. Fama e dinheiro não podem nos proteger do racismo. Fama é fazer você ser conhecido. Dinheiro, não vamos conquistá-lo através do trabalho.

O dinheiro pode ser usado para clarear a pele, bronzear, hidratar... Mas não pode esconder quem você realmente é!

Se você nasceu negro, por um tempo trabalha bastante, fica conhecido e via famoso, não tem como você se esconder de sua própria cor. Por mais que mudemos a cor da pele, se nascemos negros, sempre seremos conhecido como negro.

Centro de uma partida de futebol, uma Copa do Mundo, um torcedor jogou uma banana em um dos jogadores, chamado Daniel Alves, e fez gestos para ofendê-lo e chamá-lo de macaco. Daniel agiu naturalmente, e ao ver a banana que o torcedor atirou contra ele, comeu e voltou ao jogo.

Daniel Alves é famoso por ser jogador de futebol, e tem muito dinheiro, e mesmo que tenha que contratar seguradoras para protegê-lo, a cor de sua pele continua sendo a mesma (negra). Daniel pode até clarear a pele, mas para aquele torcedor que atirou a banana e para mim, ele sempre será negro.

Não podemos fugir dos fatos. Se nascemos negros sempre seremos negros.

Ser negro não é vergonha, é ser forte, ter atitude, sangue de trabalhador. Os negros também são humanos, e merecem todo o respeito.

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO J

TEXTO 1

9011 Isso na minha opinião também é racismo! então se você não tiver dinheiro ou fama você não terá segurança? Licho que essa é uma forma de separação de classes raciais, pobres e ricos.

O meu objetivo era fazer um movimento contra o racismo, e para que meu ponto de vista seja aprovado eu filmaria pessoas que não tenham uma boa condição pedindo ajuda para pessoas que tenham, então eu veria a reação deles. Assim nós saberíamos quem é racista e quem não é.

Muitas pessoas se fazem de boas e na realidade mentem.

E então eu veria quem estaria certo ou errado.

TEXTO 2

Eu sou a favor do uso de celulares dentro e fora de sala de aula. Não adianta dizer: "É proibido o uso de celulares na escola", quantas vezes nós alunos pegamos, professores, expectores e até diretores usando o aparelho?

Todos nós devemos ter o mesmo direito. O uso dos aparelhos não ajudam os alunos e os professores em relação a aprendizagem, comunicação e em reparar que o celular não é um licho de 7 cabeças.

TEXTO 3

Eu sou a favor da uso de celulares dentro e fora de sala de aula. Não adianta dizer: "é proibido o uso de celulares na escola". Quantas vezes nós, alunos, pegamos, professores, inspetores e até diretores usando o aparelho?

Mesmo que eles saibam regular o uso, não alunos também sabem, e mesmo que digessem que os alunos fingiriam estar estudando e na verdade estariam só querendo receber uma mensagem de contato, e se caso acontecer algo com algum familiar de algum aluno e os responsáveis não conseguirem entrar em contato com a escola?

E também, com a liberação do aparelho, os alunos vão sim saber controlar o uso.

TEXTO 4

Eu sou a favor da legalização da maconha, e você?

Com a droga sendo liberada diminuiria o tráfico e o contrabando, assim como o álcool e o cigarro, a maconha também deveria ser legalizada.

Ela não deveria servir apenas para remédios, muitos dizem que a maconha deixa a pessoa com problemas e dependente, a maconha serve para deixar a pessoa mais relaxada e não deve a ponto de matar alguém.

TEXTO 5

Na minha opinião o dinheiro e a fama não protegem as indivíduos do racismo. Muitas famosas sofrem com isso mesmo tendo dinheiro suado, como a galera do Santos, mais conhecido como "Aranha" que foi chamado de macaco por um torcedor. Temos como outros exemplos o jogador Daniel Alves que passou por cima do fato de um torcedor jogar uma banana no estádio.

Já podemos ver que o dinheiro não protege as pessoas.

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO K

TEXTO 1

9- Na minha opinião é que o Daniel é formado e rico, ^{pois isso é} tratado diferente das outras. Todos os dias pessoas sahem por sa familiaridade, por sa sa cor etc. E ninguém m fog moda, oqta q um jogador sahe e todos participam de companhia. Ele pode por sa a pessoas que faz o racismo na justiça qmbm milhões de reais, ^{praticou o ato racista} não sai empregado e não sahe moda porque é o racismo de seguradoras. Enquanto as outras pessoas não saem nem na justiça porque não sahe não sai ter direito, não sahe exposto, então é ninguém fog moda.

TEXTO 2

O celular deve ser liberado na sala de aula!
Como o especialista Lizi Nielsen disse, os aparelhos eletrônicos ^{com ajuda} são usados no ensino. Nossa forma de estudar está passando, hoje em dia temos vários jogos, exercícios, palestras, até mesmo explicações da matéria.
Não ficamos somente em livros, apostilas e cadernos, e estamos perdendo a oportunidade. Muitos julgam, que não deveria ser liberado, por conta que vai atrapalhar ^{no} entre outras coisas e no meio disso quem perde somos nós... Se não tentarmos nunca veremos se vai ou não dar certo...

TEXTO 3

O celular deve ser liberado na sala de aula!
Como o especialista em educação Lizi Nielsen falou em uma entrevista, vai mudar no ensino. Nossa forma de estudar está "ultrapassada". Tem alunos com dificuldades de aprender em livros e cadernos, ou até mesmo não gostam de estudar, acho que com os jogos, exercícios, palestras, até mesmo explicações da matéria na internet. Muitos dos vezes não entendemos as explicações dos professores, e isso é "socorro" com a internet.

Não ficamos somente em livros, apostilas e cadernos, estamos perdendo oportunidades de melhorarmos no ensino. Entretanto muitos dizem que não deveria ser liberado, porque vai atrapalhar ou vai nos desorientar, entre outras coisas e no meio disso, quem perde somos nós... Se não tentarmos nunca veremos se vai ou não dar certo...

At: Nossa forma de estudar está ultrapassada. Tudo está ficando moderno. Vários países tem aparelhos eletrônicos em sala de aula e tem um ensino muito

TRIMOLD Cod. 1203 - Ficha de Controle 5 x 8

melhor do que o Brasil.

AQ: Estamos perdendo a oportunidade de nos modernizarmos com ensino, apesar de livros, apostilas e cadernos serem bons, mas acho que com aparelhos eletrônicos os alunos vão ter mais interesse com o estudo.

TEXTO 4

Sou a favor da liberação da maconha no Brasil, liberada ou não as pessoas usam, temos que ter liberdade, se eu quiser, usar eu uso!, todos sabem dos perigos que têm. Com a liberação da maconha não acabará o tráfico, mas acredito que diminuirá, também diminuirá as mortes por doenças da droga.

Também ajuda no uso medicinal, existem famílias que os filhos tem doenças que são tratadas com uma substância da maconha chamado lamalid, de onde é feito o remédio lamalidial. Em uma entrevista no Fantástico, a menina tinha epilepsia e sua mãe teve que comprar o remédio fora do Brasil. Esse remédio diminuiu cerca de 60% de convulsões e não causa alucinações.

E como o ex-secretário da Juventude da União disse sobre o assunto: "Quero relatar aqui também que não sou usuário nem nunca experimentei a maconha, apenas acho que o mal no mundo não é causado pela erva."

TEXTO 5

Na minha opinião não protege. O jogador do Barcelona Daniel Alves foi vítima de racismo e é suco, e torcedor jogou lanterna no campo para ele, com a intenção de chama-lo de macaco e como punição o jogador não pode mais entrar em estádios.

Tem vários negros ricos que entram em bndiques, restaurantes, entre outros e são cobrados de todos. Na nossa cultura os negros nem foram os escravos, ladões, pobres... E as pessoas tem a mesma imagem para todos eles e acabam descriminando-os.

No entanto os ricos e famosos tem mais "direitos", se acontecerem com racismo com eles, sempre tem uma punição e para o pobre acaba tirando algo normal.

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO L

TEXTO 1

9) Eu acho que os indivíduos quando adquirem fama e dinheiro ficam ^{mais} protegidos do racismo pois eles não precisam mais ficar nestes ambientes racistas não precisam conviver ^{mais} com isto e isso que nos por isso eles não vão ser alvos do racismo e claro que vão pois tem sempre um atraso para fazer isto.

TEXTO 2

O uso das celulares dentro das salas de aula devem ser proibidos, pois os alunos ficam desatentos não prestam atenção nas aulas e tem um rendimento muito menor do que os alunos que não ficam no celular, pois os alunos que não ficam no celular se concentram mais e aprendem bem mais que os alunos que ficam no celular se concentram nas redes sociais e esquecem que estão ali para estudar não ficam no celular, eu penso que se for para ficar no celular, então vendo as redes sociais que fiquem em casa, porque se está na sala de aula é para estudar.

TEXTO 3

O uso das celulares dentro das salas de aula deve ser proibido. Embora que algumas pessoas digam que o celular pode ser utilizado em pesquisas os alunos ainda não estão devidamente preparados isso deve ser uma conscientização uma educação para o uso. Como os professores dizem os alunos acabam se envolvendo de mais com o celular e acabam não prestando a atenção dentro as aulas e acaba tendo um rendimento mais baixo. O celular dentro de sala acaba sendo uma distração.

TEXTO 4

O uso da maconha deve ser liberado, pois as pessoas tem o direito de escolha, todos sabem que a maconha faz mal a saúde apesar de ser usada também como remédio, ela pode causar algumas doenças e todos sabem disso, e se usam e porque querem assumir o risco afinal ninguém usa obrigado quem usa tem a consciência de seus atos.

TEXTO 5

O dinheiro e a fama não protegem as pessoas do racismo, pois o racismo acontece independentemente da classe social, mais o dinheiro inibe muito, até porque ninguém gosta em discriminar, atingir e humilhar uma pessoa pobre, anônima, mais as pessoas ricas e famosas eles pensam duas vezes antes de cometer um ato racista. Lembram elas, porém isso aconteceu como a foto que ocorreu com o jogador Daniel Alves que foi vítima de preconceito durante uma partida de futebol.

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO M

TEXTO 1

A pessoa que tem dinheiro, fama, consegue ficar protegido do preconceito porque consegue um bom advogado e fala na televisão da pessoa que fez isso com ele/ela, porque sabe que essa pessoa não pode falar nada sobre ele e essa pessoa ainda vai preso por bullying.

TEXTO 2

O uso do celular na sala de aula deve ser permitido para melhoria das aulas, como, acessar alguns sites, etc. Quando os alunos acabam de copiar, tendo a permissão do uso do celular, ele poderia fazer diversas coisas para não conversar na aula. Facilita o aprendizado personalizado e permite que se aprenda em qualquer hora e lugar.

TEXTO 3

O uso do celular deve sim ser permitido nas aulas porque na maioria das escolas não tem computadores suficientes para todos os alunos, embora muitas pessoas falem que o celular se for permitido nas aulas irá tirar muita atenção, já eu acho que se for permitido, os alunos poderão acessar sites que ajuda no desempenho deles mesmo.

TEXTO 4

Eu sou a favor da liberação da maconha porque cada um tem que ter a sua liberdade, sendo assim que use dentro de suas casas. Tendo a liberação muitas pessoas não iriam pedir receitas em internet e etc. Não adianta a maconha não ser liberada porque muitos ferrem em baile e outros lugares.

TEXTO 5

O dinheiro e a fama protegem sim os indivíduos do racismo, porque se fosse uma ^{pessoa} pobre querendo se defender do racismo, ele até poderia ter dificuldades, como por exemplo, talvez iria demorar a ocorrer o caso, mais se fosse uma pessoa que tenha dinheiro e fama teria mais facilidade para colocar a pessoa preconceituosa na cadeia.

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO N

TEXTO 1

9- O preconceito sempre irá existir, mas tendo muito dinheiro ou não. Portanto acredito que quando há muito dinheiro envolvido o preconceito social torna-se quase inexistente. Acredito, que no caso de Daniel Alves e de muitos jogadores negros, o preconceito existe, mas acaba sendo escondido através da fama e da riqueza então acredito sim que o indivíduo quando adquire fama fica mais "protegido" em relação ao preconceito racial.

TEXTO 2

Na minha opinião os celulares não devem ser permitidos dentro da sala de aula porque os adolescente hoje em dia incluindo eu são muito "escagerados" e "entregues" a tudo, querem varias coisas ao mesmo tempo e esse escagero todo pode sim atrapalhar no ensinamento dentro da sala pois as pessoas incluindo jovens, adultos e até mesmo eu não temos o controle de nós mesmo imagina de celular que é uma ferramenta fortíssima.

TEXTO 3

Na minha opinião os celulares não devem ser permitidos dentro da sala de aula porque os adolescentes hoje em dia incluindo eu, são muito "bragados" e "entregues" a tudo, querem várias coisas ao mesmo tempo e esse excesso pode sim atrapalhar no ensinamento dentro da sala, pois em toda a sala sempre tem aquele aluno que acaba ficando fazendo outras coisas e acaba não prestando atenção na aula, com a liberação esse aluno ficaria no celular e acabaria incentivando outros, e até mesmo aqueles que prestam atenção na aula e eles acabariam perdendo o controle da hora que usar o celular e da hora que não pode usar ele.

TEXTO 4

Eu vou a favor da liberação da maconha porque eu acredito que as pessoas tem o direito de fazer o que quiserem da vida sem que isso prejudique a minha vida e a vida de outras pessoas. Também vou a favor para o uso de medicamentos pois, canso-me de ver no fantástico que em outros países já está sendo liberada, as pessoas com doenças terminais já estão tendo tratamento por causa dessa liberação, afinal se nunca tentarmos como vamos saber se vai dar certo ou não.

TEXTO 5

Não, porque como já vimos vários casos de racismo na televisão, e recentemente com o jogador de futebol Daniel Alves que, durante uma partida de futebol terceiros jogaram bananas para o jogador, começando a chama-lo de macaco pelo fato de ser negro, na minha opinião mesmo que eles tenham fama e dinheiro isso só deixa mais ruim do racismo, pelo fato deles ficarem expostos a sofrerem ainda mais em relação as pessoas pois, ainda existem pessoas com muito preconceito.

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO O

TEXTO 1

Questão 9: ~~Eu acho que não dá para a pessoa usar o celular~~
 Eu acho que não dá, porque a pessoa que tem dinheiro e pode ter tudo que quiser não se encheita com esse tipo de coisa, porque se quiserem ~~que~~ ficar livres só fazer a cirurgia que o Michael Jackson fez.

TEXTO 2

Embora eu goste de mexer no celular, eu acho que a liberação do aparelho irá prejudicar meu estudo, tipo, tá lá o professor explicando a matéria, aí vai eu e começo a me distrair no celular. Então eu acho que o uso do aparelho dentro da sala de aula não deve ser liberado, pois, é uma forma de distração para o aprendizado dos alunos.

TEXTO 3

Embora eu goste de mexer no celular, eu acho que a liberação do aparelho irá prejudicar meu estudo, exemplo: está lá o professor explicando a matéria, aí eu e começo a me distrair no celular. Então, se o professor quiser passar algum trabalho da internet ele poderia usar seu notebook de casa ou o próprio notebook da escola. Então eu acho que o uso do celular dentro da sala de aula não deve ser liberado, pois é uma forma de distração para o aprendizado dos alunos e também já existe um aparelho com as mesmas funções do celular que é o notebook. Como exemplo a escola ZEP que possui notebooks para cada professor que trabalha na escola.

TEXTO 4

Não concordo com a liberação do celular, porque ela prejudica a ~~no~~ saúde ^{nos} pulmões e no sistema nervoso que causa perda de memória e também visão. E se não visões porque existe tantas clínicas de ajuda espalhadas pelo Brasil? Amarelo nem é legalizado e já tem um monte de gente fumando e eu acho que já deve ter um monte de pessoas com problemas nos pulmões e com perdas de memória.

TEXTO 5

Sim, porque a pessoa que sabe o vício não vai tá nem aí porque o dinheiro vai continuar no bolso. Como exemplo o jogador Daniel Alves no meio da cobrança do zézele um terceiro tá com uma banana no Daniel, ele foi porque a banana e simplesmente cometeu.

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO P

TEXTO 1

Quarta-feira, eu acho que quando a pessoa tem muito dinheiro e faz ela adotar muitas seguidores que estão ali só quando você tiver no topo se fazendo de amigo quando está interessado só no seu dinheiro.

TEXTO 2

Um uso do aparelho celular deve ser liberado, porque eu acho que seria uma forma de comunicação melhorada e uma aprendizagem além da escola através de grupos de estudo. Não adianta a gente dizer que não sem pelo menos tentar pra ver se daria certo. Deixar sempre tem que ser aprimorado até um consenso final de todos.

TEXTO 3

Um uso do aparelho deve ser liberado porque eu acho que seria uma forma de comunicação melhorada porque muitos alunos moram longe um do outro ou aqueles que não podem ir a casa da escola isso daria uma melhor forma de comunicação além das aulas como por exemplo os grupos de estudo que funcionam através das redes sociais como por exemplo o Skype, que é possível fazer chamadas com bate-papo sendo uma ótima opção de estudo. Com relação a perdidos durante o bate-papo online eu acho que quem faz e não fica de brincadeira e sim estudando quem tira nota ruim reexam eles.

TEXTO 4

Eu sou contra na legalização da maconha principalmente em relação ao tráfico de drogas, na ideia que com a legalização o tráfico de drogas seria combatido. Eu acho isso uma completa mentira já que é muito mais fácil você comprar drogas no seu bairro ou no seu esquina por exemplo do que você ir lá longe comprar legalizada não só fácil mas também mais barato. Além disso onde seriam os locais de venda, disponibilidade e quantidade para usuários.

TEXTO 5

Eu acho que sim porque existem muitas pessoas oprimidas
 doras nesse mundo. Enquanto você está no topo as pessoas
 te idolatram, se dizem ser suas amigas, mas quando
 você está no fundo as pessoas que se diziam ser suas amigas
 desaparecem e você não tem ninguém pra te ajudar.

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO Q

TEXTO 1

Questão: 9} Não, pois dinheiro não compra status
 E não adianta ser "rico" andar pelas ruas cheio
 de segurança, que a pessoa vai estar sendo protegido
 Pode ser um simples chat na rua, ou até ofensas
 virtuais.

TEXTO 2

O uso das celulares em sala de aula.
 O uso do celular deveria ser liberado para
 fins educacionais, como por exemplo, quando
 o professor pedir para conferir algum conteúdo
 em uma hora, que ele puder ser visto ali
 na hora com o uso do celular, assim sendo
 um grande adiantos para o aluno e para
 o professor que poderia passar mais matéria
 até o fim do dia.

TEXTO 3

O uso das celulares em sala de aula deveria ser liberado
 para fins de "pesquisas", como por exemplo, na aula de
 professora "Sônia" que ela passa "ED'S" os famosos estudos
 dirigidos são questionários, que apresentam suas respostas
 na "educação". Sendo assim esse conteúdo, poderia ser
 visto em sala de aula, como um tipo de pesquisa e
 assim podendo até mesmo compartilhar com informações com os
 colegas que não tinham o celular.

TEXTO 4

Na minha opinião a malinha deitada ser "lilivada" para uso da medicinal, assim podendo ser utilizada e ajudando na criação de novos remédios.

TEXTO 5

O dinheiro e fama protegem o indivíduos do realismo?

Na minha opinião, o dinheiro e a fama não protegem o indivíduos do realismo. Podemos ver isso tendo dinheiro, como o golista "Orlando" que foi chamado de maluco em pleno estádio de futebol, então pelo fato de não ter dinheiro fama e segurança, não protege ninguém de sofrer realismo.

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO R

TEXTO 1

Questão 8 → As pessoas chegam em dia se preocupam com si mesmo e não se preocupam com as pessoas que estão nos seus as pessoas que são negros. Na minha opinião as pessoas preferem pessoas pediam se pagar e pagar de 1 a 30 anos pena média. Boa e a minha opinião e qual e a sua?

Você não falar sobre o tema.

76
AHO
PROF!!!

TEXTO 2

O uso do celular para a minha opinião não deve ser permitido na sala de aula, porque isso atrapalha os professor que tem que chamar a atenção dos alunos, ou até mesmo pegar e prende-lo. Essa e a minha opinião e a sua?

TEXTO 3

Na minha opinião o uso dos celulares não pode ser usado mesmo com regras ou sem regras, porque sempre tem um mal-educado. O celular ajuda para fazer pesquisas mas tem pessoas que preferem ser as redes sociais que fazer pesquisas.

TEXTO 4

Eu sou a favor da liberdade da maconha, pois a maconha não
 faz mal a ninguém, a pessoa usa maconha porque quer e quem
 usa sabe das consequências todas com liberdade de escolha e
 que quer da vida. As escolas usam e muito como muitos casos
 de morte e acidentes de trânsito mas eu nunca usei ~~maconha~~
~~mas~~ nenhum acidente de maconha. Eu apoio a maconha
 no Brasil, não só no Brasil mas em outros países também
 mas em alguns dos países proibiram a maconha, mas para um
 não vai adiantar, por que eles vão fazer contrabandos para
 outros países, mais sabe de que sustenta para os países.

Essa é a minha opinião e a paz

TEXTO 5

Na minha opinião o narcisismo não vai acabar
 mesmo se a pessoa for rica ou pobre o narcisismo
 não acaba, o narcisismo começa quando um começa
 a olhar o seu reflexo e quando não diferencia ninguém
 ser alguma coisa somente coisas seres humanos.

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO S

TEXTO 1

QUESTÃO. TALVEZ SIM, TALVEZ NÃO TALVEZ O PATO DE SER RICO A VEZES
 PODE FALHA SE A OUTRA PESSOA NO CASO O "RABISTA" TAMBÉM POSSA SER RICO
 O MILIONÁRIO, DE QUALQUER FORMA NINGUÉM PODE FUGIR DO PRECONCEITO
 NÃO SÓ RACIAL DE TANTAS FORMAS DE PRECONCEITO NÃO EXISTE
 UMA SOLUÇÃO IMEDIATA

TEXTO 2

O uso dos celulares deveria ser permitido
 por que ajudaria não só nos estudos,
 mas também poderia ser parte do ensino
 e "auxiliar" (Auxiliar) para professores e
 alunos. Como acessar em site de educação
 e para ter uma aula mais prática
 Talvez para ensinar um pouco disso no
 uso da tecnologia no mundo, a atualizar
 pessoas que em seu tempo não são
 acessíveis.

TEXTO 3

27/11/2019
 O uso das substâncias deveria ser liberado nos locais
 para uso recreativo, mas há nos estudos, mas também
 falta-se há parte do mesmo. Como o usuário não pode
 ser mais objetivo em sua pesquisa e vários modos
 de aprender.

É muitas vezes necessárias para quem não tem um
 pé na segurança, assim como os farmacêuticos, que
 não são tão objetivos.

TEXTO 4

Na minha opinião, a maconha deveria, sim, ser liberada, mas
 para uso recreativo para ajudar a medicina, com total
 segurança para consumidores necessitados da droga.

Com toda essa segurança, o produto deveria também
 ser industrializado, e com toda orientação para consumo
 próprio, com o uso e quantidade controlados. Deveria
 também ser liberado para pessoas com necessidades
 específicas para usar a droga.

TEXTO 5

Bom, na minha opinião, o dinheiro pode sim, prote-
 ger indivíduos de tais preocupações como entrar em
 qualquer estabelecimento sem se preocupar. Mas é
 claro, que não o preço, das coisas e fundamentos
 repulsivos das pessoas e toda a negatividade que uma
 pessoa racista tem em ser uma pessoa, mas qual da
 não se identifica racialmente ou racionalmente!

A fama, traz aquela pessoa que nunca temia o que
 via ser produzido. Pode até fazer com que isso não
 aconteça. (o racismo) mas é quase impossível

SEQUÊNCIA DE TEXTOS DO ALUNO T

TEXTO 1

Questão 9 - Eu acho que a pessoa não fica muito perto da sua fama porque assim como aconteceu com Daniel Alves, pode acontecer com qualquer um, com o Wagner faz de por si assim que é um jogador negro, ^{me} _{mu} na mídia recebe muita coisa, porém a fama não protege ninguém de nada, um preconceito racial ou de qualquer coisa, o dinheiro não faz ninguém esquecer ninguém quando tem que acontecer acontecer.

TEXTO 2

O uso de celulares em sala de aula na minha opinião é errado, porque vai atrapalhar muito no aprendizado dos alunos, mesmo eles falando que não vai atrapalhar assim. Primeiro que não vão querer estudar fazer as provas, aqui na escola eles não sabem porque sabem que atrapalha, mas usam mesmo assim, os professores falam mais de mil vezes para parar de usar e prestar atenção na aula ou mexer assim nas vezes nas aulas porque o vício é forte, mais ainda desce muito em esse liberdade os alunos perder muito o foco para o futuro e digitar muito também não é legal uma coisa nas vezes faz bem.

TEXTO 3

O uso de celulares em sala de aula, na minha opinião, é errado, porque pode atrapalhar em algumas coisas, mais também pode ajudar com seus ferramentas, estudantil, como o dicionário e tradutores etc. Mas mesmo assim não modernizar as coisas, e também o aprendizado mais não precisam ter uma conexão no uso dos celulares, não mexer nas horas de explicações, não usar os sites sociais.

TEXTO 4

Eu sou a favor da liberação da maconha, porque ela pode
 ser muito útil para a medicina e para os medicamentos, pois
 o Tio João e o Alvaro fazem muito mal o corpo e estão experientes
 para os problemas, apesar de não fazer um tratamento maior a
 saúde e pode levar até a morte de cada um, tirando vidas e
 fazendo os jovens se afundar no vício de cada vez mais.
 Na minha opinião, quando precisam e para o bem da mãe,
 eu acho liberado o controle seria maior, poderiam vender
 para maiores de 18 anos e os que precisam para uso
 medicinal teriam que ter uma receita médica com a auto-
 rização dos pais.

TEXTO 5

Na minha opinião os direitos e a fama
 não protegem os indivíduos do racismo,
 porque o jogador Daniel Alves passou pela
 situação de racismo em uma partida de
 futebol e jogou sozinho se preparando
 para sofrer um escanteio quando uma
 pessoa da torcida jogou uma banana
 no jogador mais de vezes ele pegou a
 banana de cabeça e caiu, depois desse
 dia alguns jogadores começaram a fazer
 uma campanha nos redes sociais com
 uma foto segurando uma banana e
 na legenda estava #SomosTodosMacacos.
 Essa campanha ajudou a combater o racismo
 com o Daniel, mais mesmo assim nos
 dias de hoje existe um ser negro que
 insistem em fazer isso.

Acho que o racismo só vai acabar
 quando todos colocarem na cabeça que
 somos todos iguais que a cor não importa,
 o que importa é o mesmo caráter, temos
 que acabar com essa ignorância
 racial, precisamos de um país melhor.

ANEXO G

TEXTO DO ALUNO A

Posicionamento do Autor: o autor foi contra o uso do celular.

Qualidade da argumentação: Ruim, pois o texto não foi objetivo e o uso da linguagem coloquial (informal) foi utilizado, deixando o texto fraco. Não houve consulta a nenhuma pesquisa, o que leva o leitor a desacreditar nas palavras do autor, que foram fracas.

Contra - argumentação: A₁ → a autora do texto cita que o celular é uma forma de distração para o aprendizado dos alunos. O argumento da autora é fraco e vazio, pois o celular pode ser um meio pelo qual o aluno possa buscar conhecimento fora de sala e adquirir novas

ideias para formar o seu pensamento crítico.

A₂ → a autora também cita que se o celular fosse utilizado em sala de aula, sua atenção se desvia para o aparelho na hora da explicação da matéria, o que na verdade, só ocorreria se o uso do celular fosse desregulado. Para não haver distração nas aulas, os professores poderiam utilizar o método de entrar em um acordo com os seus alunos e organizar como seria e quando seria permitido o uso do aparelho móvel.

TEXTO DO ALUNO B

• O autor do texto fez um começo confuso porque começa afirmando uma coisa que muitos sabem que o uso dos celulares nas salas de aula é uma questão de gestão diversificada, e depois fala "devoramos sim usar" sem explicar o que deveria ser usado.

• É no final do texto o autor afirma "é preciso sim o uso da tecnologia dentro das salas de aula", mas o texto deveria se referir ao uso do celular em sala de aula e não a tecnologia e de tecnologia em sala de aula por temas como internet e data science.

TEXTO DO ALUNO C

Posicionamento do autor: a favor do uso de celulares em sala de aula!

Qualidade da argumentação: a qualidade da argumentação foi baixa porque o autor, não sabe se expressar e desenrolar o texto, de forma que fica bem difícil de contra-argumentar.

1º não sabemos que não é bem positiva, a argumentação do autor em questão, porque ninguém poderá garantir que iriam fazer somente, pesquisas, porque existe a possibilidade de alguns alunos entrarem em redes-

social, ou jogar algum tipo de game.

TEXTO DO ALUNO D

Posicionamento do autor: A favor do uso de celular.

Qualidade da argumentação: Mediana.

Argumentos bons porém fácil de ser contra-argumentado.

Contra-Argumentação:

Argumento 1: Facilitar o trabalho dos professores

Este argumento está errado porque poderia tanto como ajudar como atrapalhar

porque talvez os alunos não teriam consciência de estar na internet

Argumento 2: Limitações como redes sociais

Se o aluno usar a internet da escola teria como bloquear alguns sites mas se ele usar a própria internet não teria restrições

TEXTO DO ALUNO E

Posicionamento do autor: a favor do uso do celular
 Qualidade da argumentação: ruim. Acho que ele deveria ter citado
 mais seu texto pesquisas ele não explica muito, e texto
 também muito só um exemplo + voto

Contra argumentação

Ai deliberou para fins educacionais: O autor diz que ajudaria
 para fazer pesquisas e não precisaria fazer em casa. E

Eu não concordo, acho que trabalha, pesquisa para casa
 ajuda muito no ensino, e depois fazendo tudo na aula,
 se chega em casa não iria nem tocar no celular
 Tanto como exemplo: eu, e mesmo depois da ^{depois} ~~depois~~
 alguns alunos não fazem mais coisa sem ser ajudado também

Tanto como exemplo: meus colegas do sala de aula...

TEXTO DO ALUNO F

- Posicionamento do autor: Contra o uso de celulares na sala de aula.
- Qualidade da argumentação: Mediana, pois seu argumento está certo, porém falta alguma coisa.
- Contra argumentação:

• Os alunos não vão querer fazer prova:

Em minha opinião esse argumento é fraco, pois alunos não tem que querer fazer prova, com ou sem a liberação do celular na sala, eles tem que fazer a prova, se eles não querem fazer prova, estão estudando para o que? Estão na escola

para o que ?

• atrapalha no aprendizado :

As células não atrapalha, pelo contrário, ele pode ajudar, e bastante. Por mais que exista o "vício" de mexer em redes sociais, eu acredito que exista a consciência de que na escola não é lugar para usá-los. E o celular pode ser um instrumento estudantil, como dicionário, tradutor, e a tão ditos, e óbvia, fonte de pesquisa.

TEXTO DO ALUNO G

Posicionamento do autor: A favor da liberação do uso de celulares nas salas de aula.

Qualidade da argumentação: O texto tem argumentos falídicos, porém o autor não usou nenhuma pesquisa como base, ou seja, uma pesquisa que confirme o que foi dito. Além disso, o autor usou argumento que não se encaixa no assunto.

Contra argumentação:

A1: O autor diz que o uso dos celulares ajudaria os alunos e os professores facilitando a aula. Realmente,

TAMBORE

CAH 1989 - Folha de Controle A e B

mas, com base numa pesquisa numa escola brasileira que liberou o uso dos celulares em aula diz que a distração nos alunos aumentaram, e que a maioria usava essas redes sociais na hora errada, fazendo com que atrapalhassem os professores e o aprendizado dos alunos.

A2: O autor diz que "TALVEZ" poderia-se "ensinar um pouco dessa nova era da tecnologia". Isso não faz juízo algum com o assunto! Além de dizer "talvez", o que nunca devemos fazer numa argumentação, ele acrescentou algo mais ligado à informática. Totalmente sem nexo.

TEXTO DO ALUNO H

- Posicionamento do autor: Ele é a favor da liberação de celulares em sala de aula.

- Qualidade da argumentação: razoável, não muito convincente.

- Contra argumentação:

argumento 1: Proibir não adianta. → Claro que proibir adianta, a pessoa sabendo que utilizar o celular em sala é proibido, com certeza ela vai regular o uso e não irá atrapalhar a aula.

argumento 2: Os diretores tem que ser iguais. → Não. Professores diretores etc não estão na escola pra aprender e sim para ensinar, e no meu ponto de vista professores sabem regular o uso muito mais que os alunos.

argumento 3: Ajudaria no aprendizado → Não acho que ajudaria. Muitos alunos fingiriam estar estudando quando estariam navegando em redes sociais, eu acho o data show suficiente pra que a maioria dos trabalhos em sala são iguais para todos.

TEXTO DO ALUNO I

Posicionamento do autor: Contra o uso dos celulares

Qualidade da argumentação: Qualidade mediana

Falta de base, que não nos deixa ter certeza do que está sendo falado.

- Contra argumentação:

Aj → "se liberarem os celulares os alunos iam achar que poderiam usar quando quiserem..."

→ Sabemos que se o uso é liberado, os alunos poderiam sim mexer a qualquer momento. Não há provas que o aluno estaria tirando bom ao mexer no aparelho, talvez ele esteja fazendo alguma pesquisa sobre algo que foi dito pelo professor. Embora a maioria dos alunos

Já mandem todos ao pegar o aparelho, não talvez o que todos fazem ao pegar o celular. Nem todo mundo tem o mesmo pensamento igual.

A₂ → Querer não é poder. O fato do aluno querer pesquisar as respostas na internet, não quer dizer que ele vá pesquisar. Se o celular for liberado em algumas horas, um horário que, com certeza não seria liberado é no momento de prova. Porque prova é para testar o conhecimento do aluno, e não para ser liberado o uso do celular em momentos de prova. A afirmação precisa de argumentos mais fortes porque é fácil de destruir.

TEXTO DO ALUNO J

- **POSICIONAMENTO DO AUTOR:** ^{nação} Contra o uso do aparelho.
- **QUALIDADE DA ARGUMENTAÇÃO:** Prova. O autor apenas cita uma pesquisa e diz, "Se prejudica o aprendizado não (ser) liberado". Ele deveria usar mais argumentos para comprovar sua resposta.
- **CONTRA - ARGUMENTAÇÃO:**

A₁ - "mais de 90% dos alunos admitem utilizar o celular". O autor não diz exatamente se eles mexem no celular, os alu-

nos podem muito bem estar utilizando o celular para obter informações sobre a tal matéria, resolver contas na calculadora, utilizar o tradutor ou procurar algo na internet para o professor.

A₂ - "Prejudica o aprendizado e não deve ser liberado".

Porque? quais são as consequências? o autor não cita.

TEXTO DO ALUNO K

Posicionamento do autor: A favor das celulares na sala de aula.
 Qualidade da argumentação: fraca, o argumento que o Reman usou foi fraco; um argumento que não conseguia mecher a minha opinião:

Contra-argumentação:

A1 → "Um celular tem muitos recursos que não se encontram em livros escolares." → Sim, tem recursos, entretanto estamos falando de liberar celulares com internet em sala de aula, Será que todos os alunos aproveitarão os esses recursos?, alguns podem até os aproveitar os recursos, mas a maioria ficará em redes sociais e assim ficarão desinteressadas.

A2 → "Os celulares poderiam substituir o computadores, desde que fossem usados somente para os trabalhos escolares." → Primeiro não temos computadores para substituí-los, muitos dos vezes os professores que trazem de casa. E mormente, quando falamos de deve ou não liberar os celular na sala de aula, não estamos nos referindo aos os trabalhos escolares e sim, para qualquer tipo de uso.

TEXTO DO ALUNO L

Posicionamento do autor: A favor da liberação de celulares na escola:

Qualidade da argumentação: A argumentação foi mediana, pois a argumentação tem sua base no achismo e não tem nada que compare a argumentação e até um pouco lambiscante apesar disto.

Contra-argumentação:

A1 → "Eu não acho que ser permitido, distraia os alunos e desvirtua a atenção das aulas? Você acha isto mais a vários estudos que indicam ao contrário que dizem que os alunos se concentram mais nos celulares quando se distraíndo e assim se prejudicando nos estudos.
 A.2 → "Mesmo que alguns alunos meçam escondido por

ser proibido eles não ficam o tempo todo: no parágrafo acima você diz que os celulares não distrai os alunos, mas agora diz que eles ficam nos celulares durante as aulas, mas não pensa que o tempo que eles estão mecendo estão distraídos e desatentos.

TEXTO DO ALUNO M

Posicionamento do autor: *ele é a favor.*

Qualidade da argumentação: Boa, porque ele diz que o celular deve ser liberado na sala de aula, porém, sem ultrapassar o limite.

Contra-argumentação: O celular não deve ser permitido na sala de aula porque além dele facilitar à aula do professor, ele irá tirar muita atenção do aluno, também como ele poderia enganar o professor dizendo que está no site pedido por ele e não está, tá ouvindo música, etc.

A¹ → Não deve ser liberado o celular na aula para entrar em sites pedidos pelo professor porque para isso tem computadores nas escolas.

TEXTO DO ALUNO N

Posicionamento do autor: o autor acredita que o uso do celular deve ser sim permitido porque assim melhora o uso da comunicação e é uma forma de aprendizagem através de grupos de estudos.

Qualidade da argumentação: mediana porque as propostas foram mal elaboradas foram ideias que as pessoas rapidamente perceberiam porém, no final do texto o autor diz que não adianta dizer não para a liberação do celular dentro de sala de aula se não tem

Tentamos isso foi bem pensado.

Contra-argumentação: Proponentes: O autor começa o texto dizendo: "Porque eu acho que na minha opinião se o autor acha ele não tem certeza de nada." Depois diz que poderia formar grupos de estudos para melhorar o aprendizado, sinceramente, não daria certo formar grupos porque acabariam tendo outros assuntos e o grupo acabaria perdendo o foco.

TEXTO DO ALUNO O

Periciamente da autora: A favor.

Qualidade da argumentação:

Eu não concordo, porque eu acho que iria diminuir a atenção que estão no material para o site que poderia não ser de estudo.

Contra-argumentação:

A1: acerca de alguns sites: que sites? A autora não especifica os sites que os alunos poderiam estudar.

A2: Permite que se aprenda em qualquer hora e lugar?

A autora afirma que com o celular pode aprender em qualquer hora e lugar, sem ter certeza. Sem o celular também pode aprender em qualquer hora e lugar.

TEXTO DO ALUNO P

- Posicionamento do autor: contra
- Qualidade da argumentação: O autor poderia ter argu-
mentado mais
- Contra-argumentação

A1: O celular atrapalha o aprendizado
 p O celular pode ser facilmente usado pro estudo ou pesquisas e terminado esse recurso desliga do e usado em outro momento

A2: Com celular perdemos o foco da aula
 p Não necessariamente, como usamos o celular exclusivamente para o estudo seria difícil

l de perdemos o foco da aula principalmente se os celulares tiverem um bloqueio de sites de jogos, redes ou até mesmo redes sociais.

TEXTO DO ALUNO Q

Posicionamento do autor: defendeu o uso de celular em sala de aula.

A qualidade de ~~argumentação~~ argumentação é boa, porém poderia ser tirado em consideração alguns aspectos vistos em sala de aula.

Contra-argumentação
 A1 -> No texto a pessoa diz que deveria ser guardado o áudio da sala, mas se levar em conta o barulho em sala seria impossível ser guardado e sem chiados e gritaria.

A2 -> O fato do celular ser utilizado para fazer pesquisa em um certo ponto não concorda, pois invés de ser feito o trabalho

de casa ser feito em aula ou algo que a matéria não tenderia.

TEXTO DO ALUNO R

Posicionamento do autor: Não é uma boa opinião.
 Qualidade da argumentação: Eu não gostei do texto, dele, porque fala que pode ser liberado, mas não mesmo opinião, não pode ser liberado porque atrapalha o ensino do aluno nas escolas.
 Contra Argumentação:

A tecnologia: A tecnologia hoje em dia está bem mesmo, mas tem certos tipos de coisa no nosso celular, eu, computador que não pode ter isso também e coisa da tecnologia. A tecnologia não coloca coisas ruins, mas celular e computadores, mas colocam algumas.

A pesquisa: O computador e quem pra fazer pesquisas celulares, tablet e etc. Dependendo das pesquisas, mas fazem a entender mais a melhor. Mas eu queria saber que se não existisse a tecnologia ninguém fazer pesquisas no celular.

TEXTO DO ALUNO S

A favor da liberação
 Qualidade: É boa, um bom texto com ótimo finalização, porém poderia desenvolver mais sua argumentação.

Argumento: Pesquisa sobre materiais.
 Bom, no lado de o aluno tiver algum dinheiro, o professor não está em pé no meio perguntando se algum entende a boa. E também, não existe no internet. Existem livros também.

Argumento: Notebook dado pela professora.
 O aluno tem todo o tempo para pesquisas, seja um notebook, um celular ou um livro. Não é um caso de falta de explicação, é mais a preferência do aluno em determinar sua pesquisa.

TEXTO DO ALUNO T

Posicionamento do autor: A favor da liberação.

Qualidade da argumentação: mediana, porque a pessoa não desenvolve seu ponto de vista.

Argumento 1 - O autor fala no texto que "O uso do celular em sala deve ser liberado, para pesquisas escolares.

esse ponto de vista dele foi fraco, porque na própria escola já temos sala de informática e geralmente não fazemos pesquisas em sala e também esse argumento foi muito mal explicado de ser necessário ter um celular mais para os alunos entender.

Argumento 2 - O autor fala que o celular deve ser liberado para o uso da educapédia.

Porém nem todos os professores usam a educapédia, acho que seria bastante uma desculpa para o uso dos sites educapédia seria muito pouco para a liberação.

Argumento 3 - O autor fala que devemos usar o celular também para o meio de comunicação.

Não entendi muito, que meio de comunicação? Quais meios de comunicação? Necessariamente precisaria do celular? Na minha opinião o melhor meio de comunicação seria a fala.